

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP**

MARIA TERESA SILVA BIAJOTI

**A PRESENÇA DO LEITOR NA REVISTA
CAPRICHÔ: UMA ANÁLISE DIALÓGICA**

ARARAQUARA – S.P.
2016

MARIA TERESA SILVA BIAJOTI

A PRESENÇA DO LEITOR NA REVISTA *CAPRICHOS*: UMA ANÁLISE DIALÓGICA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP/Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, organização e funcionamento discursivos e textuais.

Orientador: Prof.^aDr^a Marina Célia Mendonça

Agência de fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

BIAJOTI, Maria Teresa Silva

A presença do leitor na revista Capricho: uma análise dialógica / Maria Teresa Silva BIAJOTI – 2016
114 f.

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Marina Célia Mendonça

1. Gêneros do discurso. 2. Esfera jornalística. 3. Estudos bakhtinianos do discurso. 4. Leitor. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MARIA TERESA SILVA BIAJOTI

A PRESENÇA DO LEITOR NA REVISTA CAPRICHÔ: UMA ANÁLISE DIALÓGICA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP/Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, organização e funcionamento discursivos e textuais.

Orientador: Prof.^aDr.^a Marina Célia Mendonça

Bolsa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Data da defesa: 18 de maio de 2016

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof.^a Dr.^a Marina Célia Mendonça (UNESP/FCLAr)

Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Assunção Aparecida Laia Cristóvão (UNESP/FCLAr)

Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Jauranice Rodrigues Cavalcanti (UFTM/Uberaba)

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Aos meus pais, Lucia e Sebastião, pelo incentivo e por tanta dedicação.

À minha família pelo amor e incondicional apoio.

Ao meu amor, Filipe, pelo companheirismo, amor e por viver comigo grandes sonhos.

AGRADECIMENTOS

Especial gratidão aos meus pais, Lucia e Sebastião, pelo amor, por incentivarem meus estudos e por me apoiarem em todos os momentos.

À minha família pelo incentivo, pelo amor que nunca falta e por tudo que representam para mim. Especialmente aos meus irmãos: Emerson e Julio, por todo apoio sempre que precisei, ao Richard, pela paciência em me ajudar em momentos de dificuldade, e à minha irmã Rita, pelo carinho e pelas palavras especiais de incentivo.

À minha sobrinha Maria Alice pelo amor e por tornar os meus dias mais alegres.

Ao meu amor, Filipe, por ser imprescindível na minha vida, pelo companheirismo, amor e por ter participado de todas as etapas desta pesquisa, sempre me motivando. Agradeço por compartilharmos a vida.

À Camila, pela amizade, pelo carinho, pela companhia especial, por compartilhar comigo tantos momentos bons e por ter acompanhado de perto o desenvolvimento deste trabalho.

À Aline, pelas palavras de motivação, por termos compartilhado das dificuldades e bons momentos da pós-graduação, e por ter acompanhado de perto, principalmente na reta final, a realização desta pesquisa.

À Monique, pela amizade, pelas horas de companhia na biblioteca, pelos muitos bons momentos que vivemos desde o início do mestrado.

À minha orientadora, Prof^a Dr.^a Marina Célia Mendonça, pela oportunidade, dedicação, paciência e pela orientação que possibilitou o desenvolvimento deste trabalho.

Aos amigos e docentes da PPGLLP pela amizade e pelas discussões teóricas e acadêmicas que contribuíram no desenvolvimento desta pesquisa.

À Unesp Araraquara pela oportunidade em realizar o mestrado.

À CAPES, que financiou esta pesquisa durante dois anos.

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (Bakhtin/Voloshinov, 2014, p.99)

RESUMO

A proposta desta pesquisa, embasada nos estudos bakhtinianos do discurso, é investigar enunciados verbais e não verbais da revista impressa para adolescentes *Capricho* a fim de refletirmos sobre as diversas vozes de leitores que o periódico traz em suas matérias, compondo uma rede de compartilhamento de opiniões, diferentemente do jornalismo convencional, em que se busca embasamento para as matérias em opiniões/posicionamentos de profissionais nos assuntos tematizados nos textos. Assim, investigamos quais os espaços de maior interação das vozes de leitores na revista e como se dá a presença dessas vozes em diferentes seções, considerando a presença de discursos que não seriam considerados de “autoridade” nos gêneros jornalísticos convencionais e refletindo sobre o modo como dialogam as diversas vozes que a revista traz. De acordo com Bakhtin e seu Círculo, o trabalho de investigação de um material linguístico concreto lida inevitavelmente com enunciados concretos relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação. Assim, o uso da língua está relacionado com as diversas esferas sociais, e em cada uma dessas esferas os gêneros se formam e se diferenciam a partir das suas finalidades discursivas, dos participantes da interação e das suas relações sociais. Na noção de gênero discursivo proposta por Bakhtin, a linguagem é um fenômeno social, histórico e ideológico. Dessa maneira, o autor define os gêneros do discurso como tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados de acordo com as condições específicas de cada esfera de atividade humana. Portanto, essas esferas ocasionam o surgimento de tipos de enunciados, que se estabilizam de forma precária e mudam em função de modificações nessas esferas. Neste trabalho, refletimos sobre a proposta bakhtiniana de se considerarem os gêneros do discurso como espaços de estabilidade/instabilidade.

Palavras-chave: Gêneros do discurso. Esfera jornalística. Estudos bakhtinianos do discurso. Leitor.

ABSTRACT

The purpose of this research, based on Bakhtin's speech studies, is to investigate verbal and nonverbal statements from teen magazine *Capricho* in order to reflect about the various voices of readers that the magazine brings to compose its stories, creating a sharing network opinions, different from conventional journalism, in which speech search basement for the content in opinions / professional positions in the issues themed in the texts. Thus, we investigated which are the areas of greater voices interaction of readers in the magazine and how the presence of these voices in different sections work, considering the presence of speeches that would not be considered "authoritative" in conventional journalistic genres and reflecting about the way how these voices dialogue with the magazine brings. According to Bakhtin and his Circle, the research work of a concrete linguistic material inevitably deals with concrete statements related to different fields of human activity and communication. Thus, the use of language is related to the various social spheres, and in each of these spheres, the genres are formed and differentiate from their discursive purposes, the participants of the interaction and their social relations. In the notion of discursive genre proposed by Bakhtin, language is a social phenomenon, historical and ideological. In this way, the author defines the speech genres as relatively stable types of utterances designed according to the specific conditions of each sphere of human activity. Therefore, these spheres cause the emergence of types of statements, which are stabilized precariously and change in these spheres modifications function. In this way, we reflect on Bakhtin's proposal to consider the speech genres as spaces of stability / instability.

Key Words: Speech genres. Journalistic sphere. Bakhtinian studies of speech. Reader.

Lista de Figuras

Figura 1- Índice <i>Capricho</i>	59
Figura 2 - Seção <i>diz aí</i>	61
Figura 3 - Seção <i>Você</i>	62
Figura 4 - Seção <i>Você</i>	62
Figura 5 - Seção <i>Você</i>	63
Figura 6 - Seção <i>Você</i>	63
Figura 7 - Reportagem 1.....	65
Figura 8 - Reportagem 1.....	66
Figura 9 - Reportagem 2.....	76
Figura 10 - Reportagem 2.....	77
Figura 11 - Reportagem 2.....	78
Figura 12 - Reportagem 2.....	79
Figura 13 - Coluna de aconselhamento 1.....	89
Figura 14 - Coluna de aconselhamento 2.....	95

Sumário

INTRODUÇÃO.....	12
1. ESTUDOS DO CÍRCULO DE BAKHTIN	18
1.1 Enunciado, diálogo e gêneros discursivos	19
1.1.1 O conceito de estilo	24
1.1.2 Estabilidade e instabilidade	27
1.1.3 O discurso de outrem.....	29
1.2 Tema e Significação	32
1.3 Esferas de atividade	34
2. A ESFERA JORNALÍSTICA: O SUPORTE REVISTA	40
2.1 O estilo jornalístico revista.....	41
2.1.1 Questões sobre o suporte revista impressa	41
2.1.2 As características do jornalismo de revista.....	44
2.2 O gênero jornalístico reportagem	50
3. ANÁLISE DIALÓGICA: A REVISTA <i>CAPRICHÔ</i>	55
3.1 A revista <i>Capricho</i> : o leitor em foco	55
3.2 Procedimentos metodológicos	58
3.3 Análise dialógica do <i>corpus</i>	63
3.3.1 A presença da voz do leitor na constituição do gênero discursivo reportagem..	63
3.3.2 O leitor como voz de autoridade em colunas de aconselhamento	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103
ANEXOS.....	107
ANEXO A - Coluna de aconselhamento da seção <i>Moda e Beleza</i>	107
ANEXO B - Coluna de aconselhamento da seção <i>Você: Ela disse/ele disse</i>	108
ANEXO C - Reportagem presente na seção <i>Você</i>	109
ANEXO D - Coluna de aconselhamento da seção <i>Você: Terapia de grupo</i>	113
ANEXO E - Subseção <i>Micos</i> presente na seção <i>Diversão</i>	114

INTRODUÇÃO

O estudo apresentado está relacionado com a teoria bakhtiniana, a qual postula que os indivíduos utilizam-se dos enunciados oriundos das esferas da atividade humana ou práticas sociais que se produzem, se constituem nelas. São, portanto, as esferas que regularizam e legitimam as atividades sociais que, por sua vez, elaboram seus “tipos relativamente estáveis de enunciado” (BAKHTIN, 2011, p.262), os chamados gêneros do discurso. Essas esferas são multiformes e, por isso, os gêneros do discurso apresentam diversidades infinitas.

Para Bakhtin (2011, p.283), “aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero”. Ao relacionar gênero do discurso à atividade social, à interação, esse pensador (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2014) afirma que são a situação social e os participantes mais imediatos que determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação. Considerando-se a presença necessária dos gêneros do discurso nas atividades de linguagem dos sujeitos, justifica-se a importância do estudo dos gêneros materializados nas diversas práticas sociais.

É nesse contexto que se insere a nossa pesquisa, um estudo dos gêneros do discurso jornalístico a fim de refletir sobre a presença da voz do leitor adolescente em revista voltada a esse público, uma voz de suposta “autoridade” dentro dos gêneros presentes na revista. Analisamos na revista impressa para adolescentes *Capricho* as diversas vozes de leitores que o periódico traz para compor suas matérias.

Dentre várias técnicas argumentativas para sustentar um posicionamento, temos o argumento de autoridade, que procura conferir credibilidade ao tema abordado. Para que se tenha uma eficácia na argumentação é preciso que as referências abordadas sejam coerentes com as ideias defendidas pelo orador e que sejam aceitas pelo auditório.

O argumento de autoridade pode ser entendido como um argumento de prestígio, o qual faz uso de atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo como meio de prova a favor de uma tese. Cada argumento de autoridade tem seu valor para cada público; esse argumento depende do público alvo da revista, já que esse argumento não tem o mesmo valor para destinatários diferentes. Assim, esse argumento depende do prestígio dessa autoridade junto aos seus leitores, reforçando os argumentos e instaurando um valor de "verdade" para esse público (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 347). Vale destacar que nesta pesquisa o argumento de autoridade foi pensado e discutido dentro dos gêneros discursivos.

O jornalismo, em diversas manifestações, abre espaço para opiniões de leitores, e o gênero mais comum em que essa opinião aparece é a carta do leitor, comumente presente em veículos impressos como jornais e revistas. Entretanto, na revista impressa *Capricho*, a voz do

leitor aparece não só na carta do leitor, mas também em reportagens e colunas de aconselhamento, compondo uma rede de compartilhamento de opiniões.

Este trabalho, que analisa gêneros discursivos veiculados na revista *Capricho*, justifica-se pela singularidade desse modo de aparecimento da voz do leitor na revista. Também se justifica pelas contribuições que os resultados podem oferecer aos profissionais da linguagem e professores que estão interessados no tema da estabilidade/instabilidade dos gêneros discursivos com relação ao meio de circulação e o advento das novas mídias. A pesquisa também pode contribuir com resultados interessantes para os profissionais do campo da Comunicação Social, em especial para os que se dedicam ao estudo ou trabalham com os gêneros jornalísticos.

A fundamentação teórica desta pesquisa tem como eixo central os estudos bakhtinianos do discurso. Bakhtin vai teorizar sobre o gênero levando em conta o processo de produção, ou seja, de que maneira os gêneros se constituem, pensando no vínculo entre a utilização da linguagem e as atividades humanas. Para Bakhtin, o caráter e os modos de utilização da língua estão sempre relacionados com as esferas de atividades humanas (BAKHTIN, 2011).

Assim, os seres humanos agem em esferas de atividades, e essas implicam na utilização da linguagem na forma de enunciados. Esses, por sua vez, são sempre produzidos dentro dessas esferas de ações, e são determinados pelas condições e pelas finalidades específicas de cada uma. Essas esferas ocasionam o surgimento de tipos de enunciados, que se estabilizam de forma precária e mudam em função de modificações sociais. Assim, podemos dizer que cada esfera de utilização da língua produz tipos relativamente estáveis de enunciados (BAKHTIN, 2011).

Vale ressaltar que a variedade de gêneros do discurso é infinita, pois as atividades humanas são inesgotáveis, e cada esfera de atividade permite um conjunto de gêneros do discurso que se diferencia e se modifica com ela (BAKHTIN, 2011). Assim, os gêneros estão ligados às situações sociais de interação, e mudanças nessa interação gerarão alterações nos gêneros.

É nesse espaço teórico que se situa esta pesquisa, e os conceitos que serão mobilizados são essencialmente: enunciado concreto, gêneros do discurso, estilo, tema e significação, discurso de outrem, esfera de atividade e diálogo.

Considerando, como afirmado anteriormente, que a voz do leitor na revista impressa *Capricho* se configura como uma suposta voz de autoridade dentro dos gêneros jornalísticos, e que a revista constitui-se como espaço de compartilhamento de opinião, a pesquisa tem

como objetivo investigar enunciados verbais e não-verbais a fim de refletirmos sobre a maneira como se concretiza a presença da voz do leitor adolescente em diferentes gêneros do discurso presentes neste periódico impresso. Pretende-se, com isso, dialogar com o pressuposto bakhtiniano acerca da estabilidade/instabilidade dos gêneros - ou seja, nossa hipótese é que as diferentes formas de aparecimento da voz do leitor produz alterações importantes nos gêneros jornalísticos nesta revista.

Assim, os objetivos desta pesquisa são:

Geral:

- Realizar uma análise discursiva de gêneros do discurso jornalístico, a fim de observar a presença da voz do leitor adolescente como voz de “autoridade” ou não dentro dos gêneros jornalísticos da *Capricho* impressa e refletir sobre a possibilidade de a revista constituir-se como um espaço de compartilhamento de opinião.

Específicos:

- Investigar como se dá a presença da voz do leitor em gêneros jornalísticos da revista, considerando a presença de discursos que não seriam considerados de “autoridade” em grande parte dos gêneros jornalísticos e refletindo sobre o modo como dialogam as diversas vozes que a revista traz (neste caso, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre gêneros jornalísticos).
- Investigar como a presença dessa voz de autoridade faz configurar os gêneros reportagem e coluna de aconselhamento, refletindo sobre a forma composicional e o estilo dos gêneros jornalísticos.
- Investigar a relação entre a linguagem verbal e não-verbal presente nos gêneros jornalísticos.
- Contribuir com os estudos sobre os gêneros do discurso e sua estabilidade/instabilidade, tema caro aos trabalhos desenvolvidos na área da Análise Dialógica do Discurso.

O *corpus* desta pesquisa de mestrado constitui-se de 24 exemplares da revista impressa *Capricho* veiculados quinzenalmente no ano de 2013, ano em que foi elaborado o projeto de pesquisa. Os exemplares foram adquiridos em sebos de revistas.

Observamos na revista que a presença do leitor ocorria em algumas seções, como a *Diz aí*, *Moda e Beleza* e *Você*. Ao realizarmos uma leitura em busca das singularidades que a voz do leitor produziria nos gêneros jornalísticos, notamos uma maior presença dessa voz na seção *Você*, uma seção que apresenta temas sobre relacionamentos, comportamentos e sexo.

Assim, selecionamos dois gêneros presentes nessa seção *Você* em que essa voz aparecia como uma suposta voz de autoridade: os gêneros jornalísticos reportagem e coluna de aconselhamento. A partir de uma seleção qualitativa e baseada nos nossos objetivos, selecionamos para a análise duas reportagens e duas colunas de aconselhamento presentes em edições da revista impressa.

Essa análise se dá partindo da proposta metodológica da análise dialógica do discurso. Brait (2004) destaca que no conjunto das noções da análise do discurso o que está em questão é a linguagem em uso, são os processos de construção do sentido e de seus efeitos, as formas de diálogo entre sujeitos sociais, históricos, discursivos e as formas do dizer e do ser no mundo. A noção de que os sentidos se dão na interação social, de que a língua não é um organismo autônomo, de que os discursos existem e têm sua identidade num permanente diálogo, inclui, ao mesmo tempo, as materialidades verbais e extraverbais características de uma dada atividade humana e suas combinatórias possíveis.

As contribuições bakhtinianas para uma teoria/análise dialógica do discurso constituem-se de conceitos, noções e categorias que especificam a postura dialógica diante do corpus discursivo, da metodologia e do pesquisador. A importância de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e se interdefinem, e do compromisso ético do pesquisador com o objeto, que, dessa perspectiva, é um sujeito histórico (BRAIT, 2006).

Colocamos em relação enunciados, na tentativa de realizar, a partir dessa relação, uma compreensão responsiva. Geraldi (2012) ressalta que o aprofundamento do empreendimento interpretativo é proveniente da ampliação do contexto, fazendo vir à tona mais vozes do que aquelas que são mais visíveis na superfície discursiva, fazendo dialogarem diferentes textos, diferentes vozes. "O múltiplo como necessário à compreensão do enunciado, em si único e irrepetível. A unicidade se deixa penetrar pela multiplicidade." (GERALDI, 2012, p. 29).

Ao dar contextos a um texto, estamos cotejando-o com outros textos, recuperando parcialmente a cadeia infinita de enunciados a que o texto responde, a que se contrapõe, com quem concorda, com quem polemiza. Interpretar é construir um sentido para um discurso, para um texto (GERALDI, 2012).

Destacamos, segundo Geraldi (2012, p.27):

Quem estuda a linguagem não está interessado nos “recortes” dos discursos, mas no enunciado completo, total, para cotejá-lo com outros enunciados fazendo emergirem mais vozes para uma penetração mais profunda no discurso, sem silenciar a voz que fala em benefício de um já dito que se repete constantemente.

A fim de buscarmos uma compreensão profunda do nosso objeto de estudo, realizamos o cotejamento de textos, colocando em relação os gêneros jornalísticos da revista impressa *Capricho* com outras revistas. Ao ir cotejando os textos com outros textos podemos penetrar de maneira mais profunda nosso objeto de estudo. Nesse sentido, a nossa pesquisa de conclusão de curso, realizada em 2012, faz parte desse processo de cotejamento de textos para uma compreensão mais profunda do objeto de estudo desta pesquisa.

O nosso trabalho de conclusão de curso (ver BIAJOTI, 2012) analisou o gênero jornalístico carta do leitor, a partir de questões levantadas pelo Círculo bakhtiniano, sobretudo as voltadas ao gênero do discurso, discutindo, na perspectiva dialógica bakhtiniana, se os diferentes destinatários das revistas *Veja* e *Nova Escola* levariam à variação do gênero carta de leitor, principalmente no que diz respeito a aspectos estilísticos. A carta do leitor é um texto publicado em uma seção específica do jornal ou revista através do qual o leitor dialoga com os editores da revista e com outros leitores, geralmente tendo como assunto os próprios textos da revista publicados em edições anteriores. Para o leitor é o meio de expor seu ponto de vista, comentar, opinar, e criticar, tornando pública sua opinião.

Dessa maneira, discutimos o gênero carta do leitor e a sua relação com a esfera de atividade jornalística, refletindo sobre a estabilidade e instabilidade desse gênero. A pesquisa revelou que há uma instabilidade no gênero carta do leitor na esfera jornalística, sendo afetado por outros gêneros como os gêneros da esfera pedagógica, didática e instrucional, dialogando também com o gênero confessional e de desabafo.

Vale lembrar que o conhecimento que se obtém não se esgota no próprio objeto tomado para análise. A interpretação que se constrói não se generaliza, permanecendo particular, mas os conceitos elaborados no processo é que se tornam cognitivamente produtivos e podem ser reaplicados na construção de interpretações de outros discursos (GERALDI, 2012).

O cotejamento de texto foi de extrema importância, já que por meio da comparação entre os gêneros jornalísticos da revista impressa *Capricho* e de outras revistas pudemos chegar à noção do singular nos gêneros jornalísticos com a presença da voz do leitor e, assim, foi possível selecionar o *corpus* desta pesquisa de acordo com os nossos objetivos.

Realizamos também um estudo do referencial teórico, centralmente, dos autores do Círculo de Bakhtin e de autores que empreendem seus estudos sobre a teoria bakhtiniana.

Expomos a partir deste momento a forma como se organiza este trabalho. O primeiro capítulo, dedicado à fundamentação teórica, aborda, à luz dos principais teóricos do círculo, conceitos como enunciado, diálogo, gêneros discursivos, estilo, tema e significação e o discurso de outrem, conceitos que nortearão nossas análises a fim de refletir sobre a estabilidade e instabilidade dos gêneros discursivos.

No segundo capítulo abordamos a esfera de atividade jornalística. A partir de autores da área da comunicação, como Eduardo Martins (1992), Nilson Lage (1981; 2003) e Oswaldo Coimbra (2004), além de outros estudos sobre gêneros jornalísticos na área do discurso, procuramos abordar o que esses trabalhos vem nos elucidar a respeito dos conceitos sobre o gênero reportagem, conceitos que julgamos importantes para compreender as matérias que serão analisadas na revista *Capricho*.

Neste segundo capítulo, também discutimos, a partir de autores como Sergio Vilas Boas (1996) e Marília Scalzo (2014), sobre a questão do estilo jornalístico na revista impressa, além de refletirmos sobre questão do suporte e práticas de leitura, à luz de estudos como os de Roger Chartier (1999; 1994; 1996), Valmir Heitor Barzotto (1998; 2005) e Luzmara Curcino (2006).

No terceiro capítulo da dissertação, a partir da proposta metodológica da análise dialógica do discurso bakhtiniana, selecionamos para a análise, tendo em vista a presença da voz do leitor, as matérias *Hoje é não* e *Meu melhor amigo gay*, e as colunas de aconselhamento *Terapia de grupo* e *Ela disse/Ele disse*, todas presente na seção *Você* da revista. Essa escolha se justifica pois no nosso *corpus* foi onde encontramos uma maior presença da voz do leitor.

1. ESTUDOS DO CÍRCULO DE BAKHTIN

Bakhtin e o Círculo – grupo de pensadores que tinha Bakhtin como principal estudioso e, por isso, ficou conhecido como Círculo bakhtiniano - produziram uma considerável abertura de termos e conceitos a partir do momento em que passaram a considerar a relevância do sujeito, dos contextos e das esferas de comunicação no uso da linguagem.

De acordo com Bakhtin (2011), o trabalho de investigação de um material linguístico concreto atua inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação. Assim, o uso da língua está relacionado com as diversas esferas sociais, e em cada uma dessas esferas sociais os gêneros se formam e se diferenciam a partir das suas finalidades discursivas, dos participantes da interação e das suas relações sociais.

O estudo da natureza do enunciado e da diversidade de formas de gênero dos enunciados nos diversos campos da atividade humana é de enorme importância para quase todos os campos da linguística e da filologia. Porque todo trabalho de investigação de um material linguístico concreto - seja de história da língua, gramática normativa, de confecção de toda espécie de dicionários ou de estilística da língua, etc. - opera inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação. (BAKHTIN, 2011, p. 264)

Considerando-se a presença necessária dos gêneros do discurso nas atividades de linguagem dos sujeitos e a importância do estudo dos gêneros materializados nas diversas práticas sociais, apresentamos, a partir da proposta teórico-metodológica dos escritos do Círculo de Bakhtin e seus comentadores, discussões a respeito da linguagem, diálogo, gênero do discurso, estilo, tema e significação, e o discurso de outrem. Esses conceitos são produtivos na análise do *corpus* desta pesquisa.

Consideraremos cada matéria analisada um enunciado concreto materializado em um gênero do discurso específico. No caso, analisamos dois gêneros do discurso, reportagem e coluna de aconselhamento, considerando a sua produção na esfera de atividade jornalística. Ao analisar os gêneros do discurso destacamos sua forma composicional e essencialmente seu estilo considerando as formas de citação do discurso de outrem, no caso o discurso do adolescente. Destacamos também o diálogo com o interlocutor e o movimento com relação ao tema e significação.

1.1 Enunciado, diálogo e gêneros discursivos

Nos estudos do Círculo de Bakhtin a linguagem caracteriza-se pela interação verbal e seu caráter dialógico. O enunciado, produto da enunciação, é uma unidade da comunicação discursiva, pois se relaciona com a realidade, reportando-se a outros enunciados reais. Um discurso sempre tem origem em outro discurso e, por sua vez, dará origem a um novo discurso, pois todo discurso está em constante diálogo com outros discursos (BAKHTIN, 2011).

O enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas (BAKHTIN, 2011, p.300).

Fiorin (2006) ressalta que não são as unidades da língua (sons, palavras e orações) que são dialógicas, mas os enunciados. Enunciados são unidades reais de comunicação, irrepetíveis, uma vez que são acontecimentos únicos. O enunciado é um fato real, com autor e destinatário¹ determinados, em contraposição às unidades da língua, que não se dirigem a ninguém e não têm criador determinado.

Aprofundando-se nesse conceito, o enunciado é criado durante o processo dialógico da comunicação e deve ser entendido e analisado de uma forma não isolada, isto é, segundo suas relações ideológicas, culturais, sociais, etc. e ainda por atos sociais de caráter não verbal, o que torna cada enunciado único, mesmo que aparentemente idêntico a qualquer outro. Neste processo, existe uma interatividade entre sujeitos falantes. O receptor não é um ser passivo, ao contrário, ao ouvir e compreender um enunciado adota para consigo uma atitude responsiva, quer dizer, ele pode concordar ou não, pode completar, discutir, ampliar, direcionar, enfim, atuar de forma ativa no ato enunciativo (BAKHTIN, 2011).

O conceito de dialogismo, vinculado indissolúvelmente com o da interação, é assim a base do processo de produção dos discursos e, o que é mais importante, da própria linguagem: para o Círculo, o locutor e o interlocutor têm o mesmo peso, porque toda enunciação é uma resposta, uma réplica, a enunciações passadas e a possíveis enunciações futuras, e ao mesmo tempo uma pergunta [...] a outras enunciações: o sujeito que fala o faz levando o outro em conta [...] como parceiro ativo. (SOBRAL, 2009, p.33)

O falante e o ouvinte participam de forma ativa do processo de construção do enunciado, "Portanto, toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão

¹ Ressaltamos que "destinatário" é utilizado neste trabalho na perspectiva bakhtiniana, e não na perspectiva das teorias da comunicação.

uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual forma em que ela se dê)." (BAKHTIN, 2011, p.272). O falante, por sua vez, também está determinado a essa compreensão responsiva ativa, ele não espera do ouvinte uma compreensão passiva, mas uma resposta, uma objeção, uma concordância, etc. Além disso, todo falante é um respondente em maior ou menor grau, pois pressupõe não somente a existência do sistema da língua que ele usa, mas também de alguns enunciados anteriores, dos seus e alheios, com os quais o seu enunciado entra em relação; por exemplo, pode basear-se neles, polemizá-los ou pressupor que o ouvinte os conheça. Assim, segundo Bakhtin, "Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados." (BAKHTIN, 2011, p.272).

O enunciado, portanto, é produzido a partir de enunciados anteriores, em forma de resposta, e, ao mesmo tempo, espera novas produções estimuladas pela sua. A linguagem, segundo as noções do Círculo, realiza-se segundo um diálogo constante, seja em seus contornos mais óbvios e imediatos, seja em seu caráter mais amplo, do grande diálogo. "A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa, 'toda compreensão é prenhe de resposta'" (BAKHTIN, 2011, p.271).

Dessa maneira, o discurso só existe na forma de enunciados concretos de determinados falantes. Pensando na estrutura do enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva, os seus limites são dados pela "*alternância dos sujeitos do discurso, ou seja, pela alternância dos falantes*", assim todo enunciado tem um começo absoluto e um fim absoluto: antes há os enunciados de outros, depois do término há os enunciados responsivos de outros (BAKHTIN, 2011, p.275).

Na dimensão interativa do enunciado e das particularidades de sua enunciação, o verbal e o não-verbal se integram e, ao mesmo tempo, fazem parte de um contexto histórico maior. Assim, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin/Voloshinov aborda a ideia de enunciação, de presença de sujeito e de história no enunciado concreto, abordando então "[...] a enunciação como sendo de natureza constitutivamente social, histórica e que, por isso, liga-se a enunciações anteriores e enunciações posteriores, produzindo e fazendo circular discursos." (BRAIT; MELO, 2013, p.68).

Ao abordar o processo de acabamento do enunciado, Bakhtin refere-se aos gêneros do discurso, pois a vontade do falante se realiza na *escolha de um certo gênero do discurso* (Bakhtin, 2011, p.282). "Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc." (BAKHTIN, 2011, p.282).

Na noção de gênero discursivo proposta pelo autor, a linguagem é um fenômeno social, histórico e ideológico. Dessa maneira, o autor define os gêneros do discurso como *tipos relativamente estáveis de enunciados* elaborados de acordo com as condições específicas de cada esfera de atividade humana (BAKHTIN, 2011, p.262). Essa definição remete à situação sócio-histórica de interação que envolve espaço, tempo, os participantes, a finalidade discursiva e o suporte. Assim, cada esfera de atividade humana produz seus próprios gêneros discursivos.

Para Bakhtin é impossível pensar os gêneros do discurso sem refletirmos sobre as esferas de atividade humanas, pois é a partir delas que surgem os gêneros do discurso. Bakhtin (2011), entretanto, não aponta uma definição precisa de esfera, expressões como esferas da atividade humana, esfera de comunicação e esfera de utilização da língua aparecem em seus estudos. A partir de Grillo (2006) podemos entender que o conceito de esfera, para o Círculo, considera a circulação, produção e recepção de um gênero.

[...] a noção de esfera da comunicação discursiva (ou da criatividade ideológica, ou da atividade humana, ou da comunicação social, ou da utilização da língua, ou simplesmente da ideologia) é compreendida como um nível específico de coerções que, sem desconsiderar a influência da instância socioeconômica, constitui as produções ideológicas, segundo a lógica particular de cada esfera/campo. (GRILLO, 2006, p.143)

Podemos entender que as esferas de atividade humana se referem também ao grupo social em que o falante se insere, representando discursivamente suas ideologias, demandando a utilização da linguagem na forma de enunciados, por exemplo, vinculados à esfera política, ou à escolar. “[...] A noção de esfera permeia a caracterização do enunciado e dos seus tipos estáveis, os gêneros, no que diz respeito ao seu tema, à sua relação com os elos precedentes (enunciados anteriores) e com os elos subsequentes (a atitude responsiva dos co-enunciadores).” (GRILLO, 2006, p.146).

A partir da leitura do conjunto de escritos de Bakhtin e de seu círculo (*Marxismo e filosofia da linguagem, Estética da criação verbal*), percebe-se que a questão dos gêneros do discurso encontra-se em grande parte dos seus trabalhos. Bakhtin vai teorizar sobre o gênero levando em conta o processo de produção, ou seja, de que maneira os gêneros se constituem, pensando no vínculo entre a utilização da linguagem e as atividades humanas (FIORIN, 2006). Para Bakhtin, o caráter e os modos de utilização da língua estão sempre relacionados com as esferas de atividades humanas (BAKHTIN, 2011).

Todas os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. (BAKHTIN, 2011, p.261)

Os seres humanos agem em esferas de atividades, e essas esferas de atividades implicam a utilização da linguagem na forma de enunciados. Esses enunciados são sempre produzidos dentro dessas esferas de ações, e são determinados pelas condições e pelas finalidades específicas de cada esfera. Dessa forma, essas esferas ocasionam o surgimento de tipos de enunciados, que se estabilizam de forma precária e mudam em função de modificações nessas esferas. Assim, podemos dizer que cada esfera de utilização da língua produz tipos relativamente estáveis de enunciados.

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2011, p.261)

Para Bakhtin, os gêneros do discurso são tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por três elementos, conteúdo temático, estilo e construção composicional. Sempre nos expressamos por meio de gêneros no interior de uma esfera específica de atividade, estabelecendo uma interconexão da linguagem com a vida social. Fiorin (2006) destaca que os gêneros são meios de assimilar a realidade, assim, novas formas de ver a realidade demandam o aparecimento de novos gêneros ou a modificação dos já existentes, e, ao mesmo tempo, novos gêneros proporcionam novas maneiras de ver a realidade.

Vale ressaltar que a variedade de gêneros do discurso é infinita, pois a variedade de atividades humanas é também inesgotável, e cada esfera de atividade permite um conjunto de gêneros do discurso que se diferencia e se modifica à medida que a esfera se desenvolve (BAKHTIN, 2011). Dessa forma, os gêneros estão ligados às situações sociais de interação, e mudanças nessa interação gerarão alterações nos gêneros. Vale lembrar que os gêneros discursivos abrangem tanto situações de comunicação oral como de escrita, englobando desde as formas cotidianas mais padronizadas (saudações, despedidas, felicitações, etc.) até as mais livres (conversas íntimas entre amigos ou familiares, etc.) e formas discursivas mais “elaboradas” como as literárias, científicas, retóricas (jurídicos, políticos), etc.

A partir do exposto acima, podemos entender que para interagirem discursivamente, as pessoas precisam saber se expressar em diferentes situações e, portanto, dominar os gêneros das diferentes esferas sociodiscursivas. Dessa maneira, não é raro que algumas pessoas, mesmo tendo um bom domínio linguístico-discursivo em determinadas situações, não consigam se expressar de maneira adequada em outro contexto. Para Bakhtin, trata-se de uma inabilidade de dominar os gêneros específicos daquela esfera.

De acordo com Bakhtin, conteúdo temático, organização composicional e estilo constroem o todo que constitui o enunciado. O *conteúdo temático* é um domínio de sentido de que se ocupa do gênero, dentro de um conteúdo temático pode haver vários assuntos diferentes; a *construção composicional* é a maneira de organizar um texto, é preciso localizá-lo em um tempo, em um espaço e em uma relação de interlocução; e o *estilo* é a seleção dos meios linguísticos, ou seja, a seleção que fazemos de determinados meios lexicais, gramaticais e fraseológicos pensando na imagem do interlocutor e na sua compreensão responsiva ativa do enunciado.

Assim, por exemplo, há um estilo oficial que usa formas respeitadas, como os discursos parlamentares; um estilo familiar, em que o interlocutor é visto fora do âmbito das hierarquias sociais, como em brincadeiras com amigos; um estilo íntimo, em que há uma fusão entre o locutor e o interlocutor, como em cartas de amor (FIORIN, 2006).

Vale ressaltar que o gênero não é apenas um conjunto de propriedades formais isolado de uma esfera de atividade, o gênero só ganha sentido quando percebemos a relação entre as formas e as atividades humanas.

Bakhtin divide os gêneros em duas categorias, os primários e secundários. Os primários (“simples”) são gêneros que pertencem ao cotidiano, à comunicação verbal espontânea. São predominantemente, mas não somente, orais, por exemplo, o bate-papo, a conversa telefônica, o e-mail, o bilhete. Os gêneros secundários (“complexos”) aparecem na esfera de comunicação cultural, mais complexa e evoluída, como a religiosa, a política, a artística, a filosófica. São predominantemente, mas não exclusivamente, escritos, por exemplo, o romance, o discurso ideológico, o discurso parlamentar (BAKHTIN, 2011).

Não se deve, de modo algum, minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a dificuldade aí advinda de definir a natureza do enunciado. Aqui é de especial importância atentar para a diferença essencial entre gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos) - não se trata de uma diferença funcional. Os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos - romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes

gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) - artístico, científico, sociopolítico, etc. (BAKHTIN, 2011, p.263)

Para Bakhtin (2011), no processo de formação dos gêneros secundários, eles absorvem e modificam os primários, estes perdem sua relação com o contexto imediato e com os enunciados alheios. O autor nos dá como exemplo o diálogo cotidiano inserido em um romance, que só se integra à realidade através do romance como um todo.

Esses gêneros primários, que integram os complexos, aí se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios: por exemplo, a réplica do diálogo cotidiano ou da carta no romance, ao manterem a sua forma e o significado cotidiano apenas no plano do conteúdo romanesco, integram a realidade concreta apenas através do conjunto do romance, ou seja, como acontecimento artístico-literário e não da vida cotidiana. No seu conjunto o romance é um enunciado, como réplica do diálogo cotidiano ou uma carta privada (ele tem a mesma natureza dessas duas), mas à diferença deles é um enunciado secundário (complexo). (BAKHTIN, 2011, p.263-264)

Assim, existe uma interdependência dos gêneros; como afirma Fiorin (2006), os gêneros secundários utilizam-se dos primários, e os primários são influenciados pelos secundários. “[...] por exemplo, uma conversa entre amigos sobre um fato da vida pode adquirir a forma de uma dissertação filosófica.” (FIORIN, 2006, p.70). Dessa forma, a constituição dos gêneros se dá pela inter-relação entre os gêneros primários e secundários nas esferas de atividade.

1.1.1 O conceito de estilo

O conceito de estilo está ligado ao enunciado e às formas típicas do enunciado, ou seja, ao gênero do discurso. O enunciado em qualquer esfera da comunicação verbal é individual, e assim, pode refletir a individualidade do enunciatador, ou seja, um estilo individual. Para Bakhtin (2011), alguns gêneros são mais propícios para refletir a individualidade e outros não são tão propícios ao estilo individual. Os gêneros mais propícios são os literários, pois o estilo faz parte do empreendimento enunciativo, é um dos seus objetivos, já os menos favoráveis ao aparecimento do estilo individual são aqueles gêneros que requerem uma forma padronizada, tais como documento oficial, notas oficiais e etc. (BAKHTIN, 2011).

Diferentemente dos gêneros artístico-literários em que o estilo faz parte de um plano do enunciado, na maioria dos gêneros o estilo individual não entra na intenção do enunciado, sendo, portanto, seu produto complementar.

A ligação entre gênero e estilo é percebida com clareza no fato de que o estilo linguístico é o estilo de um gênero próprio de uma determinada esfera da atividade e da comunicação humana. Para o Círculo o estilo é vinculado às unidades temáticas e às unidades composicionais, como: tipo de estruturação, tipo de relação entre o locutor e os outros integrantes da comunicação. Assim, "O estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento." (BAKHTIN, 2011, p.266).

A respeito da relação orgânica e indissolúvel do estilo com o gênero, Bakhtin afirma:

No fundo, os estilos de linguagem ou funcionais não são outra coisa senão estilos de gênero de determinadas esferas da atividade humana e da comunicação. Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. (BAKHTIN, 2011, p.266)

Bakhtin considera que cada esfera conhece gêneros apropriados a suas especificidades e a esses gêneros correspondem certos estilos. Uma dada função, seja ela, científica, religiosa, cotidiana, somada às condições específicas de cada uma das esferas de comunicação, geram gêneros, ou seja, um dado tipo de enunciado relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. Ao afirmar que o estilo está indissociavelmente ligado a unidades temáticas determinadas e a unidades composicionais, Bakhtin considera que o estilo depende também do tipo de relação que existe entre o locutor e os outros parceiros da comunicação, ou seja, o leitor, o ouvinte, o interlocutor (BRAIT, 2013b).

Dessa maneira, para o autor, as mudanças históricas dos estilos de linguagem estão indissociavelmente ligadas às mudanças dos gêneros do discurso. Assim, para o autor, faz-se necessário um estudo especial da história dos gêneros discursivos, pois refletem de maneira mais imediata, precisa e flexível as mudanças que acontecem na vida social. "Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem." (BAKHTIN, 2011, p.268). Assim, até mesmo o estudo do estilo da linguagem como objeto independente deve ser feito levando em conta a natureza dos gêneros do discurso e baseando-se em um estudo das modalidades de gêneros do

discurso. Para Bakhtin (2011), "onde há estilo há gênero. A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero." (BAKHTIN, 2011, p. 268).

Ao abordar as peculiaridades do enunciado, Bakhtin (2011) discute como a relação do enunciado com o próprio falante e com outros participantes da comunicação determina as peculiaridades estilístico-composicionais do enunciado. Em um primeiro momento, a escolha dos meios linguísticos e dos gêneros de discurso é determinada pelas tarefas (ideia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido. Um segundo elemento do enunciado, importante para lhe determinar a composição e o estilo, é o elemento expressivo, ou seja, a relação subjetiva emocional valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado. Isto é, o estilo individual é determinado também pela relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso.

Outro traço constitutivo do enunciado importante tanto para a composição quanto para o estilo é o seu direcionamento a alguém, ou seja, o estilo e a composição dependem da força e da influência do destinatário no enunciado, ou melhor, o estilo depende da maneira como o locutor compreende o destinatário, e da maneira que ele presume uma compreensão responsiva ativa. Esse destinatário pode ser um interlocutor direto do diálogo cotidiano, pode ser um público mais ou menos diferenciado, uma coletividade diferenciada de especialistas de um determinado campo especial da comunicação, assim como também pode ser um outro indefinido. Dessa maneira, todas as concepções de destinatário são determinadas pelo campo da atividade humana a que tal enunciado se refere, assim, "cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero." (BAKHTIN, 2011, p.301).

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas simpatias e antipatias - tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. Essa consideração irá determinar também a escolha do gênero do enunciado e a escolha dos procedimentos composicionais e por último, dos meios linguísticos, isto é, o estilo do enunciado. (BAKHTIN, 2011, p.302)

Para Sobral (2009), o estilo é dialógico e vem da relação entre o autor e o grupo social, ele tem relações com a forma do conteúdo e com como o conteúdo é organizado. Sírio Possenti (2007) também associa o estilo não apenas ao estilo individual, embora ele exista.

Para ele, estilo está ligado aos gêneros e com formulações que revelam um conjunto, não muito definido, de características. Possenti também acredita que a concepção de estilo associada apenas na atividade literária deva ser destruída, já que ela está presente em qualquer atividade da linguagem. Nesse sentido, Brait (2003) afirma que o estilo implica qualquer interação, em qualquer atividade da linguagem, e não somente na atividade literária.

Dessa forma, o estilo, além de ser pensado como uma questão individual, como uma maneira peculiar de um enunciatador, também pode ser entendido a partir da ideia de linguagem como atividade, dentro de atividades específicas, promovendo a inclusão de questões como esferas de produção, circulação e recepção e a relação entre enunciação e interação, gênero e uso, temas, forma composicional e estilo (BRAIT, 2003).

1.1.2 Estabilidade e Instabilidade

Fiorin (2006) destaca que Bakhtin, ao abordar os gêneros discursivos, não pretende catalogá-los descrevendo cada estilo, cada estrutura e cada conteúdo temático. De um lado, porque a variedade dos gêneros é infinita, e de outro, porque o que realmente importa é compreender o processo de emergência e de estabilização dos gêneros, ou seja, a relação do gênero com a esfera de atividade. Ou seja, é preciso entender quais elementos de determinada esfera de atividade levam ao surgimento de determinado tipo de enunciado.

Assim, do ponto de vista do Círculo, os gêneros são “formas relativamente estáveis de enunciado” (BAKHTIN, 2011, p.262), ou seja, o termo relativamente implica em algo que é ao mesmo tempo estável e mutável. O gênero é estável porque conserva traços que o identificam e é mutável porque está sempre em transformação, havendo casos em que um gênero se transforma em outro (SOBRAL, 2009). Dessa maneira, à medida que as esferas se desenvolvem, gêneros aparecem, desaparecem ou ganham novos sentidos. “Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*.” (BAKHTIN, 2011, p.282 , grifo do autor).

Para entender a questão da estabilidade do gênero, Sobral parte de outra definição de gênero, sendo “formas e tipos da comunicação discursiva” (VOLOSHINOV, 1992 *apud* SOBRAL, 2009, p.116). Assim, essas formas são estáveis, pois o ambiente sociohistórico requer a cristalização de formas para que não seja preciso reinventar os modos de se falar a cada vez que se fala. Entretanto, como isso ocorre no nível da comunicação discursiva, essa estabilidade é mutável (SOBRAL, 2009).

Aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo de fala. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível. (BAKHTIN, 2011, p.283)

Adail Sobral (2009) cita algumas características do caráter estável-dinâmico dos gêneros, como: 1) os protótipos e os fragmentos do gênero permitem que se possa ter domínio de um gênero, entretanto, não podemos esquecer que eles não são fórmulas fixas; 2) a sua lógica não é abstrata, pois se manifesta em cada nova variedade, portanto, o gênero é dinâmico e concreto; 3) o gênero traz a singularidade e ao mesmo tempo a permanência e a generalidade, é o novo articulado ao mesmo, pois “não é uma abstração normativa, mas um vir-a-ser concreto cujas regras supõem uma dada regularidade e não uma fixidez.” (SOBRAL, 2009, p.117-118).

Bakhtin (2011) aponta para o fato de que as formas de gênero se diferenciam das formas da língua no sentido da sua estabilidade e coerção para o falante, elas são mais flexíveis, plásticas e livres do que as formas da língua. Dessa maneira, a variedade de gêneros é enorme. O autor nos mostra que existem gêneros mais estáveis, ou seja, mais estereotipados, como os oficiais, alguns gêneros da vida cotidiana, como as felicitações, e da esfera da vida prática, como bulas de remédio. A diversidade dos gêneros é determinada pelo fato de que eles se diferenciam em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação, por exemplo, os gêneros elevados e oficiais possuem um alto grau de estabilidade e coerção. Entretanto, Bakhtin afirma:

Mas também aqui é possível uma reacentuação dos gêneros, característica da comunicação discursiva em geral; assim, por exemplo, pode-se transferir a forma de gênero da saudação do campo oficial para o campo da comunicação familiar, isto é, empregá-la com uma reacentuação irônico-paródica; com fins análogos pode-se misturar deliberadamente os gêneros das diferentes esferas. (BAKHTIN, 2011, p.284)

Para o autor russo, a maioria desses gêneros se presta a uma reformulação livre, porém, o uso criativo e livre não é uma nova criação de gênero, é preciso dominá-los para poder empregá-los livremente. Isto é, quanto melhor dominamos os gêneros mais livremente

os empregamos, mais nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade e refletimos sobre a situação de comunicação, ou seja, realizamos de maneira mais acabada o nosso projeto de discurso (BAKHTIN, 2011).

Bakhtin destaca ainda que apesar da individualidade e do caráter criativo do enunciado, ele não deve ser considerado uma *combinação absolutamente livre* de formas da língua (BAKHTIN, 2011, p. 285), pois, apesar dos gêneros do discurso serem mais flexíveis e mutáveis comparados às formas da língua, para o falante eles têm significados normativos, não são criados por ele, mas dados a ele.

Dessa forma, estabilidade e mudança estão em uma tensão permanente já que, para o Círculo, não existe o absolutamente mesmo nem o absolutamente novo. O absolutamente mesmo presumiria uma imutabilidade do mundo humano, e o absolutamente novo presumiria sujeitos que conhecem tudo o que existe para poder criar e se identificar (SOBRAL, 2009).

1.1.3 O discurso de outrem

Segundo afirma Bakhtin (2011), todos os nossos discursos são moldados por discursos outros, não havendo um discurso único, todos são orientados por fios dialógicos. As relações dialógicas são construções de sentido entre os enunciados que se evoluem na constituição e no funcionamento do discurso. Nesse sentido, Bakhtin (2011, p.297) afirma: "cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados, visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados que já foram proferidos em dada situação, em uma determinada esfera de comunicação". Assim, para Bakhtin/Voloshinov (2014) todo enunciado é perpassado por vozes de diferentes enunciadore, concordantes ou dissonantes, caracterizando a linguagem humana como essencialmente dialógica. Nesse sentido, refletiremos sobre o discurso de outrem, ou seja, o processo de reenuniação do discurso.

De acordo com Bakhtin/Voloshinov (2014, p.150), o discurso citado é "o discurso no discurso, a enuniação na enuniação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enuniação sobre a enuniação".

Bakhtin/Voloshinov (2014) analisa o discurso direto, o indireto e o indireto livre em relação ao contexto narrativo do qual fazem parte. Bakhtin aborda que o discurso citado é o discurso no discurso, visto pelo falante como a fala de outra pessoa, relatada na origem, dotada de uma construção completa e situada fora do contexto narrativo. A partir dessa existência autônoma o discurso de outrem passa para o contexto narrativo, conservando o seu conteúdo e rudimentos da sua integridade linguística e da sua autonomia estrutural primitiva.

Assim, o narrador, ao integrar na composição da sua enunciação uma outra enunciação, desenvolve regras sintáticas, estilísticas e composicionais para associá-la à sua própria unidade sintática, estilística e composicional, conservando a autonomia primitiva do discurso de outrem.

Para Bakhtin/Voloshinov (2014, p.151), nas línguas modernas algumas variantes do discurso indireto, particularmente o discurso indireto livre, têm a tendência a transferir a enunciação citada do domínio da construção linguística ao plano do conteúdo. Porém, a diluição da palavra citada no contexto narrativo não se realiza por completo, o conteúdo semântico e a estrutura da enunciação citada permanecem relativamente estáveis, assim a "substância do discurso do outro permanece palpável".

Segundo o autor (2014, p.154), comete-se um erro ao estudar as formas de transmissão do discurso de outrem dissociadas do contexto narrativo; o discurso citado e o contexto narrativo estão ligados por relações dinâmicas, o objeto de estudo então deve ser "a interação dinâmica dessas duas dimensões", o discurso transmitido e aquele que serve para transmiti-lo. Assim, o discurso citado e o contexto narrativo são apenas termos de uma inter-relação dinâmica. Dessa maneira, duas orientações direcionam a inter-relação do discurso narrativo com o discurso citado: o estilo linear e o pictórico.

No estilo linear, há divisão nítida entre o discurso citado e o resto da enunciação, "a língua pode esforçar-se por delimitar o discurso citado com fronteiras nítidas e estáveis" (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2014, p.155), visando à conservação da autenticidade e integridade do discurso de outrem. Neste estilo, a tendência é criar contornos exteriores nítidos ao discurso citado, tornando o fator individual interno fraco. Assim, "os esquemas linguísticos e suas variantes têm a função de isolar mais claramente e mais estritamente o discurso citado, de protegê-lo da infiltração pelas entoações próprias do autor, de simplificar e consolidar suas características linguísticas individuais." (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2014, p.155).

Na segunda orientação, o estilo pictórico, observam-se processos opostos; a língua elabora meios mais sutis de permitir que o autor infiltre-se no discurso de outrem, através de réplicas e comentários, dando um caráter individualizado ao próprio discurso. O contexto narrativo esforça-se em absorver o discurso citado e apaga suas fronteiras. "O narrador pode deliberadamente apagar as fronteiras do discurso citado, a fim de colori-lo com suas entoações, o seu humor, a sua ironia, o seu ódio, com seu encantamento ou o seu desprezo." (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2014, p. 157).

A partir dessa orientação, o autor propõe divisões, tanto para o discurso direto como para o indireto. Para o discurso direto, propõe-se a seguinte divisão: discurso direto preparado, aquele que surge do discurso indireto; discurso direto monumental, caracterizando-se pela percepção da enunciação de outrem como um todo compacto, que não pode ser transposto, parafraseado, complementado ou transformado; discurso direto esvaziado, marcado pela diminuição do peso semântico das palavras citadas e pelo reforço da sua significação caracterizadora; discurso direto antecipado, pois aparece antecipado por uma preparação reveladora da percepção do agente produtor em relação às enunciações citadas; discurso direto retórico, situando-se no limite do discurso citado e do discurso narrado; discurso direto substituído, que é marcado pela tomada de palavra em nome do outro (PEREIRA; LEITÃO, 2015).

O discurso indireto, como ressalta Bakhtin/Voloshinov (2014, p. 165), “ouve de forma diferente o discurso de outrem [...] integra e concretiza na sua transmissão outros elementos e matizes que os outros esquemas deixam de lado” e, portanto, demonstra que o discurso foi transpassado. Assim, são propostas as seguintes divisões: discurso indireto analisador de conteúdo, que consiste na apreensão da enunciação de outrem somente no plano temático, supervalorizando a significação temática; discurso indireto analisador da expressão, apresentando-se através da assimilação das palavras e maneiras de dizer de outrem, permitindo a percepção das especificidades, subjetividade e caráter típico das palavras citadas; discurso indireto impressionista, pois se expressa como uma mistura do discurso indireto analisador do conteúdo e do discurso analisador da expressão com a intenção de apresentar o discurso interior de outrem, seus pensamentos e sentimentos com liberdade (PEREIRA; LEITÃO, 2015).

As palavras e expressões de outrem integrados no discurso indireto e percebidos na sua especificidade (particularmente quando são postas entre aspas), sofrem um "estranhamento", para usar a linguagem dos formalistas, um estranhamento que se dá justamente na direção que convém às necessidades do autor: elas adquirem relevo, sua "coloração" se destaca mais claramente, mas ao mesmo tempo que elas se acomodam aos matizes da atitude do autor - sua ironia, humor, etc. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2014, p.169)

Bakhtin (2014) afirma que as abreviações e elipses, possíveis no discurso direto por motivos emocionais e afetivos, não são admissíveis no discurso indireto por causa da sua tendência analítica.

O discurso indireto livre consiste na convergência do discurso direto e do indireto. É classificado por Bakhtin/Voloshinov (2014, p. 176) como “[...] o caso mais importante e sintaticamente mais bem fixado de convergência interferente de dois discursos com diversa orientação do ponto de vista da entonação”. Assim, muitas vezes o limite entre o discurso direto e o indireto não é fácil de ser percebido.

Dessa forma, todo discurso concreto presente nos diferentes contextos sociais nunca é completamente novo, pois contém resquícios de outros discursos reorganizados de forma dialógica nas falas dos sujeitos, podendo aparecer de maneira mais explícita, marcados pelos recursos linguísticos presentes no discurso, como no discurso direto, ou de maneira implícita, como ocorre no discurso indireto e indireto livre.

Destacamos que uma das características presentes no *corpus* analisado nesta pesquisa é a utilização do discurso direto, por meio de trechos de falas das adolescentes e especialistas, tanto nas reportagens quanto nas colunas de aconselhamento. Portanto, nas nossas análises, o discurso citado será estudado.

1.2 Tema e Significação

Pensando na construção do enunciado no sentido do que é repetível, reproduzível, ou seja, o que é estável na língua, e o que é irrepetível, que imprime novos sentidos a um mesmo enunciado, Bakhtin/Voloshinov (2014) em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* vai distinguir a significação e o tema na língua, destacando o fato de que o problema da significação é um dos mais difíceis da linguística. De acordo com Sobral (2009), para não confundir tema com assunto, a ideia de tema é melhor entendida como “unidade temática”, ou seja, um conjunto de elementos não reiteráveis, não idênticos e individuais da enunciação; o tema deve ser único. Elementos únicos da enunciação concreta e “[...] que geram sentido por ser tomados em seu contexto e em sua situação de produção.” (SOBRAL, 2009, p.75).

Para Bakhtin/Voloshinov (2014), a significação é um estágio inferior da capacidade de significar, e o tema um estágio superior da mesma capacidade. Ou seja, a significação é a capacidade potencial de construir sentidos das formas gramaticais da língua e dos signos linguísticos, é o sentido que esses elementos assumem historicamente em consequência dos seus usos. Dessa maneira, a significação é o estágio mais estável dos enunciados e dos signos.

Já o tema, segundo Bakhtin/Voloshinov (2014), é uma propriedade que pertence a cada enunciação como um todo, sendo o sentido da enunciação completa, é individual, único e não reiterável, assim, indissociável da enunciação, pois é a expressão de uma situação histórica concreta. Dessa maneira, para a construção do tema, participam tanto os elementos

estáveis da significação quanto os elementos extraverbais, pertencentes à situação de produção, recepção e de circulação, e o contexto verbal em que se dá o acontecimento do enunciado; assim, o instável se soma à significação, esta sempre sendo continuamente ressignificada. "O sistema de significação, entretanto, não se configura como fixo e biunívoco: o tema se incorpora à significação, de modo que o sistema é sempre flexível, mutável, renovável." (CEREJA, 2013, p. 202).

O tema, portanto, só é entendido quando se consideram os elementos extraverbais da enunciação junto com os elementos verbais, assim, o tema não é fixado, mas dinâmico (SOBRAL, 2009).

O tema deve ser único. Caso contrário, não teríamos nenhuma base para definir a enunciação. O tema da enunciação é na verdade, assim como a própria enunciação, individual e não reiterável. Ele se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação. A enunciação: "Que horas são?" tem um sentido diferente cada vez que é usada e também, conseqüentemente, na nossa terminologia, um outro tema, que depende da situação histórica concreta (histórica, numa escala microscópica) em que é pronunciada e da qual constitui na verdade um elemento. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2014, p.133)

A significação, por exemplo, do enunciado "Que horas são?" é estável nos diferentes momentos históricos em que é utilizada, compondo-se das significações de todas as palavras que fazem parte dela – a estabilidade é dada pela memória. Já o tema é indissociável da situação histórica concreta, isto é, quanto um professor, por exemplo, pergunta aos alunos "Que horas são?" a poucos minutos do término da aula, pode querer saber quanto tempo ele ainda tem para desenvolver a matéria; uma criança ao entrar na cozinha e fazer a mesma pergunta à mãe, enquanto esta faz o almoço, pode querer saber se o almoço está pronto (CEREJA, 2013).

Assim, a significação é abstrata e tende à estabilidade e à permanência, e o tema é concreto e histórico, com tendência à instabilidade, ao dinâmico, recriando e renovando o sistema de significação. "Somente a enunciação tomada em toda sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui tema." (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2014, p.134).

O tema da enunciação é determinado pelo conjunto de elementos não verbais ao lado das formas linguísticas que entram na construção do enunciado, como as palavras, os sons, as formas morfológicas e sintáticas. Assim, para o Círculo, nos limitar ao caráter não reiterável da enunciação concreta é um equívoco, pois além do tema a enunciação possui a significação. A significação é, portanto, os elementos da enunciação reiteráveis e idênticos, as formas da

língua, elementos naturalmente abstratos, fundados sobre uma convenção, que não têm existência concreta independente da enunciação. Entretanto, eles são parte indispensável da enunciação (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2014).

Assim, a significação é um conjunto de elementos essenciais à realização do tema, e é nessa realização que surge o sentido. Tema e significação estão ligados, um não existe sem o outro, não se pode entender a significação sem que haja um tema associado a ela, assim como não se pode entender um tema independentemente da significação que lhe serve como base. Para o Círculo, a significação é inferior ao tema, mas não por questão de hierarquia, mas de precedência, a significação vem antes do tema, mas o tema depende da significação para existir (SOBRAL, 2009).

O tema é um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução. O tema é uma reação da consciência em devir ao ser em devir. A significação é um aparato técnico para a realização do tema. Bem entendido, é impossível traçar uma fronteira mecânica absoluta entre a significação e o tema. Não há tema sem significação, e vice-versa. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2014 p. 136)

Portanto, podemos entender, assim como nos mostra Bakhtin/Voloshinov (2014), que a relação tema/significação está ligada ao problema da compreensão, já que para compreendermos determinado enunciado não basta apenas saber de antemão a significação das palavras. Assim, para a compreensão do enunciado em sua totalidade, é preciso também o conhecimento do contexto comunicativo no qual ele foi produzido.

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2014 p. 137)

1.3 Esferas de atividade

A noção de esfera da atividade humana está presente ao longo das obras do círculo de Bakhtin, Grillo (2013) destaca algumas expressões em que o termo esfera aparece em *Os gêneros do discurso* tais como “esfera de utilização da língua”, “esfera de atividade humana”, “esfera da comunicação”, “esfera cultural”, “esfera da interação verbal” e “esfera da interação cultural”. Nos textos *O discurso na vida e o discurso na arte*, de 1926, e *O método formal nos*

estudos literários, de 1928, o Círculo desenvolve uma reflexão sobre o conceito de esfera para explicar a natureza e as especificidades das produções literárias. A reflexão do círculo se constrói no diálogo entre duas correntes teóricas, o formalismo russo e o marxismo, se opondo à ideia dos formalistas da existência de um núcleo imanente nos estudos literários, o qual escaparia às influências das mudanças socioeconômicas e das outras esferas ideológicas (religião, educação, ciência, etc.), mas sem negar o modo próprio de refratar esses domínios externos (GRILLO, 2006).

Grillo destaca que *em Marxismo e filosofia da linguagem* o diálogo com marxismo aparece mais desenvolvido, buscando superar a visão determinista e mecanicista proveniente da ortodoxia marxista, da influência dos fatos da base socioeconômica comum sobre os produtos ideológicos.

No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica, da forma jurídica, etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.33)

Assim, a obra se caracteriza por admitir as especificidades coercivas de cada campo/esfera² e por assentar sua natureza comum sobre a constituição semiótica, especialmente no signo linguístico. "A onipresença social da palavra, ou seja, a sua influência em todos os campos ideológicos (ciência, religião, literatura, etc.) confere-lhe o estatuto privilegiado para o estudo da organização dos diversos campos." (GRILLO, 2006, p.144).

Toda refração ideológica do ser em processo de formação seja qual for a natureza de seu material significante, é acompanhada de uma refração ideológica verbal, como fenômeno obrigatoriamente concomitante. A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação. Todas as propriedades da palavra que acabamos de examinar – sua pureza semiótica, sua neutralidade ideológica, sua implicação na comunicação humana ordinária, sua possibilidade de interiorização e, finalmente, sua presença obrigatória, como fenômeno acompanhante, em todo ato consciente – todas essas propriedades fazem dela o objeto fundamental do estudo das ideologias. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.38)

² *Campo e esfera* são utilizados aqui como sinônimos, já que nas traduções das obras de Bakhtin feitas diretamente do russo a palavra campo é utilizada, e nas traduções feitas a partir da língua francesa, encontramos a palavra esfera.

No texto *A pessoa que fala no romance*, de 1934/1935, Bakhtin analisa o papel do discurso alheio no romance, concomitantemente em que trata da sua presença e transmissão em outros domínios da vida, ou seja, dos campos/esferas. A palavra alheia tem um papel importante na formação ideológica do homem e se apresenta como palavra autoritária e como palavra persuasiva (GRILLO, 2006). A palavra autoritária exige reconhecimento e assimilação, pois está associada às posições de poder (professor, padre, cientista, pai, etc.) das variadas esferas ideológicas (escola, religião, ciência, família, etc.). A palavra interiormente está enlaçada com as palavras do homem em formação e é essencial para o seu processo de independência, estando presente também em todas as esferas. Ao estudar a presença e o papel da palavra alheia em diversas esferas: a jurídica, a religiosa, a da ciência natural, a política, Bakhtin demonstra como as esferas são determinantes para a compreensão da presença e do tratamento dado à palavra alheia (GRILLO, 2006).

A noção de esfera aparece também no texto sobre os gêneros do discurso, em que a dificuldade de teorização dos gêneros é associada, entre outros fatores, à sua enorme diversidade em consequência da complexidade das esferas da atividade humana. Assim, Bakhtin mostra a importância da noção de esfera para a compreensão da natureza dos gêneros. Grillo ressalta ainda que a noção de esfera permeia a caracterização do enunciado e dos seus tipos estáveis, os gêneros, no que diz respeito ao seu tema, à sua relação com os elos precedentes (enunciados anteriores) e com os elos subsequentes (a atitude responsiva dos leitores).

O tema se refere ao modo de relação do enunciado com o objeto do sentido; ele é, portanto, de natureza semântica. Nessa relação, o tema caracteriza-se por atribuir uma apreensão delimitadora do objeto do sentido e por compor-se de uma expressão valorativa, uma vez que não há neutralidade no domínio do enunciado. A relação deste com o seu referente é condicionada pelo campo da comunicação discursiva. (GRILLO, 2006, 146)

O diálogo do enunciado com os elos precedentes é condicionado pela identidade temática e pelas coerções de um determinado campo:

A expressão do enunciado, em maior ou menor grau, responde, isto é, exprime a relação do falante com os enunciados do outro, e não só a relação com os objetos do seu enunciado. As formas das atitudes responsivas [...] diferenciam-se acentuadamente em função da distinção entre aqueles campos da atividade humana e da vida nos quais ocorre a comunicação discursiva. (BAKHTIN, 2011, p. 298)

Sabemos que as modalidades e concepções de destinatário são determinadas pela esfera de atividade humana a que um enunciado se refere. Assim, a relação do enunciado com seus leitores – a antecipação de sua atitude responsiva, o conhecimento de sua posição social, suas preferências, etc. – também é condicionada pelas especificidades de uma esfera. "Cada gênero do discurso, em cada campo da comunicação discursiva, tem a sua concepção típica do destinatário que o determina como o gênero." (BAKHTIN, 2011, p. 301).

Dessa maneira, podemos entender que a noção de campo/esfera está presente em toda a obra do Círculo de Bakhtin, sendo importante para pensar as especificidades das produções ideológicas (obras literárias, artigos científicos, reportagens de jornal, livro didático, etc.).

As esferas dão conta da realidade plural da atividade humana ao mesmo tempo que se assentam sobre o terreno comum da linguagem verbal humana. Essa diversidade é condicionadora do modo de apreensão e transmissão do discurso alheio, bem como da caracterização dos enunciados e de seus gêneros. (GRILLO, 2006, p.147)

Assim como o Círculo, Bourdieu desenvolve o conceito de campo, a fim de explicar a complexidade das produções ideológicas, que não poderiam ser explicadas apenas pelas leis internas do campo, mas que também não se reduzem aos determinismos socioeconômicos. "Dessa forma, o conceito de campo de Bourdieu aparece como um espaço social de transformação das demandas externas." (GRILLO, 2006, p.148).

Aqui também, o modo de existência do campo é sua capacidade de refratar ou retraduzir as demandas externas. As duas obras concebem o campo como um espaço social capaz de refratar, traduzir ou transformar as demandas externas, sobretudo da base socioeconômica comum. Busca-se, em ambos os casos, escapar à visão de que os produtos ideológicos refletem diretamente as transformações políticas, sociais e econômicas, tirando-lhes a sua autonomia social e também, na visão bakhtiniana, semiótica. (GRILLO, 2006, p. 148)

Grillo (2006) destaca alguns aspectos da noção de campo discutido por Bourdieu em um texto publicado postumamente, em 2001, *Science de la science et réflexivité*. Primeiramente, o campo "é uma rede de relações objetivas entre posições", se formando em um espaço de lutas, onde os agentes assumem posições segundo quatro coerções:

[...] a relação com o *habitus* ou seja, as disposições incorporadas sob a forma de modos de agir, preferências, gostos, capacidade de compreensão das regras do jogo, etc.; o capital simbólico, decorrente

da posição ocupada no campo e do conseqüente reconhecimento pelos pares; o capital econômico, proveniente sobretudo da herança e da renda; e as possibilidades e as impossibilidades oferecidas por um campo aos seus agentes, segundo as disposições por eles incorporadas. (GRILLO, 2006, p. 149)

Esse espaço social caracteriza-se por um sistema de propriedades relativas, ou seja, as posições são apreendidas por suas relações recíprocas em um determinado momento da existência do campo, social e historicamente situadas. Grillo ressalta ainda a importância de lembrar que o Círculo não deixa de compreender as posições relativas dos enunciados em um dado campo, como podemos ver no trecho:

Porque o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc., é impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de uma esfera da comunicação discursiva. (BAKHTIN, 2011, p.297)

Outra característica do campo diz respeito à relação hierárquica entre os gêneros do discurso pertencentes ao campo e que nele circulam. Essa hierarquia determina uma gradação entre os gêneros que melhor representam o campo e aqueles que estão às margens.

O prestígio do agente se mede pelo modo de acesso aos gêneros “maiores” e aos “menores”. Por exemplo, no jornal impresso, os jornalistas dominantes têm acesso aos editoriais, a artigos assinados, à edição da primeira capa, enquanto os iniciantes se distribuem entre as notícias e reportagens não assinadas do interior do caderno. O prestígio do cientista pode ser medido pelas possibilidades de produção e de publicação dos gêneros dominantes nos veículos mais valorizados, que se constituem pela arbitragem dos pares. (GRILLO, 2006, p.150)

O valor do gênero também pode ser determinado pelas características do seu público-alvo: em determinados campos, os gêneros voltados aos pares costumam ser mais valorizados do que os produzidos para agentes externos. Grillo traz como exemplo o campo científico, em que artigos publicados em revistas internacionalmente reconhecidas e destinados a cientistas são dominantes em relação a manuais de iniciação ou artigos de divulgação científica em jornal, cujo público é formado, respectivamente, por estudantes e leigos.

Grillo (2006) ressalta ainda que a noção de campo remete sempre a uma realidade social plural, isto é, à variedade de manifestações da atividade humana e de seus modos de

organização. Essa pluralidade se deve a dois componentes inter-relacionados constitutivos do campo: a sua autonomia relativa e a sua capacidade de refração das demandas externas.

A autonomia se mede pela capacidade de transformar as demandas externas, originárias das outras esferas e de uma base socioeconômica comum. Essa refração ou transformação ocorre em razão das relações objetivas entre os agentes, as instituições, e do diálogo entre as obras de um campo. A autonomia não significa, entretanto, indiferença e impermeabilidade em relação às demandas externas, as quais, embora interfiram na dinâmica interna de um campo, não se refletem diretamente nas suas produções ideológicas. (GRILLO, 2006, p.152)

Os conceitos de esfera/campo mostram a atenção à diversidade das manifestações culturais humanas, proporcionando uma compreensão mais ampla das produções ideológicas, que sofrem as coerções e adquirem um valor relativo no domínio em que são produzidas. É importante lembrar que o campo/esfera é um conceito fundamental para o estudo e a classificação dos gêneros discursivos. A relação de um texto com outros da mesma espécie passa pela sua inserção em determinado domínio cultural, adquirindo um modo próprio de refratar a realidade em seus diversos aspectos (GRILLO, 2006).

No próximo capítulo refletiremos sobre as questões da esfera e suas finalidades discursivas, no caso a jornalística, que nos interessa nesta pesquisa. Destacamos que a esfera jornalística é atravessada por conflitos, estabilizações de valores, sendo um espaço de luta.

2. A ESFERA JORNALÍSTICA: O SUPORTE REVISTA

A constituição dos gêneros discursivos está relacionada às esferas das atividades humanas, com finalidades discursivas específicas. Portanto, os gêneros discursivos não podem ser compreendidos e produzidos sem referência aos elementos de sua situação de produção. Como vimos no capítulo anterior, Bakhtin divide as esferas comunicativas em dois grandes grupos: as esferas do cotidiano (familiares, íntimas etc.), que dão origem aos gêneros primários, e esferas da comunicação cultural (da moral social, da ciência, da arte, da imprensa etc.) que por sua vez dão origem aos gêneros secundários. Os gêneros jornalísticos, objeto da nossa pesquisa, uma vez que trabalhamos com a revista *Capricho*, caracterizam-se como gêneros secundários, cuja constituição e circulação ocorrem na esfera do jornalismo, que por sua vez, produz e refrata conteúdos sócio-ideológicos. Assim, para pensarmos na dinâmica da esfera do jornalismo é necessário refletirmos sobre as condições do seu desenvolvimento.

Sousa (2005) destaca que o jornalismo pode ser entendido como uma forma de comunicação em sociedade cuja função principal é a de informar sobre os acontecimentos, questões úteis e problemáticas relevantes para a sociedade (notícias de moda, casos de polícia, notícias do exterior etc.), ressaltando, assim, a natureza informativa do jornalismo. Marques de Melo (2003, p.63), por sua vez, não reduz o jornalismo apenas à função informativa; para o autor, o jornalismo está articulado em dois núcleos de interesse, o saber o que passa (a informação) e o saber o que se pensa sobre o que passa (a opinião).

Marques de Melo (MARQUES DE MELO, 2003 *apud* ROHLING DA SILVA, 2009) afirma, com relação às características do jornalismo, que ele é marcado pela atualidade, que está ligada à necessidade social de conhecimento dos acontecimentos; à universalidade, que corresponde às expectativas e reações da coletividade; à periodicidade, referindo-se à noção de tempo e à capacidade jornalística de reunir e fazer circular informações; por último, marcado pela difusão, que se relaciona com os meios tecnológicos de transmissão.

Ademais, o autor considera que o jornalismo se configura como um processo social autônomo, contínuo e permanente, em razão da necessidade que as pessoas têm de recorrer a uma mediação para apreender uma realidade que se tornou mais ampla do que aquela captada pelos "mecanismos da sensorialidade individual." (MARQUES DE MELO, 2003 *apud* ROHLING DA SILVA, 2009, p.42).

Entretanto, Rohling da Silva (2009) questiona essa visão do jornalismo tendo em vista o que Bakhtin fala sobre o enquadramento do discurso do outro. Assim, o jornalismo não apresenta somente a realidade e um discurso, mas cria cenas e representações, compreende

"enquadramentos da realidade e dos discursos" , configurando uma imagem do real, que não é uma transposição pura e simples da realidade e do discurso do outro, mas uma refração, mediada pelo discurso. Dessa maneira, "[...] o jornalismo "colore" os fatos e discursos que "enquadra", "imprimindo" um "tom" valorativo aos acontecimentos sociais que são "trazidos" à esfera jornalística." (ROHLING DA SILVA, p. 42, 2009).

Dessa maneira, ao se pensar o jornalismo apenas como veiculação de informação, se reduz o poder ideológico entre o fato e a escolha do fato para a veiculação, ou seja, ao escolher um fato para torná-lo notícia, a esfera jornalística atribui uma valoração axiológica aos acontecimentos que são "dignos" de estar na esfera jornalística. Assim, Rohling da Silva (2009, p.43) ressalta:

No interior das esferas sociais, dentre elas a do jornalismo, os interlocutores ocupam lugares sociais, estabelecem relações hierárquicas e interpessoais, selecionam certos temas, adotam certas finalidades ou intenções comunicativas, e o fazem a partir de apreciações valorativas sobre o tema e o sobre o interlocutor. Assim, como dito antes, o jornalismo não expressa tão somente notícias, fatos; expressa, sobretudo, valoração axiológica sobre tais acontecimentos; expõe, de certa forma explícita ou implícita, a apreciação valorativa dos interlocutores. (ROHLING da SILVA, 2009, p.43)

Ressaltamos que concepções trazidas nesse capítulo, baseadas nos trabalhos em comunicação, vem para nos elucidar alguns aspectos da esfera jornalística, como as características do jornalismo de revista. Entretanto, lembramos que a nossa análise dos gêneros reportagem e coluna de aconselhamento se dará a partir da perspectiva dialógica bakhtiniana.

2.1 O estilo jornalístico revista

2.1.1 Questões sobre o suporte revista impressa

Roger Chartier, analisando a maneira como a produção e a circulação dos textos afetam e atestam as práticas de leitura, reconhece a importância da materialidade para a apropriação de um sentido do texto. Assim, "não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler." (CHARTIER, 1996, p.27). Para o autor, cada suporte, cada estrutura de recepção e transmissão da escrita influencia seus possíveis usos e interpretações (CHARTIER, 1999, p.105).

Há algo da ordem da materialização e das circulação que faz com que um texto seja lido de um modo e não de outro, algo que incide sobre os sentidos passíveis de serem produzidos no interior de uma imanência textual, que se liga, para além do caráter sócio, histórico e ideológico da língua, às propriedades e ao regime de circulação definidos por seu suporte [...]. (CURCINO, 2006, p.30)

Para Curcino, a importância na consideração do suporte está nas possibilidades de constituições dos sentidos nos textos a partir da manipulação da forma de suporte, assim, em função do valor simbólico dado historicamente a cada suporte e pelas propriedades de cada suporte que podem ser exploradas. Dessa maneira, esses fatores incidem na hora de ler e interpretar um texto, produzindo e restringindo sentidos. O suporte é aqui entendido como o objeto portador de textos, como o livro, a revista, o jornal, a tela do computador, etc. e apresenta-se como elemento determinante na constituição dos sentidos (CURCINO, 2005). Essa função do suporte, graças à sua materialidade, é utilizada pelo editor dos suportes (livro, a revista, a página na internet, etc.) na tentativa de fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar) (CHARTIER, 1998, p. 9).

Curcino (2004) ressalta que, ao referir-se ao olhar, Chartier (1998) sugere que outras linguagens, tais como a linguagem não-verbal, possam ser utilizadas para construir os sentidos, como as fotos e imagens que ilustram os textos verbais ou até mesmo a imagem que o próprio texto verbal adquire conforme a sua disposição na página, a seleção de cores de fontes, etc.

Neste trabalho, analisa-se o suporte de textos revista impressa, que dá forma material aos textos que carrega e compõe-se de textos diversos, "[...] os quais encadeia, hierarquiza, ilustra, segundo o trabalho do editor, na tentativa de destacar e reforçar determinados sentidos, de controlar essa prática rebelde que é a leitura." (CURCINO, 2005, não paginado).

Ainda de acordo com Curcino, sobre a prática da leitura:

Essa rebeldia faz-se necessária a ressalva, não representa uma liberdade ilimitada do gesto leitor. Ao contrário, ela é resposta às tentativas de controle. Assim, é preciso observarmos, quando da abordagem teórica da leitura, a existência de um paradoxo inerente à mesma, fundado pela concomitância da coerção e da liberdade leitora, na prática da leitura. (CURCINO, 2005, não paginado)

Curcino (2004) destaca os dois procedimentos que configuram estratégias que visam a relugar/regulamentar a leitura no suporte: a *textualização* (técnicas de produção do texto empregadas pelo autor, como a escolha lexical, temática, etc.) e a *composição* (técnicas de

colocação do texto no suporte utilizadas pelo editor, como o enquadramento do texto, a escolha de recursos gráficos como a fotografia, emprego de cores, etc.). Os termos textualização e composição foram adaptados por Barzotto (1998) para a análise do suporte de textos revistas, com referência às expressões empregadas por Chartier (1990) *mise en text* e *mise en livre*, respectivamente. Optamos por adotar, e nosso estudo, os termos utilizados por Barzotto (1998), fundamentando-se na consideração de que esses termos melhor de adequariam ao suporte revista.

Curcino (2005) destaca ainda que os sentidos estabelecidos na leitura do suporte revista provêm, além daqueles atribuídos a cada texto, das relações que podem ser feitas entre os diversos textos, no ato da leitura, proporcionadas pelo suporte que disponibiliza conjuntamente esses textos, e os apresenta, de modo *descontínuo*, conformando-os numa *composição* específica.

Assim, segundo a autora:

Essa descontinuidade apresenta-se como um princípio ordenador da leitura, dado que os textos aparentemente independentes dissociados, independentes, podem ser relacionados, associados na leitura por razões que desrespeitem a ordem, o arranjo seqüencial dos textos no suporte. Assim, numa ordem descontinuada, é possível, pela leitura, instaurar outras 'seqüências' e sucessões, enfim, outras continuidades. (CURCINO, 2003, p.38)

A autora destaca também que a *descontinuidade*, característica do processo de leitura do suporte revista, intensifica-se não apenas pelas divisões a que os textos são submetidos, mas também pela *interdiscursividade* a que os textos são submetidos, tanto àqueles do próprio exemplar da revista quanto àqueles fora do exemplar.

Barzotto (1998), ao refletir sobre a questão do suporte, ressalta que a revista é um veículo que possibilita uma maior aproximação, mais rápida, porém mais efêmera que o livro, entre os leitores e a equipe que produz a revista, contando até mesmo com uma seção reservada aos leitores, as cartas dos leitores. Além disso, a revista periódica se aproxima do leitor também pelo tempo vivido, ou seja, a revista é contemporânea ao tempo do leitor, pois "o livro, ainda que publicado contemporaneamente ao leitor, tem uma forma canônica que lhe é anterior (anterior ao próprio livro e ao leitor) e os ultrapassará no tempo, já que é da experiência do leitor ler livros 'antigos', mas não ler revistas de décadas atrás [...]." (BARZOTTO, 1998, p.48). Entretanto, ao ser guardada, a revista pode assumir essa característica do livro, se transformando em um material de consulta.

Barzotto (1998), fazendo uma relação entre o livro e a revista, aponta para o fato de que a revista é mais ampla e dinâmica, dobrável, exigindo acomodação na horizontal, com propagandas intercalando as matérias e que por isso seu manuseio e leitura são mais ágeis. Em contrapartida, o livro tem circulação mais restrita por conta dos assuntos nele tratados, assim como o enfoque dado, e à forma material que permite melhor armazenamento. O livro, sem propagandas, é de leitura mais demorada, exigindo um tempo mais longo e apropriado. Como citado acima, a revista impressa pode adquirir um caráter de livro ao se tornar material de arquivo, de consulta, atestando um certo grau de importância da revista para o público leitor.

Como destaca Curcino a respeito da prática de leitura do suporte de textos revista impressa:

A prática de leitura do suporte revista impressa requer que não negligenciamos o lugar que esse suporte ocupa na modernidade, e a representação que adquire e constrói enquanto lugar de palavra, de discurso, portanto, de saber e poder. A revista impressa manifesta-se como um ícone do dinamismo, da multiplicidade e da fragmentação da informação, uma vez que é construída pelo homem moderno e que constrói esse homem". (CURCINO, 2003, p.27)

Assim, Curcino ressalta a importância do lugar que o suporte revista impressa ocupa na modernidade. Entretanto, podemos repensar sobre o lugar que esse suporte ocupa na modernidade, já que cada vez mais as revistas mantêm também formatos em outros suportes, como a internet. Destacamos que a revista impressa *Capricho* deixou de ter sua versão impressa no ano de 2015 e passou a ser veiculada apenas em plataformas online, no site e no blog *Capricho* e por meio de um aplicativo para *tablets* e celulares.

2.1.2 As características do jornalismo de revista

Lage (2001) faz uma diferenciação entre o segmento jornalismo de revista e os demais, destacando a característica verbo-visual e a sua periodicidade, constituindo uma prática jornalística diferenciada.

[...] as revistas formam um universo atraente, onde encontram a fotografia, o design e o texto. Com periodicidade semanal, quinzenal, mensal ou circulando a intervalos maiores, compreendem uma variedade grande de estilos e constituem, sem dúvida, prática jornalística diferenciada. (LAGE, 2001, p.119)

Por meio de uma análise comparativa entre o jornalismo de revista e os demais segmentos do jornalismo (TV, jornal), Vilas Boas (1996) aponta que a revista procura preencher lacunas informativas deixadas pelo jornal diário, pela rádio e pela TV, o que possibilita um jornalismo mais aprofundado, interpretativo e documental. Além disso, o autor apresenta algumas peculiaridades do jornalismo de revista, como periodicidade, segmentação, apresentação estética e algumas especificidades do texto. Para Vilas Boas (1996), a periodicidade mais ampliada é uma forte característica deste tipo de jornalismo, já que, por conta de um intervalo de tempo maior que o jornalismo diário, podem-se abordar acontecimentos que ainda estão em evidência nos noticiários de forma mais aprofundada.

[...] enquanto o jornal diário tem um tempo bastante limitado para organizar sua edição, a revista (mensal, quinzenal ou semanal) tem mais tempo para produzir um texto mais criativo, e não meramente informativo, mas, sobretudo, interpretativo. A revista se propõe mais abertamente a interpretar o fato. (VILAS BOAS, 1996, p.8-9)

Porém, ao afirmar que os outros tipos de jornalismo produzem textos meramente informativos, não se consideram os textos como interação discursiva-axiológica, conforme a perspectiva bakhtiniana, abordando a linguagem apenas na perspectiva da teoria da comunicação. Assim, nenhum texto da esfera jornalística é somente informativo, pois carrega valores sócio-ideológicos, já que a palavra não é neutra, sendo carregada de valorizações.

Scalzo (2004) também aborda a questão da periodicidade, concordando com o fato de que poder contar um tempo maior para a publicação é um fator diferenciador entre o jornalismo de revista e o jornalismo diário, já que a revista não pode trazer apenas os resumos das notícias que já foram publicadas por outros meios. Para Scalzo (2004, p. 41), "é sempre necessário explorar novos ângulos, buscar notícias exclusivas, ajustar o foco para aquilo que se deseja saber, conforme o leitor de cada publicação". A autora nos dá como exemplo a notícia de um terremoto, no jornalismo diário (jornal ou telejornal) é preciso correr para dar a notícia na hora, em uma redação de uma revista o problema é diferente, é necessário descobrir o que ninguém sabe, e o que deseja saber, sobre o terremoto para que se possa falar sobre ele. Nesse sentido, a autora aborda o fato de que no jornalismo de revista é possível fazer reportagem sobre tudo, de aborto a cosméticos, ou seja, não são apenas os assuntos considerados mais sérios que podem virar reportagens.

O jornalismo de revista, além de se diferenciar pela periodicidade, apresenta também uma forte tendência à segmentação, a fim de "ajustar o foco" para um interlocutor

determinado, ou seja, as revistas buscam leitores específicos. Para Rohling da Silva (2009), a revista, ao interagir com grupos específicos, apresenta a capacidade de reafirmar e de alterar a identidade desses grupos. "De novo, é a velha máxima: é preciso falar com menos gente, para falar melhor." (SCALZO, 2004, p.45).

Scalzo (2004, p. 49) apresenta como sendo os tipos de segmentação mais comuns: 1) gênero (masculino e feminino); 2) idade (infantil, adulto, adolescente); 3) região geográfica (cidade ou região); e 4) tema (esporte, ciência, cinema, etc.). Além disso, existem uma série de subdivisões dentro de cada segmentação, caracterizando uma "segmentação da segmentação". Como exemplo, a partir do público de pais de bebês, é possível fazer revistas para mães, para pais, para mães de bebês gêmeos, etc. Da mesma maneira, dentro do segmento feminino existem revistas para mulheres que têm interesse em dietas, moda, ginástica, etc."Atualmente, o segmento feminino representa a maior fatia do mercado de revista." (SCALZO, 2004, p.35).

Para a autora, o texto da revista é pensado tendo em vista as preferências de cada leitor, levando assim à segmentação das revistas. Assim, ao se pensar no leitor para quem se escreve, o estilo das revistas varia de uma publicação para outra. Vila Boas (1996) também aborda a ideia de que o texto de revista se constrói em relação com as preferências do leitor. "No conjunto, o texto de qualquer revista - não importando o estilo, esconde uma tendência. A tendência de uma revista é a inclinação dos seus leitores, então, é adaptar-se a eles." (VILA BOAS, 1996, p. 86).

Para Curcino (2003, p.42), a segmentação garante às revistas que se apresentem como um "espelho" para os leitores, localizados em nichos característicos, específicos, considerados em suas "minorias", assim, garantindo a imagem de que representa o leitor.

Nesse processo de espelhamento, de inflação narcísica, criam-se mecanismos identificatórios entre objeto lido e leitor. E ao considerar, com base nos valores que circulam socialmente, a imagem com a qual os possíveis leitores querem se identificar, o suporte revista utiliza mecanismos, como a autopromoção para seduzir por meio do suposto compartilhar de atributos, o que suscita a imagem positiva de si pela semelhança com a do outro, o que faz com que esse leitor consuma a revista. (CURCINO, 2003, p.42)

A autora realça ainda que essa autopromoção é feita tanto em propagandas que circulam na própria revista quanto em espaços específicos desse suporte, como na seção "carta ao leitor" e "carta do leitor". Dessa maneira, colocados como espaços supostamente

destinados ao diálogo, funcionam também como espaços alternativos para que a revista realize sua autopromoção.

Por intermédio dessas autopromoções, e do processo de identificação que elas viabilizam, instauram-se certas qualificações do leitor relativas às características do segmento da revista que ele lê. Essa reciprocidade, na qual o leitor é caracterizado de acordo com a revista que ele lê, é garantida pelo jogo de antecipações, cujas imagens são constituídas na enunciação. (CURCINO, 2003, p.42)

Assim, a revista antecipa e supõe um leitor, conforme a imagem que ela se concebe, e o leitor, conforme ele julga a revista e ele se julga, também a antecipa. Para Curcino (2003) é nesse jogo que estabelecem-se noções, culturalmente difundidas, com relação ao perfil do leitor de uma revista específica.

Ainda segundo a autora:

Ler um tipo de revista caracterizaria o leitor, assim como seu universo: de acordo com o seu tipo de leitor, atribui-se à revista suas características. Nessa atribuição recíproca de características, auxiliam para essa constituição o poder aquisitivo, o nível escolar, a faixa etária, o sexo, a etnia e, conseqüentemente, os preconceitos advindos dessas especificações. (CURCINO, 2003, p.50)

Outra característica apresentada por Vilas Boas (1996) é a apresentação estética. O tamanho mais comum das revistas é 20,2 x 26,6, que é o tamanho da revista *Capricho*, por exemplo. Esse tamanho representa uma melhor utilização do papel e, portanto, se torna mais econômica. Scalzo (2004) acredita que o formato é uma característica que diferencia a revista de outros meios de comunicação, pois facilita ser carregada, guardada e até mesmo ser colecionada. Além disso, segundo a autora (2004), a utilização de papel e impressão com uma qualidade superior e formato diferenciado garante uma melhor qualidade de leitura. A autora destaca ainda que a revista tem um maior durabilidade, devido tanto à qualidade de impressão e papel quanto pelo conteúdo. "É só dar uma olhada nas salas de espera dos consultórios de médicos e dentistas..." (SCALZO, 2004, p.41).

Ademais, o jornalismo de revista tem como característica a forte utilização de imagens em suas páginas; elas são as portas de entradas para os leitores. De acordo com Scalzo (2004), uma pesquisa feita com leitores da *Veja* mostrou que uma matéria sem ilustração é lida por apenas 9% das pessoas, já a mesma matéria ilustrada é lida por 15% do público.

Para Chartier, as imagens garantem modos de leitura, pois "a imagem, no frontispício ou na página do título, na orla do texto ou na sua última página, classifica o texto, sugere uma leitura, constrói um significado. Ela é um protocolo de leitura, um indício identificador". (CHARTIER, 1990 *apud* CURCINO, 2003, p. 65) Assim, com relação ao forte uso de imagens, Curcino (2003, p.65) ressalta que a imagem tanto pode incitar a leitura do verbal, já que pode atestar a veracidade e impactar, provocando a curiosidade, quanto pode, em alguns casos, dispensar a leitura do texto, já que pela leitura da legenda da imagem, pode-se descartar a leitura de todo o texto.

Nesse sentido, Scalzo (2004) aponta que além do uso de imagens, oferecendo inúmeros recursos gráficos, e a facilidade de manuseio, a revista, na sua origem, tinha tendência ao entretenimento e foi somente a partir do século XX que as revistas incorporaram a função informativa. Para a autora, o entretenimento também é função das revistas e ambos, entretenimento e jornalismo, podem co-existir. Assim, Rohling da Silva (2009) ressalta que é possível encontrar em revistas de informação, como a *Veja* e a *Época*, espaços destinados ao entretenimento, como coluna social e enunciados relacionados à personalidades televisivas, assim como é possível encontrar em revistas especializadas do meio do entretenimento enunciados com conteúdo jornalístico informativo, como enunciados voltados à saúde que têm como base a área médica.

Nosso objeto de estudo, a revista *Capricho*, se enquadra no segmento voltado ao público adolescente feminino, caracterizando-se como uma revista voltada principalmente ao entretenimento, porém também apresenta enunciados com conteúdo jornalístico informativo, como os relacionados à saúde e comportamento, com base em informações médicas.

Segundo Scalzo (2004, p.75), "Além de conter informações de qualidade, exclusivas e muito bem apuradas, o texto de revista precisa de um tempero a mais". O leitor de revista, além de querer receber informações, quer recebê-la de forma prazerosa, diferentemente do leitor de jornal. Rohling da Silva (2009, p. 45) destaca que a concepção é pouco aprofundada, já que o leitor de jornal diário também pode julgar o texto de jornal mais satisfatório que o da revista, pois "[...] a relação discursiva entre leitor x revista ou leitor x jornal se constrói dentro do horizonte de expectativas próprio de cada situação particular de interação discursiva." Assim, o leitor de revista pode esperar um texto mais aprofundado justamente por estar lendo uma revista, por conta do maior número de páginas, periodicidade, etc.; já o leitor de jornal pode buscar uma interação com mais rapidez tendo em vista a rapidez da informação e a periodicidade, por exemplo.

Scalzo (2004) destaca ainda a importância de escutar e identificar o leitor para qual a revista se destina; para a autora, a maioria dos casos de publicações bem-sucedidas no mercado tem algum modo de escutar o público alvo com frequência, seja informal ou formalmente. Existem variadas formas de se ouvir o leitor, seja por pesquisas qualitativas e quantitativas, por meio de telefonemas, e-mails e cartas. Um bom jornalismo de revista deve, então, buscar uma aproximação com o leitor.

O serviço de atendimento ao leitor é um espaço de conversa privilegiado na relação entre o público e sua revista. É ali que os leitores reclamam quando acham que a revista errou, dão palpites, oferecem ideias, brigam, pedem ajuda... Atualmente, a maioria das revistas tem uma linha telefônica e/ou um e-mail reservado exclusivamente para atender a seus leitores. Dali saem sugestões de pauta, sente-se o pulso das seções e das matérias, medem-se os erros e acertos de cada edição. (SCALZO, 2004, p.37)

Entretanto, a autora ressalta o fato de que ao utilizar as pesquisas e opiniões do público é preciso cuidado para que não se quebre a espontaneidade entre o jornalista e o leitor, pois é necessário manter "o lampejo de intuição original", ou seja, um bom editor de revista deve saber de antemão o que determinado segmento do mercado deseja ler. "Principalmente no jornalismo de revista, o leitor é alguém específico com cara, nome e necessidades próprias." (SCALZO, 2004, p.54).

Vale lembrar que a maioria das revistas do mercado apresentam uma seção específica da revista impressa destinada a apresentar a opinião dos leitores, no gênero jornalístico carta do leitor. Assim, apresentam um espaço restrito onde aparecem as opiniões e sugestões que os leitores enviam espontaneamente para as revistas.

Com relação à linguagem das revistas, Scalzo (2004) ressalta a importância de se manter o mesmo tom³ e linguagem em todas as páginas da revista, pois para o leitor seria estranho encontrar, em uma mesma revista, matérias com tons diferentes. Leitores da revista *Veja*, por exemplo, provavelmente estranhariam encontrar nessa revista matérias na linguagem de uma revista esportiva, ou voltada para o público adolescente. Além disso, a autora destaca que é o leitor quem vai determinar o projeto gráfico de uma revista, ou seja, é o universo de interesses e valores do público alvo que determinará a tipologia, o corpo do texto, a largura das colunas, imagem, cores, etc. Por exemplo, em uma revista de economia com artigos sérios não convém utilizar cores berrantes, elas devem ser usadas apenas quando a

³ A autora utiliza "tom" no sentido estilístico

linha editorial exige. "Cada revista tem sua 'voz' própria, expressa na pauta, na linguagem e em seu projeto gráfico." (SCALZO, 2004, p.66).

Além disso, a revista tem a necessidade de rever o seu projeto gráfico de tempos em tempos, a fim de reformular sua linguagem visual. É também o público alvo que vai definir a frequência dessa mudança, Scalzo (2004) destaca que revistas voltadas para adolescentes necessitam se reformular com mais periodicidade, visto que é um público que tem seus gostos e modas modificados com mais frequência.

Revistas para adolescentes, naturalmente mais inquietos e ávidos por novidades, tendem a necessitar de reformulação de sua linguagem visual com mais frequência do que, por exemplo, uma publicação voltada para negócios, embora até essas precisem renovar-se para não parecer que pararam no tempo. (SCALZO, 2004, p.68)

Dessa maneira, com relação à revista *Capricho*, tanto o conteúdo editorial quanto seu design procuram apontar para um público bastante específico e mutante: em pouco tempo o que é moda fica velho, pois fez parte de uma geração. E a próxima que virá terá outros gostos, hábitos, referências.

2.2 O gênero jornalístico reportagem

A fim de melhor compreender a presença do leitor nos gênero reportagem da revista *Capricho*, apresentamos, de maneira breve, algumas ponderações a respeito desse gênero jornalístico reportagem, a partir de trabalhos da área de comunicação. Ressaltamos que as noções apresentadas nesse item acerca dos gêneros jornalísticos, a partir dos trabalhos da área de comunicação, servem como ponto de partida. Dessa maneira, não significa que vamos entender a noção de gênero a partir da área da comunicação.

Definir gêneros nas mídias e, mais especificamente, no jornalismo impresso não é uma tarefa fácil. Vejamos a opinião do professor José Marques Melo sobre o assunto:

Classificar gêneros jornalísticos é o maior desafio do jornalismo, como campo do conhecimento, é, sem dúvida, a configuração da sua identidade enquanto objeto científico e o alcance da autonomia jornalística que passa inevitavelmente pela sistematização dos processos sociais inerentes à captação, registro e difusão da informação da atualidade, ou seja, do seu discurso manifesto. Dos escritos, sons e imagens que representam e reproduzem a atualidade, tornando-se indiretamente perceptível. (MELO, 1985)

A Folha de São Paulo, no *Manual geral de redação* (1987, p.42), traz uma definição pouco clara sobre o gênero. A reportagem é “o relato de acontecimento importante, feito pelo jornalista que tenha estado no local em que o fato ocorreu ou tenha apurado as informações relativas a eles. A reportagem é o produto fundamental da atividade jornalística.”

Já no *Manual de Redação e Estilo* (1992, p.67), de *O Estado de São Paulo*, podemos encontrar a definição clássica de reportagem:

A reportagem pode ser considerada a própria essência de um jornal e difere da notícia pelo conteúdo, extensão e profundidade. A notícia, de modo geral, descreve o fato e, no máximo, seus efeitos e conseqüências. A reportagem busca mais: partindo da própria notícia, desenvolve uma seqüência investigativa que não cabe na notícia. Assim, apura não somente as origens do fato, mas suas razões e efeitos. Abre o debate sobre o acontecimento, desdobra-o em seus aspectos mais importantes e divide-o, quando se justifica, em retrancas diferentes que poderão ser agrupadas em uma ou mais páginas. A notícia não esgota o fato; a reportagem pretende fazê-lo.

Assim, os estudiosos da área da comunicação definem a reportagem partindo da diferenciação entre notícia e reportagem, se diferenciando pelo conteúdo, extensão e profundidade. Com relação ao aprofundamento da reportagem, Sodré e Ferrari (1986, p.17) destaca que “a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que predomine o elemento informativo”. Os autores (1986, p.15) destacam ainda quatro características da reportagem, a predominância da narrativa, a humanização do relato, texto de natureza impressionista e a objetividade dos fatos narrados. Conforme o assunto da reportagem, algumas dessas características podem aparecer com maior destaque.

Para Marques de Melo (1985, p. 65) “a reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística”. Então, a base da notícia é o fato e a base da reportagem é o acontecimento, que permite a esta um maior aprofundamento da realidade, por isso que em reportagens geralmente há, além do texto principal, imagens, infográficos, box, etc.

Nesse sentido, Seixas (2009, p. 183) entende que :

[...] o fato é algo que passou, ocorrido. O acontecimento ou ocorrência é algo em processo, que se apresenta na atualidade, ou algo que tem determinado grau de probabilidade de ocorrer. (...) O que caracteriza o fato, portanto, é o resultado de uma ação passada. Já o acontecimento é fenômeno em processo.

Vale lembrar que outro aspecto que podemos observar para a diferenciação entre notícia e reportagem é a relação do momento da ocorrência com o momento da publicação. As notícias precisam de uma instantaneidade maior do que as reportagens, razão pela qual há mais reportagens em revistas do que em jornais diários.

Para Bahia (1990), toda reportagem é notícia, porém o inverso não. Assim, para o autor, a notícia não muda de natureza, mas muda de caráter ao evoluir para a categoria de reportagem. Essa mudança da notícia para a reportagem se dá no momento em que é preciso ir além da notificação e se situa no detalhamento, no questionamento de causa e efeito, na interpretação e no impacto, adquirindo uma nova dimensão narrativa e ética (BAHIA, 1990, p. 49). Bahia divide a reportagem em: título – corresponde ao anúncio do fato em si; primeiro parágrafo, cabeça ou lead – corresponde ao clímax; desenvolvimento da história, narrativa ou texto – corresponde ao resto da história, à narrativa dos fatos.

Para Lage (1981), a dificuldade de se definir a reportagem se encontra no fato de que ela pode ser uma complementação de uma notícia ou partir de situações que não sejam notícias, mas que sejam de interesse do público, por exemplo, reportagens sobre o meio ambiente, saúde pública, etc.

Lage (1981) divide a reportagem em: tipo investigativo – parte de um fato, revelando outros; tipo interpretação - observa-se os fatos sob a perspectiva metodológica de uma dada ciência (mais frequentes sociológicas e econômicas); e o tipo que busca apreender a essência do fenômeno, aplicando técnicas literárias na construção de situações.

Já para Coimbra (2004) o texto da reportagem tem como modelos de estrutura a dissertação, a narração e a descrição. Na reportagem dissertativa, para o autor, a estrutura do texto se apóia num raciocínio explicativo através de informações generalizadas, seguidas de fundamentação. Já na estrutura da reportagem narrativa, o texto não vai se apoiar neste raciocínio, mas terá fatos organizados dentro de uma relação de anterioridade ou posterioridade. A narrativa pode mostrar mudanças progressivas de estado nas pessoas e nas coisas, através do tempo.

Com base nas estruturas narrativo-dissertativas, Coimbra (2004) classifica as reportagens dissertativo-narrativas e narrativo-dissertativas. Nas narrativo-dissertativas o texto é predominantemente narrativo, contendo alguns trechos dissertativos. Nas dissertativo-narrativas, embora o texto seja predominantemente dissertativo, aparecem trechos narrativos. E, por último, a reportagem descritiva que, ao contrário da reportagem narrativa, mostra as

pessoas e coisas fixadas apenas no momento, sem progressão do tempo; o que também caracteriza esse tipo de reportagem é o detalhamento do momento apreendido.

Para Lage (2002), a reportagem se caracteriza por algumas noções estabelecidas por manuais de redação, por exemplo: os títulos de reportagens de jornal devem descrever com precisão um fato, usar verbos expressivos e impactantes e usar tempos presentes. A *gravata* da reportagem, ou seja, o subtítulo, são as linhas colocadas abaixo do título que têm a função de completar o título e de apresentar resumidamente o assunto a ser tratado no texto. O *olho* ocorre como recurso gráfico no qual é retirada uma frase de efeito ou impactante e é colocada em destaque entre aspas dentro de um boxe ou espaço e em meio às colunas em que são escritas as reportagens.

Tradicionalmente o *lead* é o primeiro parágrafo da notícia em jornalismo impresso, sendo o relato inicial do texto e devendo informar o que é mais importante e não o mais interessante. E outro elemento característico é o *box*, que é uma caixa de texto diferenciada pela cor e ganha destaque por utilizar textos combinados com tabelas, gráficos ou fotos referenciando-se ao assunto (LAGE, 2002).

Além das características acima, é comum o uso de expressões entre aspas e em itálico; uso de verbos que introduzem falas dos participantes ou de pessoas que têm autoridade em falar a respeito das temáticas tratadas nos textos. Nas revistas e jornais as reportagens são organizadas por temáticas e o vocabulário é adequado ao nível de linguagem de determinada linha do jornal, de forma que os leitores apreendam as principais informações (GAYDECZKA, 2007).

Ressaltamos que o gênero reportagem também se alimenta da entrevista, fazendo uso desse gênero como instrumento para a obtenção de respostas, para apurar acontecimentos e obter depoimentos. A entrevista é o pilar do jornalismo, por meio da palavra do outro o jornalista observa o cotidiano e procura uma "objetividade jornalística", que está longe da exigência científica, mas que está "[...] próxima do regime de verdade que atravessa o que é universal em uma época". (Scarlo, 2010, p.13 *apud* Marocco, 2013, p.122). Scarlo destaca que "a entrevista produz autenticidade, pois estabelece um jogo de presença e de relação direta; pessoas cara a cara que, na tela do televisor ou na página do jornal, estão unidas pelo contrato de falar a 'verdade'" (Scarlo, 2010, p.14 *apud* Marocco, 2013, p.122).

O processo de obtenção dessa "verdade" por meio da entrevista causa um efeito de proximidade sobre o que está longe, como ídolos da cultura e da ciência, grandes estrelas. Entretanto, esse diálogo que se apresenta como acesso imediato à palavra autorizada é construído com processos próprios do gênero de ficção, podendo deixar transparecer a

subjetividade, até de maneira exagerada, quando os usos da entrevista deixam de lado a informação e colocam em relação o público e o privado (Marocco, 2013, p.122).

Nessa tensão entre objetividade (construída na apuração e com vozes das fontes) e parcialidade (em que o jornalista abandona a objetividade), o uso da entrevista para informar sobre um acontecimento ou mostrar uma vida pode deslizar entre o jornalismo e diferentes disciplinas, como a literatura, a linguagem e a psicologia.

A reportagem faz uso entrevista buscando informações, interpretações de especialistas do mundo científico, político, artístico, econômico, etc., discutindo temas polêmicos e traçando perfis de pessoas com vistas a compreender valores e conceitos (DIAS, 2015).

Ressaltamos que tratar de gêneros jornalísticos é uma tarefa complexa, pois os estudos desse tipo na área da Comunicação são recentes e, mesmo assim, não definem claramente o que é um gênero jornalístico e a sua forma de constituição.

Além da reportagem, o outro gênero jornalístico analisado nesta pesquisa é a coluna de aconselhamento. Entretanto, esse gênero não foi abordado neste item sobre a esfera jornalística pelo fato de não termos encontrado estudos da área da comunicação que abordassem a coluna de aconselhamento. A escolha desse gênero foi motivada pelo fato de, no nosso *corpus*, ser um lugar importante onde a voz do leitor aparece na revista. A coluna de aconselhamento geralmente apresenta uma pergunta enviada por um leitor sobre questões pessoais, o colunista responde a essas perguntas, muitas vezes com ajuda de especialistas no assunto.

3. ANÁLISE DIALÓGICA: A REVISTA *CAPRICH*O

Neste capítulo do nosso trabalho realizamos a análise discursiva, a partir da perspectiva bakhtiniana, de dois gêneros jornalísticos presentes na revista impressa *Capricho* em que encontramos uma maior presença da voz do leitor, uma suposta voz de autoridade. O *corpus* desta pesquisa foi composto de 24 exemplares da revista impressa *Capricho* veiculados quinzenalmente no ano de 2013. Realizamos uma leitura em busca das singularidades que a voz do leitor produziria nos gêneros jornalísticos, e notamos uma maior presença dessa voz como autoridade nos gêneros reportagem e coluna de aconselhamento presentes na seção *Você*, uma seção que apresenta temas relacionados a comportamento, relacionamentos e sexo. A partir de uma seleção qualitativa e baseada nos nossos objetivos, selecionamos para a análise duas reportagens e duas colunas de aconselhamento presentes em edições da revista impressa.

3.1 A revista *Capricho*: o leitor em foco

A Revista *Capricho* é uma publicação que, desde há algum tempo, se consolidou no mercado editorial brasileiro como uma revista dirigida ao público adolescente, em especial, feminino. A *Capricho* surgiu em 1952 (SCALZO, 2014, p. 90) e foi a segunda revista lançada pela Editora Abril – a primeira foi *O Pato Donald*, em 1950 – e a primeira destinada ao público feminino no Brasil. Seu formato era pequeno, e a publicação era quinzenal. A revista dessa época publicava fotonovelas – chamadas cinenovelas – para jovens donas de casa. Segundo Scalzo (2014), as fotonovelas surgiram na Itália, nos gigantes estúdios de cinema de *Cinecittà*, que aproveitava os intervalos entre as filmagens para produzir histórias românticas em fotos. A fotonovela teve um grande sucesso e foi copiada no mundo todo, especialmente em países latinos. A inovação apresentada pela *Capricho* em relação à concorrência foi a publicação das fotonovelas inteiras e não em capítulos. O formato teve enorme sucesso e tornou a publicação a líder de seu segmento (SCALZO, 2014, p.90). As vendas passaram de 26 mil exemplares no primeiro número para mais de cem mil no número 9 ainda no ano de 1952. A revista passou de quinzenal a mensal e começou a abordar outros temas, tais como: moda, beleza, contos e variedades – e chegou a 500 mil exemplares em 1956, a maior tiragem de uma revista na América Latina até então.

Com o surgimento da telenovela o interesse do público pela fotonovela foi decaindo. Assim, em maio de 1982, a revista sofreu uma grande mudança editorial e deixou de lado as fotonovelas. Segundo Scalzo, (2014, p.90), “*Capricho* teve que passar pela primeira mudança

radical para se manter no mercado, enquanto muitos títulos desapareceram porque insistiram em continuar usando a mesma fórmula”. Essa mudança foi de formato, logotipo e também de público-alvo.

Para manter as vendas e o espaço no mercado editorial, em 1982 a revista, que era mensal, volta o seu foco para as leitoras mais jovens (de 15 a 29 anos). A fotonovela desaparece e dá lugar a mais serviços de moda, beleza e comportamento. A alteração no projeto editorial resultou em mudança na linguagem da revista, os textos ficaram mais simplificados, e as capas eram sempre com alguma modelo iniciante. Scalzo relata que para os jornalistas que fizeram parte dessa mudança foi bastante difícil habituar-se a “um texto simples que não seja simplório, que escolher palavras mais precisas e ao mesmo tempo mais fáceis de entender não quer dizer escrever numa linguagem 'tatibitate' e que, principalmente, falar com adolescentes não significa apenas recheiar o texto de gírias.” (2014, p. 95). Em 1985 a revista passa a utilizar o slogan "A revista da gatinha", se consolidando entre as adolescentes. Essas mudanças fizeram da revista um sucesso; entre janeiro de 1990 e janeiro de 1991, a *Capricho* foi a revista mais vendida em seu segmento.

Em março de 1996, a *Capricho* mudou de periodicidade e tornou-se quinzenal. Com isso, pôde-se trabalhar com notícias mais atuais, característica já facilitada em razão da introdução de novas tecnologias. A partir de janeiro de 1997, o público-alvo são os adolescentes entre 12 e 16 anos; em 1999, o público-alvo é expandido para “meninas que estão vivendo a adolescência, independente da idade”. No ano de 2005, a *Capricho* passou a ter o slogan “Seja diferente. Seja você”, definindo o posicionamento da revista, que pretendia passar uma mensagem de autenticidade para suas leitoras.

Marília Scalzo, em seu livro *Jornalismo de Revista*, destaca a forte relação entre o leitor e a revista, principalmente se tratando do público adolescente, já que as jovens se comunicam muito mais com a revista do que as mulheres adultas. "Toda vez que uma pergunta é dirigida a elas, centenas de respostas chegam à redação." (SCALZO, 2014, p.89).

Outra característica do público leitor, levada em conta na hora da formulação da revista, é que ele muda muito. "Se você faz uma revista para meninas de 15 a 18 anos, por exemplo, as leitoras só ficarão com você, em média, apenas três anos, pois logo terá um novo grupo entrando nessa tão estreita, mas também tão característica, faixa de idade." (SCALZO, 2014, p.89). Além disso, a mudança também é constante nos gostos e modas dessa faixa etária, o que influencia não somente na pauta da revista, problema comum de revistas de todos os segmentos, mas também vai definir mudanças visuais e no texto da revista. Fazer mudanças em revistas com um público tradicional exigiria muito mais cautela.

Hoje, o público leitor da revista *Capricho* é formado por adolescentes, principalmente meninas das classes A e B e C. De acordo com o instituto Marplan⁴, 25% das leitoras de *Capricho* têm de 10 a 14 anos e 40% de 15 a 19 anos.

Marília Scalzo participou da reformulação da revista nos anos 90 e realça o pioneirismo da revista ao querer ouvir as leitoras; em nenhuma outra redação havia um serviço de atendimento ao leitor tão estruturado como o da *Capricho*. Na época, os contatos aconteciam por carta e telefone. Dessa maneira, "a equipe de redação entendeu que era preciso fazer uma revista que se parecesse, em forma e conteúdo, mais com uma amiga da leitora, e menos como sua mãe, com sua professora ou conselheira." (SCALZO, 2014, p.92).

Em 2006, a revista passa por uma nova mudança gráfica e editorial (até mesmo o logotipo é modificado), para ficar mais moderna e atraente aos jovens. Com o advento da internet, o site *Capricho*⁵ passa a trazer conteúdos exclusivos para a internet e aumenta a possibilidade de interação com as leitoras. A ideia era acompanhar a evolução da geração de leitores, hoje uma geração que já nasceu na era tecnológica e sofre grande influência dela. Hoje, o site oficial conta com mais de 41 milhões⁶ de *Page Views* e mais de 6 milhões *uniquevisitors* (*Google Analytics* de junho/2015), tendo também forte presença em redes sociais, como Facebook e Instagram. Na internet o público também é formado principalmente por meninas entre 10 e 19 anos .

Freire Filho (2006) descreve que um dos grandes objetivos da *Capricho* seria criar uma "comunidade virtual" entre as leitoras, um lugar onde as adolescentes pudessem se identificar e conviver tendo a revista como referência, propiciando um sentimento de pertencimento. A partir de 2006, quando o site da revista é criado, essa relação entre leitor e revista é facilitada, já que por meio do site eles podem escrever *e-mails*, opinar sobre matérias passadas e sobre assuntos que ainda irão para a revista impressa.

Assim, o leitor é convidado a compartilhar suas experiências, opiniões e dúvidas que serão respondidas por outras adolescentes e por profissionais através da publicação na revista impressa. Dessa forma, em alguns gêneros jornalísticos existentes na revista, presentes na seção *Você*, como as reportagens, o leitor aparece alçado como uma voz de autoridade. É a partir da publicação de suas dúvidas, experiências e opiniões acerca de determinado assunto proposto pela redação que a reportagem é formada, e não apenas com profissionais no assunto

⁴<<http://www.publiabril.com.br/marcas/capricho/revista/informacoes-gerais>>

⁵<http://capricho.abril.com.br/>

⁶<<http://www.publiabril.com.br/marcas/capricho/revista/informacoes-gerais>>

abordado. A revista transmite a sensação de que todas as adolescentes compartilham as mesmas angústias e preocupações e por isso elas são capazes de se ajudarem.

Nesta pesquisa analisamos dois gêneros jornalísticos em que encontramos uma maior presença da voz do leitor compartilhando suas opiniões e relatando suas experiências. Assim, selecionamos duas reportagens e duas colunas de aconselhamento para compor a nossa análise.

3.2 Procedimentos metodológicos

A partir do *corpus* desta pesquisa, composto de 24 exemplares da revista impressa *Capricho* veiculados no ano de 2013, ano em que foi elaborado o projeto da pesquisa, efetuamos uma leitura em busca das singularidades que a voz do leitor produziria nos gêneros jornalísticos. Após o cotejamento dos textos, observamos na revista que a presença do leitor ocorria em algumas seções, como a *Diz aí*, *Moda e Beleza*, *Diversão* e *Você*.

Na Figura 1 podemos ver o índice da revista, nomeado como *Busca*. A revista é dividida em cinco seções fixas presente na revista; essas seções são organizadas tematicamente: *Famosos*, *Moda e beleza*, *Pôster*, *Você* e *Diversão*.

No índice podemos notar a separação por temas nas seções, assuntos relacionados ao universo da adolescente. Na seção *Famosos* são apresentadas reportagens e colunas relacionadas ao mundo das celebridades, TV e cinema; na seção *Moda e Beleza* aparecem reportagens e colunas a respeito de saúde, beleza e editorias de moda; a seção *Pôster* traz em cada edição um pôster de uma personalidade famosa; na seção *Você* é onde encontramos reportagens e colunas de temas presentes no cotidiano das adolescentes, como sexo, relacionamentos e comportamento; na última seção, *Diversão*, a revista traz em suas reportagens e colunas temas sobre maquiagem, micos de leitoras, além de trazer novidades do mercado de cosméticos, música, TV e cinema.

Vale ressaltar que na revista o índice está nomeado como *Busca*; podemos entender ser uma referência a sites de buscas na internet, já que esse é um universo bastante conhecido dos adolescentes.

Figura 1 - Índice *Capricho*

busca

DESTAQUES



46
As novidades mais quentes do mundo do make.



66
Nossa estagiária aprendeu a andar de skate e conta como é.

4. Oi da editora
6. Diz ai

FAMOSOS

8. Clíques
OMG, 10 de cereal Derretemos...

10. Fofoca
Sophia e Fiuk é amor!

14. Cinema e TV
O elenco de *Sangue Bom* é talentoso e lindo

16. Selena Gomez
Nossa editora encontrou a diva em Los Angeles

20. Bruno Mars
O baixinho mais gato da música faz você suspirar

MODA E BELEZA

22. O look
O belo coque de Bella Thorne. Vamos copiar?

24. Make
Batons escuros para usar no friozinho. Coragem!

26. Cabelo

27. Aprovados
Entregue-se ao verde-esmeralda. É trendy!

28. Departamento

30. It Girls
Os looks do Coachella

31. Dúvida de moda
Dois jeitos de usar shortinho de couro

32. Manual
Truque de mestre: tutorial do falso chanel

34. Como usar
O creeper que combina com você

35. Meu corpo
Livre-se da enxaqueca. Ninguém merece!

36. Guarda-roupa
Cinco looks lindos pra você

38. Semana de moda
Inspire-se nas estilosas que passaram pelo Fashion Rio

44. Cabelo de salão
Dez dicas para ter fios com brilho e hidratados

52. Moda
O estilo militar mais *girlie* que você já viu

PÔSTER

42. Guilherme Leicam
O Vitor de Malhação é o príncipe que você pediu

ONDE COMPRAR

3:AM: 3am.com.br; **Afghan:** afghan.com.br; **Agatha:** (11) 5189-6657; **Alta Moda E...:** 0800-0212652; **Antixi:** (11) 3333-1027; **Antoneia:** antoneia.com.br; **Arezza:** (11) 3034-0097; **Aspa:** 0800-0261841; **Avon:** 0800-7082866; **B. Luxo:** (11) 3062-6479; **Benefit:** (21) 3543-5949; **Bioderm:** 0800-0261919; **Bisi:** bisiteen.com.br; **Botswana:** botswana.com.br; **C&A:** (11) 2131-0004; **Chilli Beans:** chillibeans.com.br; **Coca-Cola Clothing:** (47) 3247-3000; **Condor:** 0800-476666; **Contém 1g:** 0800-7751300; **Cravo & Canela:** cravoecanela.com.br; **Cyzone:** 0800-7788992; **Dalane Tricot:** daianetricot.com.br; **Dailius Color:** (11) 2227-3333; **Dakota:** (54) 3281-8090; **Dior:** 0800-170506; **DoCaique:** sandaliasdocaique.com.br; **Dona da Bijoux:** (11) 3333-3237; **Dona Florinda:** donafiorinda.com.br; **DTA:** dtajeans.com.br; **Dzarm:** 0800-473114; **Eclectic:** eclectic.com.br; **Ecologie:** 0800-7738558; **Elke:** 0800-117707; **Emme:** blogdaemme.com.br; **Enjoy:** enjoy.com.br; **Espaço Fashion:** (11) 5181-2334; **Famel:** famel.com.br; **Favela Hype:** (21) 2431-9590; **Fernanda Shammás:** fernandashammás.com.br; **Fill Sete:** fillsete.com.br; **FiveBliu:** fivebliu.com; **Floractive:** (11) 4277-0247; **Fuller:** tupperware.com.br; **Ga.ma Italy:** 0800-7244282; **Garimppo:** garimppo.com.br; **Hanami:** hanami.com.br; **Imporium:** imporium.com.br; **Jequití:** 0800-7267575; **Jessica Di Netti:** jessicadineti.com.br; **J'ore:** (21) 2431-2499; **Jorge Alex:** jorgealex.com.br; **Josefina Rosa Corr:** josefinarosacor.com.br; **Klass Vough:** (11) 3208-3047; **L'Apogée:** (49) 3223-5901; **Leeloo:** leeloo.com.br; **Le Postiche:** lepostiche.com.br; **Lez a Lez:** (47) 3373-7000; **Licci:** (21) 2256-2024; **Loja 18:** (11) 5181-7959; **Lojas Americanas:** 4003-4848; **Lupo:** (11) 5181-9773; **MAC:** 0800-8921695; **Make Up For Ever:** (21) 3543-5949; **Marisa:** marisa.com.br; **Marcelo Beauty:** 0800-552889; **Mercatto:** mercatto.com.br; **Marco Boni:** (11) 4615-6501; **Mary Kay:** 0800-163113; **Meias 6:** meias6.com; **Melissa:** 0800-9798898; **Moleca:** 0800-5413536; **Mundial:** 0800-5412595; **My Gloss:** myglossaccessorios.com.br; **My Philosophy:** myphilosophy.com.br; **Natura:** 0800-115566; **Nivea:** 0800-7764832; **O Boticário:** 0800-413011; **Océane Femme:** (11) 2171-0142; **Oh, Boy:** ohboy.com.br; **Olook:** olook.com.br; **Orgânica:** (11) 4151-9300; **Panapaná:** panapaná.com.br; **Pantene:** 0800-7015515; **Panvel:** 0800-6429001; **Passarela:** passarela.com.br; **Pernambucanas:** 0800-7249200; **Pinkbiju:** (11) 2093-1377; **Portfolio:** portfolio.com.br; **Quem disse, Berenice?:** 0800-7266482; **Quintess:** (47) 3331-6666; **Renner:** lojasrenner.com.br; **Revlon:** 0800-7733450; **Riachuelo:** 0800-7014342; **Ricca:** (11) 3371-9599; **Ruby Kisses:** (11) 2369-4004; **Sachê Professional:** (43) 3027-5656; **Santíssima Moda:** santissimamoda.com.br; **Schutz:** schutz.com.br; **Seiki:** (11) 3062-0485; **Selo:** selodecontrole.com.br; **Sheer:** 0800-7737344; **Tabita:** tabita.com.br; **Taiff:** 0800-171655; **Toii:** toii.com.br; **Top Beauty:** (11) 4402-2552; **Topshop:** (11) 3152-6002; **Verídica It:** (11) 3672-2122; **Via Marte:** viamarte.com; **Vichy:** 0800-7011552; **Vult:** (11) 4736-8890; **Wallmart:** wallmart.com.br; **Wella:** 0800-7029966; **Yes Cosmetics:** 0800-9700444; **Zimpy:** zimpy.com.br.

Capa Foto Truck Archive Tratamento de imagem Marcelo Calenda

Fonte: *Capricho*, 5 maio de 2013

É interessante observar que antes das seções temáticas, aparecem *Oi da editora* e *Diz aí*. A seção *Oi da editora* corresponde ao gênero editorial, escrita pela editora da revista. Como podemos ver na Figura 2, a seção *Diz aí* apresenta o gênero carta do leitor, além disso, também apresenta imagens dos jornalistas durante a produção da revista na redação, modelos produzindo editoriais de moda para a edição e famosos que foram entrevistados ou que visitaram a redação da revista, sob o subtítulo *Rolou da redação*; apresenta trechos de falas de leitores sobre um tema definido previamente em um fórum no site *Capricho*, sob o subtítulo de Fórum; e, apresenta também imagens de leitoras, escolhidas pela revista por meio da rede social *Instagram*, uma rede de compartilhamento de imagens. Em cada edição um tema é definido por meio de uma *tag*, uma palavra-chave, no perfil da revista nesta rede social. O subtítulo leva o mesmo nome da rede social, relacionando a revista impressa com outros suportes, como a internet.

Além disso, encontramos a presença da voz do leitor nas seção *Moda e Beleza*, em colunas de aconselhamento, onde a leitora aparece fazendo perguntas sobre temas relacionadas à beleza e à saúde (ver anexo A) ; e na seção *Diversão*, em uma subseção onde as garotas relatam momentos constrangedores que já vivem no dia a dia (ver anexo E).

Figura 2 - Seção *diz aí*

diz aí

EDIÇÃO PASSADA



Orgulho Lovatic
Sou superfã da Demi Lovato e adorei saber que ela superou todos os seus medos e começou 2013 melhor do que nunca. Ela é minha inspiração!
Fernanda Medeiros, 16 anos, Cataguases (MG)

S.O.S. cabelo
Amei a matéria *Salve Seu Cabelo!* Meus fios estão sofrendo muito neste verão e foi bom aprender algumas dicas para recuperá-los.
Jessica Kelle, 14 anos, Livramento (BA)

Trio maravilhoso!
Achei demais ter uma matéria e um pôster com os meninos da banda Emblem3. Eles são engraçados, divertidos e muito lindos. Valeu, CH!
Mariana Pereira, 16 anos, Rio de Janeiro (RJ)

ROLOU NA REDAÇÃO



A Chris tá usando a jaqueta da CH para C&A! Nas lojas em 21/2!



O pessoal fez uma pausa para um lanchinho durante a produção do editorial de moda! Hum...



As atrizes Gabriella e Isabella nos bastidores da segunda temporada de *It Girls*, que estreia dia 20/2 no site da CH!

FÓRUM

Na escola eu...

...“vou melhorar as notas. Preciso garantir meu intercâmbio, né?”
Tawane Barbosa, 15 anos, São Paulo (SP)

...“quero fazer novas amizades porque é sempre bom conhecer gente nova!”
Isabella Nascimento, 14 anos, Guapimirim (RJ)

...“prometo que não vou mais usar fones de ouvido na aula.”
Daniela Miller, 16 anos, Itapevi (SP)

...“usarei menos canetas coloridas! Todo ano, meus cadernos sempre ficam um verdadeiro Carnaval!”
Aline Drulis, 16 anos, Poá (SP)

...“não vou deixar acumular as atividades.”
Helena Albuquerque, 15 anos, Manaus (AM)

...“vou deixar de pensar um pouquinho no love e prestar mais atenção nas explicações do professor.”
Beatriz Sherman, 15 anos, Cabo Frio (RJ)

INSTAGRAM

Mundo Geek



@dear_zombies



@jebachmann



@totallyrandomgirls



@kethechelon

Participe do **INSTAGRAM** postando sua foto com a tag da vez no @capricho

■ CAPRICHÔ

Fonte: *Capricho*, 10 Fev. de 2013.

Ao cotejarmos os textos em busca das singularidades que a voz do leitor produziria nos gêneros jornalísticos, notamos que a voz de autoridade dos leitores aparecia nos gêneros jornalísticos dentro da seção *Você* da revista, uma seção que apresenta temas relacionados a comportamento, relacionamentos e sexo. Essa seção temática faz parte das cinco seções fixas presentes na revista, e aborda temas relacionados a comportamento, sexo e relacionamentos.

Em Figura 3, Figura 4, Figura 5 e Figura 6 podemos notar os temas abordados nas matérias dentro dessa seção. Os assuntos abordados são relacionados a sexo, como a primeira relação sexual da adolescente e gravidez, a comportamento, relação com a família, e à esfera escolar. Destacamos, como podemos ver na Figura 6, que a partir da edição de dezembro de 2013 a revista passa por uma reformulação e a seção *Diversão* é incorporada à seção *Você*.

Figura 3 - Seção *Você*



Fonte: *Capricho*, 19 Set. de 2013

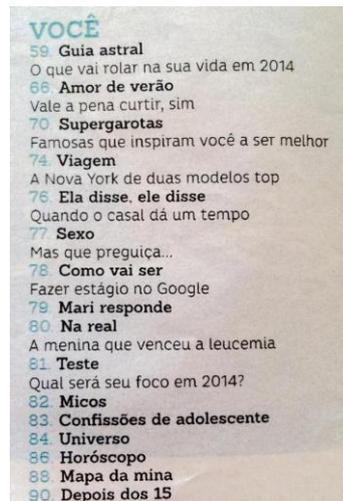
Figura 4 – Seção *Você*



Fonte: *Capricho*, 13 Jan. de 2013

Figura 5 - Seção *Você*

Fonte: *Capricho*, 30 Jun. de 2013

Figura 6 - Seção *Você*

Fonte: *Capricho*, 29 Dez. de 2013

Na busca pela presença da voz do leitor e ao refletirmos sobre como essa voz de autoridade seria importante para a configuração do gênero, selecionamos dois gêneros jornalísticos, presentes na seção *Você* da revista impressa, em que a voz do leitor aparecia como voz de autoridade, ao lado da presença da voz de autoridade de especialistas e da própria revista. Esse gêneros escolhidos foram a reportagem e a coluna de aconselhamento. A partir de uma seleção qualitativa e baseada nos nossos objetivos, selecionamos para a análise duas reportagens e duas colunas de aconselhamento presentes em edições da revista impressa.

As reportagens selecionadas para a análise, a partir da perspectiva dialógica, nesta pesquisa foram *Hoje é não* e *Meu melhor amigo é gay*, e as colunas de aconselhamento escolhidas foram *Terapia de grupo* e *Ela disse/ele disse*.

A fim de exemplificarmos que a voz do leitor não aparece de maneira esporádica, colocamos em anexo outros exemplos de reportagens e colunas de aconselhamento de outras edições (ver anexos B, C e D).

3.3 Análise dialógica do *corpus*

3.3.1 A presença da voz do leitor na constituição do gênero discursivo reportagem.

Na perspectiva bakhtiniana, parte-se do pressuposto de que os enunciados são sempre produzidos dentro de esferas de atividades, e são determinados pelas condições e pelas finalidades específicas de cada esfera. Essas esferas ocasionam o surgimento de tipos de enunciados, que se estabilizam de forma precária e mudam em função de modificações nessas

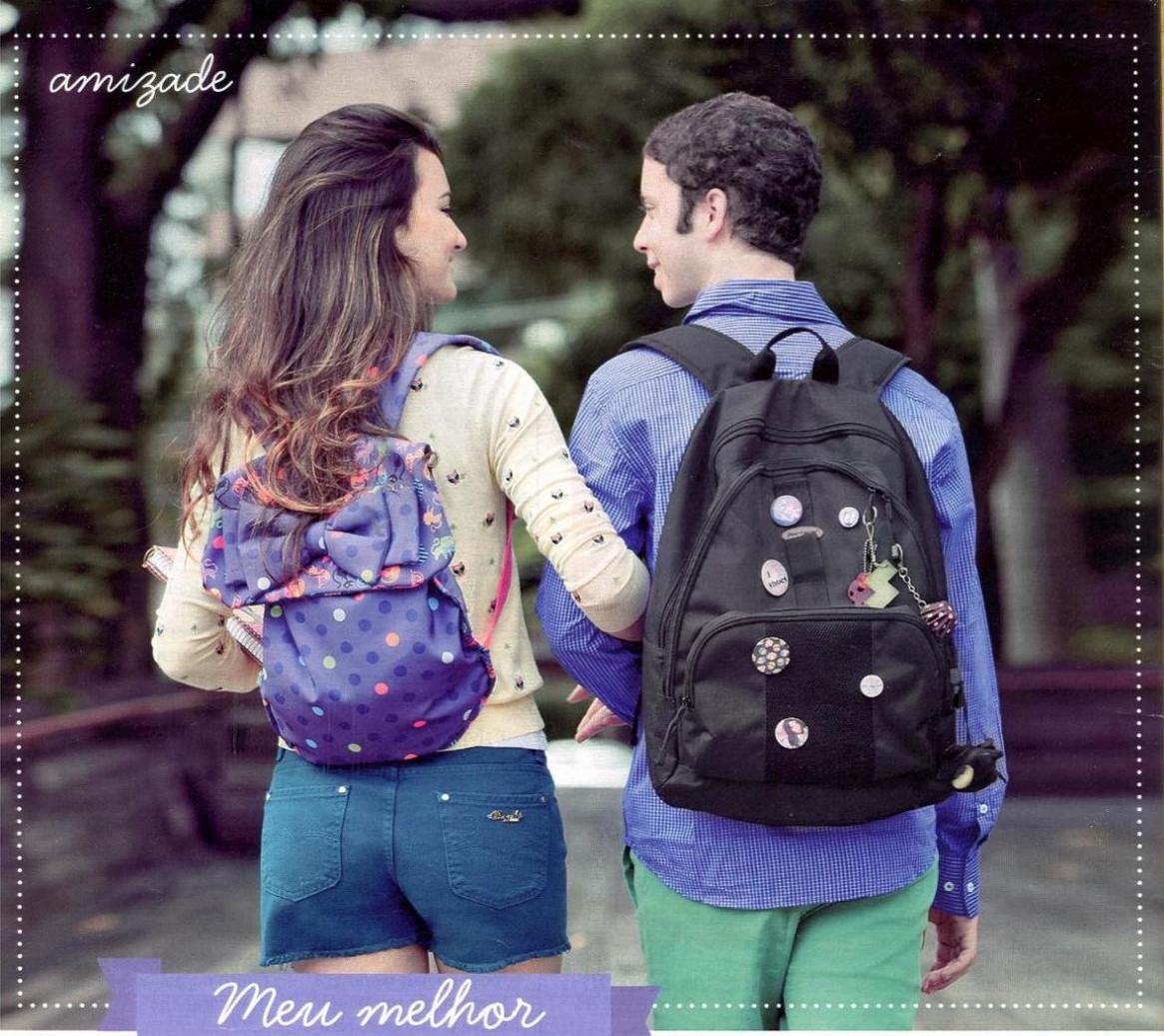
esferas. A partir da matéria analisada abaixo, refletiremos sobre a presença da voz do leitor constituindo o enunciado, tendo em vista a estabilização precária do gênero.

A reportagem a seguir (Figura 7 e Figura 8), *Meu melhor amigo é gay*, está presente na seção temática *Você* da revista *Capricho* de 07 de abril de 2013, edição n. 1172. No canto superior esquerdo a revista aponta a temática a ser abordada, *amizade*.

A matéria é tomada aqui como enunciado, na perspectiva bakhtiniana. Dessa forma, pensamos sua constituição no interior de um gênero do discurso (tendo como hipótese de que se trata de uma reportagem) e na relação com vozes sociais. Tomamos como hipótese de que a matéria se trata de uma reportagem pois ela aborda um assunto de grande interesse entre os jovens por uma perspectiva mais aprofundada, com relação a outros gêneros presentes na revista, como colunas que informam sobre sexo, moda e notícias sobre eventos e famosos, além disso, a matéria apresenta entrevistas com jovens e especialistas. Destacamos o uso de citações do discurso de adolescentes e a relação do enunciatador com seu destinatário.

Figura 7 – Reportagem 1

amizade



Meu melhor

AMIGO é *gay*

Conheça quatro histórias de amizades que fazem a vida ficar colorida (sem segundas intenções)

Edição Karolina Pinheiro Texto Luiza Sahd Foto Fernanda Frazão
Design Regina Mizuno Produção de Moda Isabella Castro

Imagine ter um amigo que nunca vai se aproximar de você pensando em uma ficada. Ele te ama pelo seu jeitinho e nada mais. O melhor de tudo? Vocês podem curtir as mesmas músicas, os mesmos filmes e até os mesmos meninos, mas nunca vai rolar aquela competição chata que as meninas têm às vezes. Tudo isso porque ele é um garoto, você é uma garota e, apesar disso, vocês estão em sintonia pura!

72 CAPRICHÔ

Fonte: *Capricho*, 07 Abril de 2013

Figura 8 – Reportagem 1

ELE SEMPRE ME DEIXA FELIZ

“Conheci o Eduardo de um jeito bizarro: ele era amigo do meu ex. No começo, pensei que ele estava dando em cima de mim, mas algum clique me fez sentir amor por ele - de uma forma diferente - e a gente não se desgrudou mais. Além de termos muito em comum, é ele que me faz gargalhar no meio de qualquer confusão.”
Natália, 16 anos

ELE GUARDA OS MEUS SEGREDOS

“O Silvio é mais que um amigo: é meu cúmplice! O melhor da nossa amizade é que ele me entende mais do que qualquer amigo hétero. As brincadeiras são mais descontraídas, a conversa flui e os assuntos são os mais variados possíveis. Com o Silvio, eu tenho abertura pra falar sobre qualquer assunto sem vergonha nenhuma.”
Jacqueline, 17 anos, Campinas, SP

É OU NÃO É?

O que fazer quando você desconfia que ele é gay, mas ainda não assumiu?

Ele é seu melhor amigo. Ok. Mas lembre-se de que assumir a orientação sexual envolve outros fatores além da confiança em você. Em primeiro lugar, pode ser que ele nem tenha certeza. Daí, não adianta fazer alarde! Evite forçar a barra e perguntar na lata (ou pior, ficar insinuando). Isso pode deixar seu bff mais confuso ainda! O melhor a fazer é ouvir. Com certeza, ele vai dividir esse segredo com você quando for a hora certa.

“Sim, às vezes eu sofro um pouco por ser diferente, mas graças à amizade da Naty, me sinto forte para enfrentar este momento da vida!”
Eduardo, 15 anos

“Sinto que mudei por dentro por causa da Jacqui: ela me ensinou a ser mais sensível com as pessoas e comigo mesmo.”
Silvio, 18 anos

AGORA É COM VOCÊ

Seu bff é gay. E você com isso?

- Ele pode ter a família e os amigos mais incríveis do universo, mas, em um mundo tão cheio de preconceitos e crenças malucas, ele pode passar por aborrecimentos. Como amiga de verdade, seu papel é o mesmo de sempre: oferecer seu ombro amigo, opinar, ajudar e até comprar brigas se for preciso.
- É importante engrossar o coro daqueles que, como você, sabem que ser gay não interfere no caráter de ninguém. Afinal, nem todo mundo pensa desse jeito.
- Fique atenta para a forma como os amigos e as pessoas próximas a ele reagem a tudo isso. Vocês precisam ter em mente que, em uma situação de discriminação, quem está errado é sempre quem discrimina. Simples assim.



FALA, KURT!

“NÃO IMPORTA SE VOCÊ É GAY OU HÉTERO. O QUE IMPORTA É QUE SOMOS AMIGOS.”

Kurt Hummel, personagem de *Glee*, pode até parecer o típico clichê do gay fashionista, mas ele é muito mais do que isso. Depois de quase desistir do colégio por causa do preconceito, ele começa a bater de frente contra o bullying - com um namorado a tiracolo. Além disso, Kurt dá ótimos conselhos: o amigo que todo mundo quer ter!

ELE É MUITO SINCERO

“O Felipe é o cara mais parceiro que já conheci. Acho que nós, garotas, enrolamos muito para falar o que sentimos com medo de machucar o outro. Os meninos são mais diretos e sinceros, e isso abriu meus olhos muitas vezes! Ano passado, acabei gostando de uma menina, e ele me apoiou. Isso foi importante pra mim!”
Lara, 16 anos

ELE ME AJUDA COM OS MENINOS

“O Nathan é meu guru para todos os assuntos: ele melhora meu humor, me consola quando ninguém tem saco comigo e me arrasta para as festas mais top do mundo! Ele sabe quando um ficante está sendo sincero comigo ou não e dá os melhores conselhos nessas horas. Até para me produzir, eu fico enchendo o Nathan.”
Gabriela, 17 anos

“As meninas têm um jeito diferente, que nos faz ter vontade de contar todos os nossos segredos para elas. Com a Lara, é total assim.”
Felipe, 17 anos

“Eu e a Gabi conseguimos conversar só pelo olhar. Ela é a irmã que eu não tive... Somos cúmplices, amigos, irmãos de verdade.”
Nathan, 16 anos

Quem deu as informações Rose Vilela, psicóloga e sexóloga da UNIFESP.

CAPRICHOS 73

A matéria (Figura 7 e Figura 8) é composta por duas páginas que ficam lado a lado na revista impressa. A primeira imagem (Figura 7), dedicada exclusivamente para a chamada da reportagem, apresenta uma menina e um menino, adolescentes, se olhando e de braços dados, mas de costas para o leitor, deixando aparentes suas mochilas, como se fossem alunos de uma escola, criando um possível efeito de identificação com o público leitor, também nessa faixa etária. Predominando tons de azul e roxo, a chamada *Meu melhor amigo é gay* mistura fontes de letras diferentes, inclusive de letra cursiva. Na introdução da matéria, a revista convida a leitora a conhecer quatro histórias de amizades entre meninas e meninos gay, colocando essa amizade como vantajosa em relação a amizades entre meninas ou entre meninos e meninas heterossexuais: "você podem curtir as mesmas músicas, os mesmo filmes, e até mesmo os mesmos meninos, mas nunca vai rolar aquela competição chata que as meninas têm às vezes". Assim, a partir de um pequena introdução sobre o assunto, assinada por Luiza Sahd, abordando pontos positivos dessa amizade, a matéria passa a abordar os comentários sobre o assunto.

No meio da página uma foto de uma celebridade está destacada; trata-se do personagem Kurt Hummel do seriado *Glee*. A imagem é acompanhada também por uma fala entre aspas, que entendemos que seja do personagem. A revista usa o exemplo de um personagem gay famoso entre os adolescentes para exemplificar para os leitores que ter um amigo homossexual é uma vantagem. Dessa maneira, a única foto presente na página pertence à figura de um personagem de uma série muito conhecida entre as adolescentes, não há fotos dos leitores que falam nessa matéria, sendo reconhecidos, como já falado acima, principalmente pelo nome e idade.

Assim, podemos entender que a revista compreende ser mais necessário o uso da imagem de um personagem, facilmente identificável pelas leitoras, para exemplificar os benefícios de se ter um amigo gay do que as fotos dos leitores que falam na matéria, cabendo a eles os relatos e as opiniões. Além disso, podemos compreender que a revista decide por não utilizar fotos dos leitores a fim de preservar a identidade deles, já que se trata de um assunto ligado à sexualidade, portanto, atravessado pela esfera íntima. A imagem que abre a reportagem (Figura 7) também nos remete à ideia da preservação da identidade, já que o menino e a menina aparecem de costas, com seus rostos visíveis apenas parcialmente.

Por meio da voz da jornalista, podemos entender que na introdução (ver Figura 7) à reportagem existe uma valoração positiva quanto à amizade entre meninas e gays, ou seja, uma amizade em que não há segundas intenções. No subtítulo, essa valoração é reforçada nos seguintes termos: "Conheça quatro histórias de amizades que fazem a vida ficar colorida (sem

segundas intenções)". Podemos notar aqui uma referência à expressão *amizade colorida*, usada por jovens para indicar um relacionamento amoroso; por outro lado, o termo colorido traz uma conotação positiva à amizade: "[...] amizades que fazem a vida ficar colorida". O trecho explicativo "(sem segundas intenções)" reforça também essa valoração positiva.

Além disso, observamos na introdução o discurso muito presente na sociedade de que a amizade entre meninas é cercada pela competição, enquanto a amizade entre meninos e meninas é baseada no companheirismo: "[...] mas nunca vai rolar aquela competição chata que as meninas têm às vezes".

Ressaltamos que essa valoração positiva relacionada à amizade entre meninas e gays ora é conservadora, ora não. Ou seja, ao abordar um assunto relativamente novo, a revista se mostra inovadora, entretanto, ao reforçar estereótipos, a revista se revela conservadora.

A reportagem analisada é composta prioritariamente com trechos de opiniões e relatos de experiência selecionados e editados pela revista. Essas citações aparecem em destaque, a página é bastante colorida e com ilustrações.

Podemos notar que a revista traz variadas vozes de leitores para compor sua matéria, a maior parte da página é composta por trechos de opiniões e relatos com experiências positivas de como é ter um amigo gay. Por meio dessas vozes sociais que atravessam o texto, podemos notar os valores trazidos pela revista. Existe aqui novamente uma valoração positiva quanto à amizade entre meninos homossexuais e meninas; essa relação é colocada muitas vezes em comparação à amizade entre meninas e meninos heterossexuais. Por meio da citação direta podemos notar como essa relação é colocada: "O melhor da nossa amizade é que ele me entende mais do que qualquer amigo hétero. As brincadeiras são mais descontraídas, a conversa flui e os assuntos são os mais variados possíveis." (Jacqueline).

Nesse trecho da fala da leitora, relacionada à sua relação com um amigo gay, fica claro que os valores aqui colocados se referem a uma amizade ideal entre meninas e gays. Destacamos a passagem: "ele (amigo gay) me entende mais do que qualquer amigo hétero".

Além disso, existe ainda a comparação entre o comportamento feminino e o masculino, sendo este valorado positivamente. "Acho que nós garotas enrolamos muito para falar o que sentimos com medo de machucar o outro. Os meninos são mais diretos e sinceros, e isso abriu meus olhos muitas vezes". (Lara).

Nesse sentido, a garota retrata o comportamento feminino como mais "enrolado" do que o masculino, ao usar o pronome *nós* ela também se insere nesse grupo. Assim, revelam-se estereótipos, como se toda menina não falasse sobre seus sentimentos e como se a sinceridade não fosse característica imanente à natureza feminina. Dessa maneira, podemos entender que

amizade entre meninos homossexuais e meninas é valorado positivamente também em relação à amizade entre meninas.

Aqui o relato é editado pela revista, sendo apresentado apenas em trechos entre aspas, sendo que a opinião dos garotos é apresentada com aspas maiores e coloridas de roxo, e nos trechos com a opinião das meninas é colocado, no início, um desenho com reticências coloridas. Esse recurso verbo-visual traz a ideia de que a fala colocada na revista é apenas um trecho de um possível conversa ou entrevista, que algo mais foi dito, mas que aquele trecho destacado pela revista é o mais importante. Destacamos que as cores utilizadas tanto nas aspas quanto nos balões com reticências são relacionadas ao universo feminino e gay, como o rosa e o lilás.

Sabemos que todo discurso presente nos diversos contextos sociais nunca é completamente novo, pois contém resquícios de outros discursos, ou seja, discursos de outrem, reorganizados de forma dialógica nas falas dos sujeitos, podendo aparecer de maneira mais explícita, marcados pelos recursos linguísticos, como no discurso direto, ou de maneira implícita, como ocorre no discurso indireto e indireto livre. Nesta reportagem, destacamos o uso recorrente do discurso relatado direto das vozes das leitoras presentes no discurso marcadas por meio das aspas, o que sugeriria, conforme a perspectiva bakhtiniana, um limite demarcado entre a voz da jornalista e a voz do leitor. Ao introduzir a palavra do outro por meio do discurso direto, a revista dá a palavra ao leitor, entretanto, a revista faz uso do discurso direto a fim de reforçar o seu posicionamento ideológico.

Os relatos são acompanhados pelo nome da pessoa, idade e algumas vezes pela cidade onde o leitor mora. Eles apresentam subtítulos destacando o principal argumento do relato ou opinião do leitor, por exemplo: "Ele me ajuda com os meninos", "Ele guarda os meus segredos". Os trechos com as opiniões dos meninos estão com destaque em amarelo, como se tivessem sido destacados com caneta marca-texto, indicando algo que é importante, que merece que se chame a atenção. Este recurso traz a ideia da utilização da caneta marca-texto, muito usada no dia a dia na leitura de textos quando se quer focar algo importante, podendo causar, então, o efeito de sentido de identificação com as formas de leitura do leitor. Assim, o verbal produz sentido junto com o visual.

Vale lembrar que o uso do discurso citado é muito comum na imprensa escrita, visto que produz um efeito de real dos acontecimentos descritos, trazendo veracidade ao texto (Grillo, 2005). Assim, com relação ao discurso direto, muito presente na matéria acima, os manuais de redação da imprensa tradicional (FSP, 1996; MARTINS, 1992) chamam a atenção para o fato de que o uso de declarações no texto jornalístico deve seguir algumas regras, entre

elas a adaptação à língua escrita e à norma culta, como a eliminação de expressões da linguagem oral. Vejamos.

Na reprodução de declaração textual, seja fiel ao que foi dito, mas, se não for de relevância jornalística, elimine repetições de palavras ou expressões da linguagem oral: **um, é, ah, né, tá, sabe ? entende ? viu ?** Para facilitar a leitura, pode-se suprimir trecho ou alterar a ordem do que foi dito - desde que respeitado o conteúdo. (FSP, 1996, p. 67, grifo nosso)

Embora as declarações entre aspas devam transcrever com fidelidade as palavras do entrevistado, adapte o texto às normas gramaticais, acerte as concordâncias, elimine as repetições muito frequentes e contorne os vícios de linguagem. A menos, claro, que haja alguma razão para se manter literalmente o texto. (MARTINS, 1992, p. 26)

Pensando nisso, podemos notar, na matéria analisada, que, ao editar as declarações dos adolescentes, colocadas entre aspas, há sim uma preocupação em respeitar a norma culta da língua. No texto não há erros de concordância, por exemplo. Entretanto, podemos perceber o uso de algumas expressões próprias da língua oral, principalmente do adolescentes, como nos comentários de Gabriela e Lara: "O Nathan é meu guru para todos os assuntos: ele melhora meu humor, me consola quando **ninguém tem saco comigo** e me arrasta para as festas **mais top do mundo!** [...] Até para me produzir eu **fico enchendo** o Nathan." (Gabriela, 17 anos); "O Felipe é o **cara** mais parceiro que já conheci." (Lara, 16 anos) Próprias da língua falada, as expressões "ninguém tem saco", "mais top", "fico enchendo" e "cara" mostram que a revista faz uso da linguagem informal, buscando um meio termo entre a formalidade das revistas tradicionais e a linguagem dos adolescentes.

No canto direito da página, nos boxes roxos, a jornalista responde a duas questões colocadas pela revista. A revista aponta, no canto inferior esquerdo da Figura 8, que quem deu as informações foi uma psicóloga, assim, temos também a voz de uma especialista. A jornalista comenta: "O que fazer quando você descobre que ele é gay e não assumiu?" e "Seu *bff* é gay. E você com isso?", trazendo soluções para possíveis situações problema. A linguagem informal, as gírias e expressões próprias de adolescentes também são usadas pela jornalista, como *bff* (melhores amigos para sempre, em inglês), **ok** e "**perguntar na lata**", ao mesmo tempo em que se tenta atender à norma padrão. Na primeira imagem, também podemos notar expressões características da língua falada usadas pela jornalista, como "nunca vai **rolar** aquela situação" e "pensando em uma **ficada**". Na revista *Capricho*, entendemos que a linguagem informal é utilizada a fim de estabelecer uma proximidade com o leitor. O

efeito de sentido que se dá é de fidelidade à fala da adolescente; os jovens que falam na revista dialogam com outras leitoras e a revista coloca-se como mediadora, como uma amiga próxima da leitora ou uma irmã mais velha que aconselha. A linguagem informal atravessa todas as vozes, mostrando essa relação de proximidade estabelecida entre o eu e o outro.

Dessa maneira, o estilo da reportagem marca essa relação de proximidade com o outro, o leitor, estabelecendo um diálogo com o destinatário. Esse diálogo é também reforçado pelo uso do pronome de tratamento "você" pela jornalista dentro dos boxes roxos (Figura 8), ao falar com os leitores: "Vocês precisam ter em mente que, em uma situação de discriminação, quem está errado é sempre quem discrimina"; "O que fazer quando você desconfia que ele é gay, mas ainda não assumiu?"; "Com certeza ele vai dividir esse segredo com você quando for a hora certa".

O diálogo com o leitor influencia no estilo do gênero, e como a relação da revista com o leitor é de proximidade, a linguagem é marcada por traços de informalidade, como gírias, expressões típicas da oralidade e o pronome de tratamento "você".

No reportagem analisada, a jornalista responde, por meio da psicóloga, a possíveis dúvidas das leitoras, dividindo com o leitor a voz de autoridade. O foco da matéria são as opiniões e os relatos de adolescentes sobre os aspectos positivos de se ter um amigo homossexual, pois o leitor considera-se autoridade nessa matéria. Todos os depoimentos são organizados na página (Figura 8) de modo a dizer que o amigo gay é ainda melhor do que uma amizade entre meninas, por exemplo. A revista imagina um destinatário que se identifique com o que os adolescentes relataram, que toma como importante a opinião de outros adolescentes sobre o assunto.

A jornalista, ao trazer informações dadas por uma especialista, em boxes, explora a estrutura de uma coluna de aconselhamento, já que a fala é pautada em dicas para o leitor: "Como amiga de verdade, seu papel é o mesmo de sempre: oferecer seu ombro amigo, opinar, ajudar e até comprar briga se for preciso"; "Fique atenta para a forma como os amigos e as pessoas próximas a ele reagem a tudo isso"; "Mas lembre-se que assumir a orientação sexual [...]". Destacamos o uso do texto injuntivo, com o uso de verbos no imperativo. Pensando na relação com o leitor, a revista compreende que ele necessita de orientação com relação ao tema tratado. Assim, os boxes assumem uma estrutura estilisticamente próxima a estrutura da coluna de aconselhamento.

Esses relatos em forma de citação direta da fala dos adolescentes, expostos de forma fragmentada, explicitam as vozes sociais presentes na matéria. Partindo do pressuposto de que o enunciado é atravessado por diversas vozes, as vozes do outro, ou seja, as vozes dos

leitores, são materializadas nessa reportagem por meio da citação direta, característica desta reportagem. Podemos notar o diálogo entre o destinatário da revista, as adolescentes, com a voz social da citação. Essa voz social é estabilizada, reforçando valores e estereótipos. Os valores ideológicos são materializados por meio dessas vozes, por exemplo os valores relacionados ao comportamento feminino, masculino e dos gays. A voz social presente nas citações é coincidente com os destinatários da revista, leitores adolescentes que falam, expõem valores referentes à adolescência para outros leitores adolescentes.

Dessa maneira, podemos destacar a influência do meio de circulação no gênero reportagem de revista impressa, afinal, sabendo que seu público leitor é adolescente, ela busca uma linguagem mais próxima dele, assim como a composição da matéria veiculada baseia-se em compartilhamentos de opiniões dos próprios adolescentes, já que muitas vezes a revista procura se colocar como uma amiga. Assim, a revista entende que as experiências dos leitores, contadas por meio de falas diretas, seja de extrema importância na construção da matéria.

A partir da teoria Bakhtiniana entendemos que são as esferas da atividade humana que regularizam e legitimam as atividades sociais que, por sua vez, elaboram os "*tipos relativamente estáveis de enunciado*", os gêneros do discurso (BAKHTIN, 2011, p.262). Assim, em cada uma dessas esferas os gêneros se formam e se diferenciam a partir das suas finalidades discursivas, dos participantes da interação e das suas relações sócio-históricas. Dessa forma, podemos afirmar que a presença do leitor alçada como autoridade e sua forte influência como destinatário são fatores para a desestabilização do gênero reportagem na revista *Capricho*.

Retomando a reflexão sobre a disposição dos depoimentos na página da Figura 7 (abordamos aqui especificamente a forma composicional da reportagem), podemos dizer que as opiniões, os relatos e os conselhos da psicóloga, apesar de serem dispostos na página ora à direita, ora à esquerda, ora acima, ora abaixo, não precisam ser lidos em uma única ordem já que são todos dispostos em forma de "blocos". O leitor pode ler os trechos em qualquer ordem sem prejudicar o entendimento global, diferentemente de uma matéria jornalística em que tem por base um texto acrescido de boxes. Assim, neste exemplo de matéria feita pela *Capricho*, a página se aproxima de um exemplo de um mural, dando ao leitor mais liberdade no "movimento da leitura" do texto. Podemos destacar o diálogo dessa disposição em forma de blocos na página com a linguagem da internet, já que, ao lermos matérias em computadores, *tablets* e celulares, muitas vezes nos é mostrada em partes, em "blocos". Entende-se aqui também uma relação com o destinatário da revista, uma geração acostumada com a leitura na

internet. Assim, a estrutura composicional desta reportagem mostra essa relação com seus leitores, gerando uma possível identificação com seu público.

Colocando em foco a questão do estilo desta matéria, observamos que os trechos têm subtítulos coloridos, grifados e dividem a página com ilustrações e foto. A matéria abordada apresenta uma mistura de estilos de fontes tipográficas, apresentando a forma tipográfica sem *serifa* (convencional em revistas impressas) e a fonte cursiva rosa, lembrando a escrita à mão, principalmente feminina. A forma cursiva nos faz pensar em uma relação de proximidade com o leitor, de intimidade, já que essa letra remete a uma escrita pessoal, com a qual escrevemos em cadernos, diários, etc. Assim, podemos pensar sobre como a relação do enunciado com o próprio falante e com outros participantes da comunicação determina as peculiaridades estilístico-composicionais do enunciado. Vale lembrar que o estilo e a composição dependem dessa influência do destinatário no enunciado, ou seja, o estilo depende da maneira como o locutor imagina o destinatário, e da maneira que ele presume uma compreensão responsiva ativa.

Podemos entender que na revista *Capricho* o gênero reportagem sofre influência da esfera de circulação. Ou seja, o gênero se desestabiliza condicionado por suas finalidades discursivas, pelos participantes da interação e por suas relações sociais. A matéria analisada apresenta uma rede de compartilhamento de opiniões e experiências, com um padrão de textos curtos e colocados em colunas, facilitando a leitura do jovem. O leitor tem um papel de autoridade no texto, dividindo espaço com a fala da jornalista, que traz também informações dada por uma especialista. Além disso, a valoração positiva relacionada à amizade é ora conservadora, ora não, já que apesar de abordar um assunto novo, valores ideológicos são reforçados por meio da voz dos leitores e da jornalista, havendo uma estabilização de valores.

Com relação ao uso de letras grandes, de cores berrantes e à disposição do conteúdo na página, Scalco (2004) nos lembra do uso das agendas pelas adolescentes no final dos anos 1980 e início dos 1990, quando as adolescentes escreviam em diários e agendas, com fotos, recortes e textos. Para a autora, a reformulação da revista buscou inspiração nessas agendas, tanto para o texto quanto para a linguagem visual. Dessa maneira, até mesmo a disposição das frases e fotos foi feita pensando na facilitação da prática de recortar as figuras e textos da revista para colar em suas agendas. Portanto, letras grandes, frases soltas e coloridas foram privilegiadas. Dessa forma, podemos pensar que a disposição do conteúdo na página, de modo que não há uma única ordem para a leitura, também seja inspiração para esses recortes, uma forma de leitura típica dos adolescentes que gostam de recortar e colar em seus cadernos, até mesmo colecionar, mesmo nos dias de hoje.

A fim de compreendermos melhor a voz do leitor na constituição do gênero reportagem, analisamos também uma matéria publicada na edição 06 de outubro de 2013 (n. 1185.) A reportagem abaixo, *Hoje é não!*, aparece na seção temática *Você* da revista *Capricho*, trazendo como assunto a necessidade da garota dizer não ao assédio ou quando não quer se relacionar sexualmente com alguém. No canto superior esquerdo a revista aponta a temática a ser abordada, sexo.

A reportagem em questão foi elaborada como uma resposta a uma polêmica que ocorreu, em julho de 2012, no blog *sexo*, na *capricho.com.br*. Em um dos *posts*, intitulado *Fiquei com vontade de dizer não*, uma garota relatou uma experiência traumatizante sobre a sua primeira relação sexual, em que seu parceiro havia forçado a relação. De acordo com a editora da revista, Tatiana Schibuola, a ideia da editora do site era alertar as adolescentes para que tivessem a primeira relação sexual apenas quando estivessem preparadas. Entretanto, o *post* foi muito criticado pelos leitores no próprio fórum, em sites e nas redes sociais, pois a revista foi acusada de ter sido conivente com uma situação de abuso, pois não abordou a questão como um caso de abuso sexual. Apenas depois da forte polêmica nas redes sociais a revista colocou uma nota no blog, logo abaixo do relato, esclarecendo que a revista não incita que garotas façam sexo sem vontade, e trazendo links que redirecionavam para abordagens sobre o tema abuso sexual no próprio blog.

Vejamos a nota de esclarecimento⁷:

UPDATE:

A *CAPRICHÔ* não incita ou estimula que garotas ou mulheres façam sexo sem vontade ou que se rendam à pressão de seus pares. Ao contrário, essa questão é constantemente discutida neste blog e com um posicionamento bastante claro, como está evidenciado em posts como os listados abaixo:

<http://capricho.abril.com.br/blogs/sexo/tenho-que-fazer-tudo-o-que-meu-namorado-quer-ate-onde-devo-ir/>

<http://capricho.abril.com.br/blogs/sexo/e-se-eu-me-arrepender/>

<http://capricho.abril.com.br/blogs/sexo/como-dizer-para-o-garoto-que-nao-estou-a-fim-de-transar/>

<http://capricho.abril.com.br/blogs/sexo/nao-tenho-vontade-de-transar/>

<http://capricho.abril.com.br/blogs/sexo/o-que-eu-devo-conversar-com-o-garoto-antes-da-primeira-vez/>

<http://capricho.abril.com.br/blogs/sexo/como-a-gente-sabe-que-esta-pronta-para-transar>

⁷ A nota de esclarecimento da revista e o relato da adolescente podem ser encontrados no blog *Sexo*, da *Capricho*: http://capricho.abril.com.br/blogs/sexo/fiquei-com-vergonha-de-dizer-nao/?fb_comment_id=fbc_10151077264241141_28012354_10151749123636141#f22429ccf3439e4

Entendemos que é nossa função instruir e munir adolescentes de autoestima e conhecimento para que enfrentem com mais tranquilidade os dramas relacionados à sua sexualidade. Acreditamos, no entanto, que a troca de experiências também é uma forma de aprendizado, debate e discussão. De depoimentos como este, as garotas tiram lições que serão aplicadas em sua vida. A deste post é: “não faça nada contra a sua vontade” ou “tenha coragem de dizer não – ou você pode se arrepender para sempre”.

Na seção *Oi da editora*, presente na página seis da mesma edição da reportagem analisada, a editora Tatiana Schibuola relembra a polêmica e explica o porquê dessa reportagem. O objetivo, de acordo com a editora, é ajudar a leitora a entender a importância de se dizer não quando não quiser se relacionar sexualmente. Vejamos o que a editora diz:

Esta matéria nasceu de uma polêmica nas redes sociais que envolvia a série sobre a primeira vez no blog sexo, no capricho.com.br. Em um dos posts, uma garota contava o quanto a sua primeira transa fora traumatizante. Um cara de quem ela era a fim forçou a barra. Ela teve vergonha de dizer não. E transou. A ideia da editora do site, Marina, era alertar outras meninas para que só transassem quando estivessem prontas. Mas o post foi supercriticado. Diziam que fomos coniventes com uma situação de abuso. (...) Consultamos especialistas para saber se o caso do blog poderia ser caracterizado como abuso. Ouvimos que, se uma garota não diz claramente que não está a fim, e nem há ameaças ou violência, a resposta é não. E, como o tema é controverso, decidimos ir fundo. O objetivo é ajudar você a entender que dizer não para um garoto quando não está à vontade é mais importante do que aquilo que ele vai pensar de você. (SCHIBUOLA, T, 2013, p. 06)

Assim, a matéria, tomada aqui como enunciado, na perspectiva bakhtiniana, é produzida a partir da polêmica sobre abuso sexual, dialogando com enunciados anteriores. De acordo com a noção do círculo, o enunciado, portanto, é produzido a partir de enunciados anteriores, em forma de resposta, e, ao mesmo tempo, espera novas produções estimuladas pela sua. Tomando a matéria como enunciado e tendo como hipótese de que se trata de uma reportagem, pensamos sua constituição no interior de um gênero do discurso e na relação com vozes sociais.

A reportagem (Figura 9, Figura 10, Figura 11 e Figura 12), que ocupa quatro páginas da revista, se inicia com uma chamada que ocupa as duas primeiras páginas, contendo a imagem de uma garota, o título e uma breve introdução à reportagem assinada pela jornalista Mariana Araújo.

Figura 9 - Reportagem 2



Fonte: *Capricho*, 06 Out. de 2013

Figura 10 - Reportagem 2



hoje é não!

Se você **NÃO** está a fim – de beijo, de amasso ou de sexo –, precisa ter coragem de dizer. A gente sabe o quanto é difícil. Mas também sabe o drama que essa palavra pode evitar

Pode ser que os depoimentos que você vai ler a seguir não lhe pareçam chocantes. Talvez porque alguma amiga sua – ou até mesmo você – já tenha passado por uma situação parecida. Quando a gente está crescendo, ainda não tem uma noção clara da quantidade de armadilhas que existem por trás dos relacionamentos. O medo de ser julgada. De parecer infantil. Da reação do outro. As coisas que não são ditas (e, diferentemente do que a gente pensa, não aparecem nas entrelinhas). E, quando o que está em questão é beijar, transar, perder a virgindade, tudo fica pior. Estas quatro garotas viveram situações-limite, em que se sentiram impotentes. Não conseguiram dizer não (ou, mesmo depois de dizê-lo, foram, de alguma forma, desrespeitadas). “Consentir sem querer não é um ‘sim’ e tem implicações emocionais para a garota e para a relação”, diz Tania Aldrighi Flake, professora de psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Os depoimentos ajudam você a entender que é sua a escolha de seguir em frente ou desistir. E seja qual for a sua decisão, é importante dizê-la. Com todas as letras.

AVISO: ESTA MATÉRIA PODE CONTER MATERIAL INADEQUADO PARA MENORES DE 14 ANOS.

Edição Karolina Pinheiro Texto
Mariana Araújo Design Miro Branco

Fonte: *Capricho*, 06 Out. de 2013

Figura 11 - Reportagem 2

e se você for encurralada na balada?

“Era a minha segunda vez em matinê, mas, até aquele momento, todos os outros caras que já tinham chegado em mim foram embora quando eu não quis ficar. Eu só estava a fim de curtir com as minhas amigas, então, **dançávamos na pista** quando um garoto que devia ter uns 15 anos chegou me dando um abraço. Eu disse não, ele continuou tentando me agarrar. Comecei a empurrá-lo, mas não resolvia! Então, fechamos a nossa roda de meninas para dançar, só que ele voltou com uns cinco ou seis amigos que fizeram uma roda em volta da nossa. A gente tentou sair, mas não adiantou. Não sabia se ligava para casa ou se falava com o segurança. No desespero, minha amiga ligou para um grupo de conhecidos que também estava por lá. Enquanto isso, um dos caras a agarrou muito forte e ficamos morrendo de medo! **Pode não ter machucado de verdade, mas acho que o que realmente machucou foi que, mesmo dizendo não, o menino continuou.** Foi como se o nosso pedido não valesse nada. Ainda bem que nossos amigos chegaram e nos defenderam. Rolou briga, eles se xingaram e a turma foi embora. Ninguém ficou com ninguém.”
I.H.D., 13 anos

1 Ainda bem que você estava com as suas amigas! Estar acompanhada nessas horas costuma inibir a ação de caras mais agressivos.

2 Tenha em mente que nem todos os caras são assim. Se o trauma estiver impedindo você de se divertir, procure ajuda.

Não é só com você

Você poderia estar dançando sem vê-lo, mas, infelizmente tem cara que se acha no direito de tocar e falar o que quiser. Não é sua culpa! Quando você sai, não imagina um sem-noção na balada, né? Mas eles existem e são muitos. A pesquisa da campanha Chega de Fiu Fiu, feita pelo site Think Olga, conversou com quase 8 mil mulheres. O resultado chega a assustar: 82% já foram agarradas na balada! Braço, cabelos e cintura são os alvos mais fáceis, mas 85% das meninas já levaram também uma passada de mão indesejada.

5 coisas para fazer se rolar assédio na balada:

1. Diga não.
2. Se ele insistir, se afaste.
3. Chame a segurança.
4. Saia do local, mas acompanhada.
5. Se ele tentar segui-la ou arrumar confusão, chame a polícia.

e se ele parecia muito legal?

“As aulas tinham acabado e o menino com quem eu ficava me chamou para ver um filme na casa dele com a turma. **Mas, quando eu cheguei lá, não tinha ninguém!** Ele disse que todo mundo desistiu, mas que estava feliz porque íamos passar um tempo juntos. Eu também fiquei feliz, pois o adorava. No começo, foi bem fofo, cozinhamos e conversamos bastante, até que fomos para o quarto assistir *500 Dias com Ela*. Tipo, ok, eu sabia que ia rolar alguma coisa, mas o meu pensamento de rolar alguma coisa era bem diferente do dele. Começamos a ver o filme, a nos beijar e as coisas foram esquentando. Eu parei, olhei para ele e disse para irmos com calma. Ele sabia que eu era virgem! Apesar de concordar, o garoto começou a passar a mão em uns lugares onde eu não queria. Fui me jogando para o lado da cama e consegui levantar. **Quando abri a porta, ele me pegou pelo braço e me imprensou na parede.** Foi horrível! Quase comecei a gritar. Consegui ir embora depois de muita insistência e, só quando cheguei em casa, tive consciência total do que tinha rolado. **Senti medo de verdade e chorei muito.**” I.D., 19 anos

1 O problema não é estar sozinha em casa com um cara. Toda garota pode estar a fim de dividir sua intimidade com alguém por quem sente carinho ou desejo. Mas também tem o direito de definir exatamente qual é o limite. Em outras palavras: se você quer beijar na boca, mas não quer que ele toque no seu corpo, é assim que deve ser. Esse cara errou e errou feio.

2 Em alguns casos, não dá para imaginar que o seu ficante vai se tornar agressivo. Mas fique atenta: se ele for sempre briguento e possessivo, pode não ser assim tão compreensivo quando vocês estiverem sozinhos.

3 É normal se sentir invadida, então, talvez seja a hora de conversar com alguém para digerir melhor o que aconteceu.

A hora de parar

Uma garota tem o direito de mudar de ideia e recusar qualquer tipo de contato físico. Mesmo que os dois tenham chegado perto dos finalmentes. “Deixar rolar quando não está a fim pode desencadear algum tipo de trauma, que afeta o jeito de se relacionar daqui para a frente”, explica doutor Aurélio de Melo, supervisor do curso de psicologia da Faculdade Mackenzie.

CAPRICHOS

Figura 12 - Reportagem 2

e se não foi como você sonhava?

“ Eu era muito a fim deste garoto, mesmo. Começamos a ficar e ele sempre ia me visitar na casa de uma amiga, mas, quando o clima esquentava, ele falava que eu seria a primeira menina que não levaria para a cama antes de namorar. Até que ele foi me buscar na aula e me levou para a casa dele. Estávamos ficando havia dois meses quando transamos. Foi nesse dia, no sofá mesmo, e não muito agradável: senti dor e nem um pouco de prazer. Ele foi muito carinhoso, usamos camisinha. Mas, como não sangrou, acabou duvidando de que eu não era virgem antes. **Eu estava a fim, mas não preparada.** Rolou muita insegurança, afinal, a irmã dele estava em casa! Quando eu caí na real de que não queria, não tinha mais jeito de voltar atrás. Me arrependo muito! Hoje, não nos falamos mais. **Queria que minha primeira vez tivesse sido diferente,** com muitos beijos e amor. E no quarto, não na sala!”
C.A.F., 14 anos.

1 Dizer não dá medo. De parecer criança. De perder o cara. Mas pior que isso é conviver com a ideia de que transou (pela primeira vez!) sem carinho, respeito, cumplicidade. Respeite o seu tempo.

2 Mesmo com amor e respeito, a primeira vez quase nunca tem a ver com sexo incrível. Insegurança e inexperiência atrapalham tudo. Pode levar um tempo até você se soltar de verdade e curtir.

Expectativa vs. realidade

- Se não está conseguindo decidir entre transar ou não, deixe para depois. É melhor pensar bem antes de fazer.
- Sim, você pode mudar de ideia a qualquer momento!
- Arrependê-se e aprender a lidar com frustrações faz parte da vida e nos ajuda a crescer.
- Tem um sonho de como será a sua primeira vez? Divida com ele. O garoto não tem como adivinhar.
- Se está difícil lidar com essa lembrança, procure dividir a experiência com alguém em quem confia muito.

e se você não tivesse certeza?

“ Durante uma festa, encontrei um amigo do meu ex-namorado. Temos muita afinidade, gostos parecidos, mas nunca havia rolado nada. Começamos a conversar e eu tinha bebido um pouco demais. Foi quando ele me xavecou e, em seguida, me beijou! Ficamos de pegação em um canto, até que ele deu a ideia de transarmos. Na hora, hesitei porque o lugar não era o melhor. Pedi para parar, disse que continuaríamos depois. Mas ele me perguntou se eu não estava gostando e... Eu tinha vontade! E muita bebida no corpo. Acabei cedendo e fomos parar em um banheiro unissex. **Fiquei muito mal porque não sabia se tínhamos usado camisinha.** Dias depois, a namorada dele descobriu e a história foi chegando aos conhecidos, até meu ex. Acabamos com o namoro dele e uma amizade por causa de uma transa. É disso que me arrependo mais.” C.C., 18 anos.

1 Mesmo que tenha consumido bebida alcoólica, uma garota não pode ser responsabilizada por uma situação em que um cara avança o sinal sem ela estar a fim.

2 O álcool tornou o risco do sexo sem planejamento ainda maior e a situação fugiu do seu controle mais uma vez! Depois do sexo sem camisinha, é essencial visitar um ginecologista.

Copo meio cheio ou meio vazio?

Quanto mais álcool, menor a capacidade de avaliar os riscos. “Se a pessoa ainda está consciente e interagindo com os outros, é difícil dizer se ela sabe ou não o que está fazendo. Definir o abuso nessas situações é complicadíssimo”, diz Théo Lerner, sexólogo e especialista em abuso da FSP-USP. Diferentemente dos casos em que a pessoa apaga – aí, qualquer tentativa de contato mais íntimo é abusiva. Não custa lembrar: bebida alcoólica antes dos 18 anos é proibida por lei.

QUANDO É ABUSO?

Os casos em que forçar a barra são, sim, considerados mais do que insistência:

- Ser puxada e agarrada na balada é importunação ofensiva ao pudor.
- Não é só penetração: sexo oral, passadas de mão em genitais e seios por baixo da

roupa sem consentimento são considerados estupro.

- Qualquer prática sexual com menores de 14 anos (mesmo que consentida) também entra nessa categoria.
- Rende queixa de estupro se a transa aconteceu

enquanto a garota estava bêbada a ponto de perder a consciência.

- Ameaça grave caso a mulher não tope transar é um crime.
- Nem mesmo um namorado pode obrigá-la a transar. Ele também se enquadra na lei.

Quem deu as informações:

Aurélio Fabricio Torres de Melo, supervisor do curso de psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Tania Aldrighi Flake, psicóloga da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Mara Pusch, psicóloga da Unifesp, Guilherme Madeira, juiz e professor da Damasio Educacional, Marcos Bortido, criminalista do escritório San Juan Araújo Advogados, e Théo Lerner, sexólogo da FSP-USP.

Na Figura 9, podemos observar a imagem escolhida para ilustrar a reportagem sobre a necessidade da adolescente dizer claramente "não" ao assédio. Na primeira página aparece uma garota inclinada para a direita, parte do seu rosto não aparece na imagem, usando um vestido de festa curto roxo, vestindo um blazer de mangas longas em tom cinza, que pode ser dela ou do garoto; neste caso a insinuação é de que já há uma intimidade entre ambos, o que a cama de casal onde a garota está sentada pode reforçar. No canto esquerdo da página o braço de um menino aparece, suas mãos estão levemente fechadas em torno do braço da garota, podemos entender que ele esteja tentando puxá-la. Além disso, podemos notar que a garota, além de estar inclinada indo em direção oposta à mão do garoto, está com a mão entre as pernas fechadas, como um sinal de proteção.

Diferentemente da reportagem analisada anteriormente, em que tons coloridos e claros dominavam a página, entre eles rosa, roxo e azul, aqui há a predominância das cores fortes, como o roxo escuro, o cinza, o vermelho e o preto. Entretanto, a cor bege também aparece no segundo plano, indicando que a garota esteja sentada em uma cama. As cores bege e preta predominam também a segunda página, como podemos ver na Figura 10, destacando em branco parte da cama onde a garota se encontra e o título escrito com letras grandes (ver Figura 10). Podemos entender que o uso de tons considerados sóbrios indica uma certa seriedade com relação ao assunto e à forma como o assunto é abordado na revista, bem como indicia que o assunto tratado não é de "infantil/adolescente".

Na segunda página (Figura 10), o título *Hoje é não!* aparece em letras brancas e grandes, a palavra "não" está ligeiramente mais destacada, o ponto de exclamação no final traz a ideia de uma fala, indicando um tom mais alto, quase como um grito, enfatizando a palavra "não".

Na mesma página, logo abaixo do título, aparece um pequeno texto, o qual podemos entender como um subtítulo da reportagem: "Se você NÃO está a fim - de beijo, de amasso ou de sexo, precisa ter a coragem de dizer. A gente sabe como é difícil. Mas também sabe o drama que essa palavra pode evitar". Destacamos o uso da locução pronominal "a gente" pela revista, fazendo uso da linguagem informal e passando a ideia para a leitora de que a revista, por se incluir como agente do verbo "saber", compreende a situação na qual a leitora se encontra. Vale notar que a palavra "não" aparece novamente em destaque, dialogando novamente com o destaque dado à necessidade da adolescente deixar claro que não deseja uma relação sexual e dialogando com a polêmica na qual a editora do blog *Capricho* se envolveu. Com esse diálogo, a revista deixa clara a sua posição com relação a situações de abuso, inclusive com relação ao relato abordado no blog. A jornalista faz uso do texto

prescritivo, indicando como a leitora deve agir: "precisa ter coragem de dizer". Dessa maneira, a revista assume a posição que lhe foi cobrada. "Se você NÃO está a fim - de beijo, de amasso ou de sexo-, precisa ter coragem de dizer".

Ainda na mesma página (Figura 10), há uma introdução à reportagem, em que Marina Araújo, quem assina o texto da matéria, inicia seu texto já dizendo que existe a possibilidade de os depoimentos abordados na revista não causarem choque, uma vez que alguém próximo ou a própria leitora já tenha passado por uma situação parecida. Aqui, podemos notar um diálogo com a vozes que indicam que situações de assédio e abuso estão arraigadas no cotidiano das mulheres, sem que, muitas vezes, sejam percebidas como assédio.

A jornalista ainda destaca no trecho a questão de que as adolescentes ainda desconhecem os perigos que envolvem os relacionamentos, ou seja, a imaturidade presente na adolescência. "Quando a gente está crescendo, ainda não tem uma noção clara da quantidade de armadilhas que existem por trás dos relacionamentos. O medo de ser julgada. De parecer infantil. Da reação do outro". De novo a jornalista faz a opção pelo uso da locução pronominal "a gente", se colocando pertencente ao grupo com quem ela dialoga. Assim, a ideia de adolescência é permeada pela ideia de dúvida, receio e medo. Entretanto, apesar do uso do "a gente" trazer essa ideia de pertencimento, o tom prescritivo nos leva a entender que existe uma hierarquia nessas vozes; a jornalista fala como um adulto para a adolescente, como uma mãe ou amiga mais velha que aconselha, indica o que é preciso fazer: "[...] precisa ter coragem de dizer"; "E seja qual for a sua decisão, é importante dizê-la".

Como podemos notar, ao final da introdução a jornalista destaca que serão abordados quatro depoimentos de garotas que viveram "situações-limite em que se sentiram desrespeitadas", adolescentes que não conseguiram dizer não ou que foram desrespeitadas. Dessa maneira, podemos entender que é a partir dos depoimentos das quatro garotas que a revista, por meio da jornalista, irá comentar e ajudar as leitoras. "Os depoimentos ajudam você entender que é a sua escolha de seguir em frente ou desistir."

Ressaltamos ainda que a jornalista traz a voz de uma professora de psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie para corroborar a sua fala com relação à necessidade de se dizer não em uma situação em que não queira se relacionar. "Consentir sem querer não é um 'sim' e tem implicações emocionais para a garota e a para a relação". A fala da professora vem entre aspas, como uma voz de uma autoridade no assunto, sendo acompanhada, inclusive, pela sua instituição de trabalho. Assim, a voz do especialista é importante na construção da argumentação, já que, na introdução, sua voz é o ponto de partida para a reportagem.

Ao final da introdução, a jornalista ressalta novamente a necessidade de se dizer claramente não. "E seja qual for sua decisão, é importante dizê-la. Com todas as letras." Dessa maneira, a voz da jornalista dialoga novamente com a polêmica em que o blog *Capricho* se envolveu e com a voz da editora, Tatiana Schibuola, que justificou a posição da revista ao dizer que ouviu de especialistas que se uma menina não diz claramente que não aceita uma relação sexual não é abuso. Ou seja, reafirmando que a revista não foi conivente com uma situação de abuso.

Nas imagens Figura 11 e Figura 12 é onde se encontram os depoimentos das leitoras, junto com os comentários da jornalista e dos especialistas no assunto.

Notamos que a reportagem é composta por quatro "blocos", dois em cada página. Cada "bloco" contém um depoimento de uma adolescente e comentários da jornalista a respeito da situação narrada, junto com dicas e explicações de especialistas. Cada "bloco" tem um título que é um questionamento direcionado à leitora, que sempre se inicia com "e se [...]". Essas perguntas, "e se você for encurralada na balada?"; "e se ele parecia legal?"; "e se não foi como você sonhava?"; "e se não tivesse certeza?", indicam, a partir do uso do subjuntivo, uma possibilidade, ou seja, uma situação, que será narrada a seguir pelo depoimento da garota, que pode acontecer com qualquer uma das leitoras. Podemos entender que as perguntas funcionam como um subtítulo para cada "bloco", indicando o assunto que será abordado no depoimento. Dessa maneira, o questionamento dialoga com o destinatário da revista, no caso as leitoras, por meio do "e se você", indicando uma possibilidade ao leitor, e também com a leitora que narra a história logo abaixo, pois a pergunta também indica o assunto abordado no depoimento.

Ressaltamos que cada "bloco" de depoimentos e comentários da jornalista pode ser lido sem uma única ordem, ou seja, se o leitor iniciar sua leitura pelo último "bloco", "e se você não tivesse certeza?", ou pelo terceiro, "e se não foi como você pensava?", não haverá prejuízo no entendimento do enunciado, já que a reportagem se divide em quatro "blocos" divididos pelo assunto abordado em cada depoimento, contendo, como já dissemos acima, um depoimento de uma menina, comentários da jornalista a respeito da situação narrada e dicas e explicações de especialistas. Assim como destacamos na reportagem anterior, a disposição dos depoimentos por meio de "blocos" nos remete à ideia de um mural, podendo também ser relacionada com a linguagem da internet, já que muitas vezes a leitura por meio de computadores, *tablets* e celulares é feita em "blocos", de maneira fragmentada.

Vejamos que o primeiro "bloco" da reportagem se inicia com a pergunta "e se você for encurralada na balada?", em letras grandes e pretas. Apesar das letras serem grandes, elas são

minúsculas, inclusive no título da reportagem, o que entendemos como um diálogo com a linguagem da internet, já que muitas vezes, nesse suporte, não há o uso de letras maiúsculas para iniciar uma frase, por exemplo. As aspas grandes indicam o início do depoimento da adolescente. Notamos que em todos os depoimentos a identidade da adolescente é preservada, contendo apenas as iniciais e a idade. Nesse sentido, a revista pretende não expor a leitora provavelmente por se tratar de um tema que envolve sexualidade e às vezes crime, mas mantém a idade, possivelmente para criar um efeito de identificação com o destinatário, que está na mesma faixa etária que as leitoras que têm seus depoimentos na revista. Como destacamos acima, uma provável identificação também ocorre por meio do uso das letras minúsculas, já que os adolescentes utilizam muito da linguagem da internet; assim a revista se aproxima da linguagem das jovens.

Nesse depoimento, uma adolescente conta sua experiência com o assédio que sofreu em uma festa, mesmo após ter negado se envolver com o garoto. "[...] dançávamos na pista quando um garoto que devia ter uns 15 anos chegou me dando um abraço. Eu disse não, ele continuou tentando me agarrar. Comecei a empurrá-lo, mas não resolvia!"

Podemos observar que diferentemente da reportagem anteriormente analisada, as cores preto e bege predominam na reportagem, não há fotos ou imagens nas duas páginas (Figura 11 e Figura 12). O efeito de sentido desse jogo de cores é seriedade, a discussão de um assunto considerado "pesado". Há também a cor amarela, utilizada para dar destaque a algumas frases no meio dos depoimentos, se assemelhando ao efeito de uma caneta marca-texto. Essa técnica já havia sido notada na reportagem analisada anteriormente, porém, aqui ela ganha ainda mais destaque, já que nenhuma outra cor chamativa é utilizada, e, além disso, na Figura 11 e na Figura 12, cada frase destacada é acompanhada de um número que se reporta a um comentário abaixo ao modo de uma nota de rodapé.

Vejamos a primeira frase destacada e enumerada do primeiro "bloco" (Figura 11), "dançávamos na pista", que vem acompanhada com o número 1. Ao lado do depoimento, o número 1 em tamanho maior aparece, sendo onde a jornalista comenta a frase dizendo que foi sorte da garota estar acompanhada, já que estar acompanhada em situações como essa inibe a ação de homens que assediam. Aqui a revista reafirma o discurso de que a menina deve evitar andar sozinha, já que estar acompanhada é mais seguro. Da mesma maneira, a segunda frase destacada do primeiro bloco é enumerada, agora com o número 2, e comentada ao lado no respectivo número.

Vale ressaltar que em cada bloco, ao lado de cada depoimento, são comentadas frases destacadas e enumeradas. É importante notar que a sequência numérica não prossegue de um

bloco para outro, ou seja, o primeiro trecho destacado do segundo bloco, "e se ele parecia muito legal?", é também enumerado como 1, assim como o primeiro trecho do terceiro "bloco", e se não foi como você sonhava?". Esse emprego corrobora nossa tese de que cada "bloco" pode ser lido separadamente, ou seja, dando mais liberdade para o "movimento de leitura".

Ainda com relação ao primeiro depoimento, a voz da jornalista também aparece comentando a fala da adolescente, destacado pelo subtítulo "não é só com você", ou seja, a jornalista adota uma atitude responsiva, interagindo com a fala da leitora na revista.

Destacamos que, além do diálogo com a voz da leitora presente no depoimento, a jornalista também dialoga com o destinatário da revista, tanto no subtítulo "não é só com você", quanto ao comentar a situação ocorrida, "Você poderia estar dançando sem vê-lo [...]", "Quando você sai, não imagina um sem-noção na balada, né?". Entendemos que o uso do pronome você se refere tanto à voz da leitora presente na revista quanto do destinatário da revista, o leitor que está lendo. Dessa maneira, a leitora compreende que a situação vivenciada pela adolescente identificada como I.H.D. não acontece apenas com ela, ou também que uma leitora que já tenha passado por uma situação parecida se identifique, compreendendo que pode acontecer com qualquer um. Ao fazer uso do pronome "você", a revista aconselha também quem fez o depoimento, usando um tom prescritivo, um tom didático, escolar: "Se o trauma estiver impedindo você de se divertir, procure ajuda".

A jornalista amplia a questão sobre o assédio sofrido pela leitora ao trazer uma pesquisa da campanha *Chega de Fiu Fiu*, em que de 8 mil mulheres entrevistadas, 82% já foram agarradas em uma festa. Ao inserir os dados da pesquisa, novamente a jornalista faz uso do argumento de autoridade, já que se utiliza de uma fonte para argumentar sobre o número de meninas assediadas.

Fechando o primeiro "bloco" da reportagem, a jornalista traz cinco dicas, em forma de lista, para se seguir caso aconteça a mesma situação da leitora. Utilizando verbos no imperativo, "diga não", "se afaste", "chame a segurança", a revista dialoga com a leitora e com seu destinatário ao sugerir ações. Nesse sentido, destacamos também que o terceiro "bloco" da reportagem, "e se não foi como você sonhava?", o texto da jornalista, logo abaixo do testemunho da adolescente, também traz sugestões de como lidar com situações de dúvida. Em *Expectativa vs. realidade*, a jornalista lista cinco atitudes para a adolescente tomar, por exemplo: "Sim, você pode mudar de ideia a qualquer momento!"; "Arrepende-se e aprender a lidar com frustrações faz parte da vida e nos ajuda a crescer"; "Se está difícil lidar com essa lembrança, procure dividir a experiência com alguém em quem confia muito". Dessa maneira,

a jornalista dialoga novamente tanto com o destinatário da revista quanto com a voz da adolescente presente no terceiro "bloco" da reportagem, já que as dicas estão relacionadas à situação que a adolescente passou - "Se está difícil lidar com essa lembrança [...]".

Nesse sentido, podemos entender que a voz da jornalista dialoga com o discurso da autoajuda, já que a jornalista busca responder às angústias relatadas pela leitora e às possíveis dúvidas dos destinatários da revista. Assim, a voz da jornalista é atravessada também pelo discurso didático, escolar, daquele que é detentor do saber, presente em instituições como a escola e a família.

Podemos compreender que a voz da leitora é também um argumento de autoridade pois ela vivenciou uma situação de assédio, ou seja, ela tem o conhecimento por meio da experiência. A jornalista traz essa voz para compor a reportagem já que a revista imagina uma leitora adolescente que julga importante saber o que outras adolescentes sabem, vivenciaram e o que deu certo ou não em uma situação. As leitoras relatam as suas experiências para outras leitoras. Esse argumento de autoridade foi também encontrado na revista *Nova Escola* no gênero carta do leitor, no *corpus* da nossa pesquisa de conclusão de curso, onde professores relatam suas experiências em sala de aula para outros professores, indicam o que deu ou não certo em suas aulas e suas indignações referentes a situações da rotina dos professores; assim, o leitor, que também é professor, tem credibilidade para falar para outros leitores (ver BIAJOTI, 2012).

Além de ser colocada como voz de autoridade pela revista, a leitora que relata sua história também é aconselhada pela revista, pois ela faz parte do grupo de pessoas que passaram por essa situação e é aconselhada por meio da voz da jornalista e dos especialistas.

O segundo "bloco" (Figura 11), "e se ele parecia muito legal?", é composto, assim como os demais, por um testemunho de uma adolescente, os comentários da jornalista referentes aos trechos destacados e um pequeno texto no qual a jornalista amplia o assunto, dialogando com o assunto abordado.

No depoimento, a garota, identificada apenas como I.D, de 19 anos, conta sua experiência com um garoto que a convidou para assistir a um filme em sua casa com outros amigos. Entretanto, ela acabou assistindo ao filme sozinha com ele. A adolescente conta que o garoto era simpático; "no começo, foi bem fofo, cozinhamos e conversamos bastante". Porém, não queria se envolver sexualmente com ele, mas, ao deixar clara sua decisão, sofreu uma agressão.

Estão destacados em amarelo três trechos, "Mas, quando eu cheguei lá, não tinha ninguém"; Quando abri a porta, ele me pegou pelo braço e me imprensou na parede"; Senti

medo de verdade e chorei muito", enumerados e comentados nessa ordem pela jornalista, como uma resposta, ampliando a questão abordada no trecho destacado. Por exemplo, com relação ao primeiro trecho destacado, a jornalista dialoga com a leitora do depoimento ao ampliar a questão abordando que o problema não está no fato de estar sozinha com o garoto, pois toda garota tem o direito de dividir sua intimidade com alguém, porém, ela também tem o direito de definir os limites: "se você quer beijar na boca, mas não quer que ele toque no seu corpo, é assim que deve ser". Assim, a jornalista dialoga com a voz do leitor presente na revista e com o seu destinatário.

Destacamos que no trecho *A hora de parar*, escrito pela jornalista, é ressaltada novamente a ideia de que a menina tem o direito a recusar qualquer contato físico, e, para corroborar essa ideia, a jornalista traz a voz do doutor Aurélio de Melo, supervisor do curso de psicologia da Faculdade Mackenzie. Assim, a reportagem apresenta como voz de autoridade tanto a citação da fala da leitora quanto a voz de um especialista no assunto.

Notamos que a voz de autoridade do especialista também aparece no último "bloco" da reportagem (Figura 12), "e se você não tivesse certeza?", no último trecho de fala da jornalista. Ela amplia a questão a respeito do depoimento da leitora que havia bebido demais e que por isso havia perdido o controle da situação, tendo relação sexual sem camisinha e sem medir as consequências. A jornalista diz "Quanto mais álcool, menor a capacidade de avaliar os riscos". Logo em seguida, aparece a voz do especialista no assunto, confirmando a fala da jornalista, "Se a pessoa ainda está consciente e interagindo com os outros, é difícil dizer se ela sabe ou não o que se está fazendo. Definir o abuso nessas situações é complicadíssimo", aponta Théó Lerner, sexólogo e especialista em abuso da FSP-USP. Assim, a voz do sexólogo aparece como argumento de autoridade, reforçado ainda pelo seu local de trabalho, que aparece em seguida.

Ao final da reportagem, são destacados dentro de um quadro preto situações em que se enquadra o abuso, como ser puxada e agarrada, passadas de mão por baixo da roupa sem consentimento, etc. Ao lado do quadro estão os nomes e os cargos ocupados pelos especialistas que deram as informações presentes na reportagem, reforçando o argumento de autoridade.

Destacamos que, com relação à forma composicional, a estrutura desta reportagem, realizada em 4 "blocos", se assemelha à reportagem anterior, construindo de maneira parecida a sua construção argumentativa e a disposição na página.

Com relação ao estilo utilizado na reportagem, destacamos o uso da linguagem informal, com expressões típicas da linguagem oral, tanto nas citações da fala da adolescente

quanto na fala da jornalista. Nas citações, por exemplo, encontramos expressões típicas da oralidade dos adolescentes, "[...] todos os outros **caras** que já tinham **chegado** em mim foram embora [...]"; "**Tipo, ok**, eu sabia que ia **rolar** alguma coisa [...]"; " Eu estava **a fim**, mas não preparada."; "[...] nunca havia **rolado** nada [...]". Já no texto da jornalista podemos citar as expressões: "[...] tem **cara** que se acha no direito [...]"; "Dizer não dá medo. De parecer criança. De perder o **cara**."; " [...] um **cara** avança o sinal sem ela estar **a fim**."

A escolha por utilizar expressões típicas do universo do adolescente pode causar o efeito de sentido de identificação por parte do destinatário, já que ele é jovem. Assim, a revista procura se aproximar da fala dos jovens, tanto ao expor as citações dos leitores, quanto na própria fala da jornalista. Essa característica também já havia sido encontrada na matéria analisada anteriormente nesta pesquisa, pois a reportagem faz uso de gírias, marcas de oralidade e expressões típicas da fala do adolescente.

Para Bakhtin, o estilo do enunciado, o que compreende também as escolhas linguísticas, depende na maneira como o locutor imagina seu destinatário, e da maneira como ele presume uma compreensão responsiva ativa. A revista, tendo uma imagem do seu leitor, se coloca como uma amiga íntima da menina, assumindo uma linguagem própria da adolescente, com uso de gírias, exclamações e expressões próprias dos jovens. No entanto, outros indícios já apontados nesta análise nos mostram que apesar de uma identificação estilística, ainda se mantém uma hierarquia, já que muitas vezes a voz utilizada pela jornalista é o da detentora do saber, professoral.

3.3.2 O leitor como voz de autoridade em colunas de aconselhamento

Neste item analisaremos duas colunas de aconselhamento presentes na revista impressa *Capricho*.

A primeira coluna de aconselhamento (Figura 13) aparece em quase todas as revistas do nosso *corpus*, *Terapia de grupo*, e é pertencente à seção temática *Você*. Vale lembrar que as subseções e colunas da revista são bastante variáveis no decorrer das edições. Essa seção temática faz parte das cinco seções fixas presentes na revista; essas seções são organizadas tematicamente, *famosos*, *moda e beleza*, *pôster*, *você* e *diversão*. A seção *Você* abarca reportagens, matérias e colunas que abordam assuntos relacionados a comportamento, sexo e relacionamentos.

No que diz respeito à coluna analisada nesse item, ela é construída com base nas questões que as leitoras enviam à revista por meio do site da *Capricho*. Ao final da página podemos notar o endereço eletrônico onde as adolescentes podem escrever: "*Não sabe como resolver o dilema? Escreva pra gente em abr.io/terapia*". Dessa maneira, as questões a serem debatidas na coluna da revista impressa nascem de dúvidas e problemas relatados pelas leitoras por meio da internet. O editor da revista escolhe uma dessas dúvidas por edição da revista para ser discutida na coluna. Além disso, as falas dos leitores que compõem os conselhos apresentados pela revista também são escolhidas a partir dessas discussões na internet.

A coluna é composta a partir da dúvida, ou como coloca a *Capricho*, dilema, de uma garota a respeito de situações diversas: podemos destacar alguns assuntos debatidos nessa seção que mais estiveram presentes no nosso *corpus*: relações familiares, relações amorosas e de amizade (problemas com a mãe, com a irmã, ciúme da amiga e do namorado, amigos que se odeiam, gostar de mais de um menino etc.); questões relacionadas a comportamento (como agir com relação à paixão por professores, problemas em ser pontual, ser repetente na escola, compulsão por compras, etc.); e também com relação à sexualidade (dúvidas sobre homossexualidade), ou seja, temas relacionados ao universo cotidiano da adolescente.

Esses dilemas são compartilhados e comentados por outras garotas que enviam suas respostas. Assim, como a coluna é frequentemente presente na revista, as leitoras que enviam suas dúvidas já sabem que elas serão respondidas por outras leitoras.

Escolhemos essa coluna para a análise pois foi um gênero em que encontramos uma forte presença da voz do leitor, presença que produziu singularidades no gênero. Selecionamos a coluna *Terapia de grupo* publicada na edição de 20 de outubro (n.1186).

Figura 13 - Coluna de aconselhamento 1

terapia de grupo Texto Karolina Pinheiro Foto Raoni Maddalena Ilustração Baby C.

Minha mãe só me critica

Se o blablá dela está te irritando, chegou a hora de tomar uma atitude

“Faço de tudo, inclusive algumas tarefas de casa, mas parece que, mesmo assim, sempre estou errada e levo fama de preguiçosa. Eu não aguento mais! Já até pensei em juntar minhas coisas e ir morar com a minha avó. Eu amo minha mãe, mas preciso que ela me entenda... E agora, o que posso fazer para mudar isso?”
T.B., 16 anos

Para com isso, mãe!



EVITE BRIGAR

“Estar brigada com a mãe sempre significa problemas, muitos problemas. É justamente por isso que, juro, faço de tudo para evitar. O que é lavar a louça quando o que está em jogo é: a balada do fim de semana? Minha dica é, quando o bicho pegar, respire fundo e, antes de surtar e arranjar a maior confusão, pense em tudo o que está perdendo com isso. Para evitar o tal momento em que você parece preguiçosa, funciona tomar a iniciativa e fazer as coisas antes mesmo que ela peça. De onde tirei tudo isso? Coloquei em prática na minha casa e funcionou!”
Ana Sparagna, 17 anos, se antecedeu às críticas da mãe

FAÇA SUA PARTE

“Vou traír o movimento: estou do lado da sua mãe (não fique brava comigo!). Vivi essa mesma situação e, quando parei para pensar, era ela quem tinha razão. Eu ajudava em casa? Ajudava! Mas ajudava sempre e em tudo o que precisava? Não! O problema é que, como estava me sentindo vítima, não conseguia abrir a cabeça para perceber isso. A gota d’água foi quando falei que ia sair de casa e ela deixou. Passei uma semana na casa de uma amiga que, de fato, ajudava a mãe. Me senti culpada e voltei. Mudei meu jeito de ser e nossa relação está linda. Vale a pena!”
Cristiane Novaes, 16 anos, refletiu sobre as atitudes dela mesma

DIGA O QUE SENTE

“T, é chato ser acusada injustamente, mas não acho que você precise sair de casa. Já que ajudar nos deveres não é um problema, que tal perguntar a sua mãe como ela gostaria que você fizesse essas tarefas? Diga que você ama e que se sente mal quando ela a acusa. Ouça o lado dela e descubra o que poderia mudar para melhorar. Tenho certeza de que, se vocês falarem sobre os sentimentos uma da outra, vão entrar num acordo. Mas aí vai uma dica: nada de acusações, ok? Pode ser que ela comece a fazer o mesmo e a briga é certa. #boratentar!”
Mara Pusch, consultora de imagem e psicóloga da Unifesp

Não sabe como resolver o dilema? Escreva pra gente em abr.io/terapia

74 CAPRICHOS

No exemplo da coluna selecionada para análise (Figura 13), a temática abarcada é o conflito entre mãe e filha, principalmente na questão dos trabalhos domésticos. A partir da perspectiva bakhtiniana, a coluna é tomada aqui como enunciado. Por essa razão, nosso olhar recai para as relações entre eu e outro, em especial para a questão da citação e a relação com o estatuto de "autoridade" do leitor, para a presença de vozes sociais e seus efeitos de sentido, para a relação entre enunciador e destinatário e para produção de sentido entre linguagem verbal e não-verbal.

A garota envia, por meio do site, seu problema com relação à mãe, ele é colocado na revista por meio de um trecho da sua fala direta dizendo que, apesar de fazer tudo, sempre é considerada como preguiçosa. Notamos que o nome da leitora não é colocado, aparecendo somente as iniciais. Podemos entender que seja uma forma da revista de preservar a identidade da leitora, sendo assim, tornando possível que as leitoras relatem situações de intimidade sem serem identificadas. Por exemplo: "Faço de tudo, inclusive algumas tarefas de casa, mas parece que, mesmo assim, sempre estou errada e levo fama de preguiçosa. [...] Eu amo minha mãe, mas preciso que ela me entenda". Dessa maneira, a partir do uso da fala da leitora o assunto é colocado para ser discutido.

Além disso, logo no início da coluna o título colocado pela edição já nos direciona a entendermos que se trata de problemas na relação entre mãe e filha. O título "*Minha mãe só me critica*", colocada pelo editor da revista, além de já nos apontar a temática da coluna, destaca a opinião da leitora, já que o jornalista não está se referindo à sua própria mãe, mas à mãe da leitora. Entretanto, a fala "minha mãe só me critica" não pode ser encontrada no trecho trazido pela revista, assim, podemos tomar como hipótese de que se trata de uma fala da garota que foi dito por meio do site, mas que não aparece no trecho presente na revista impressa, já que as falas passam por edição, sendo colocadas apenas em trechos. Dessa maneira, a jornalista constrói o título sugerindo uma fala da menina. Do mesmo modo, ela ressalta a posição valorativa do leitor sobre o assunto.

Ainda sobre o título, o pronome possessivo utilizado, "*minha*", além de dialogar com a fala da leitora colocada na revista, já que ela fala dos problemas com sua mãe, também dialoga com outras leitoras, pois, no ato da leitura, o pronome possessivo utilizado em primeira pessoa pode ser entendido como a mãe da adolescente que está lendo, podendo criar, assim, um processo de identificação com leitoras que sofrem do mesmo problema. Assim, essa identificação ocorrerá se a adolescente, ao fazer sua compreensão responsiva ativa do enunciado, concordar com a questão colocada.

Notamos também o diálogo existente entre o título e o subtítulo da coluna, "*se o blablá dela está te irritando, chegou a hora de tomar uma atitude*". Nesse sentido, o subtítulo, assinado por Karolina Pinheiro, se refere à mãe da garota "o blablá **dela**". Assim, a voz da jornalista aparece na coluna por meio do subtítulo, é onde ela fala, ou seja, comenta o assunto que vai ser abordado na revista.

Nesse sentido, tanto a fala da leitora quanto o título e o subtítulo dialogam com as vozes sociais que estereotipam a relação entre mãe e filha como conflituosa, ou seja, o relacionamento entre mãe e filha é apresentado como problemático pois representa uma mãe crítica, que não compreende o adolescente.

Além disso, esses enunciados também se relacionam com outros a respeito do adolescente que se sente incompreendido pelo adulto, e o adulto que não compreende o adolescente, ou seja, trazendo nessas vozes os valores sociais que dialogam com a relação entre adulto/ adolescente e mãe/filha. Destacamos também que as vozes presentes na coluna que aconselham são femininas, leitoras, jornalista e especialista, o que poderia ser entendido como um estereótipo feminino de que apenas mulheres entendem mulheres, uma imagem de um universo feminino.

Destacamos também que a revista, presumindo esse leitor que se sente incompreendido, procura destacar que o compreende e que por essa razão traz essas questões para a coluna. O subtítulo colocado pelo editor, "*Se o blablá dela está te irritando*, ou seja, *blablá*⁸ corresponde a uma fala sem conteúdo, uma longa fala com poucas ideias, até mesmo de cunho duvidoso. Assim, a revista pode criar uma identificação com seu público leitor, que se sente compreendido pela revista, que até mesmo aconselha: "chegou a hora de tomar uma atitude".

Assim, partindo da citação da fala da adolescente sobre os problemas de relacionamento com a mãe com relação à esfera doméstica, duas adolescentes apresentam suas opiniões sobre o assunto; ao lado da fala das adolescentes a opinião de uma psicóloga também aparece. Assim, destacamos o fato de que, por meio de citações diretas, a jovem é compreendida por outros adolescentes, que opinam, dão conselhos e dividem experiências: "Vivi a mesma situação e, quando parei para pensar, era ela quem tinha a razão. Eu ajudava em casa? Ajudava! Mas ajudava sempre e em tudo o que precisava? Não!" (Cristiane Novaes, 16 anos); "Minha dica é, quando o bicho pegar, respire fundo [...]. Para evitar tal momento em

⁸ Segundo o dicionário Aurélio (1999, p. 307): Sm. Bras. Gir. Conversa oca, sem conteúdo; conversa fiada.

que você parece preguiçosa, funciona tomar a iniciativa [...]. Coloquei em prática na minha casa e funcionou". (Ana Sparagna, 17 anos)

Notamos como essas vozes dialogam com a voz da adolescente que é objeto de discussão, apresentando que vivenciam a mesma situação e que por isso entendem do assunto, "Vivi a mesma situação"; "De onde tirei tudo isso?"; "Coloquei em prática na minha casa e funcionou"; e dando conselhos, "Minha dica é"; "respire fundo"; "pense em tudo o que está perdendo com isso".

Destacamos que a disposição das falas das adolescentes e da especialista na página, em "blocos", e os subtítulos, onde aparece a voz da jornalista, e a ausência de uma introdução, criam um efeito de sentido de um bate-papo, um espaço de debate, de compartilhamento de opinião.

Além disso, o diálogo também acontece com o leitor no ato da leitura, já que tanto o pronome de tratamento você ("em que você parece preguiçosa") e os verbos no imperativo (respire, pense) dialogam com uma possível situação parecida que outros leitores estejam vivendo, e que por meio da identificação eles possam tomar essas falas como conselhos. Essas vozes dialogam com o discurso da autoajuda, com um tom prescritivo, atravessadas por um tom didático presente em instituições como a escola e a família.

Vale ressaltar que nessas citações que comentam o problema abordado, a identidade da leitora é apresentada com nome e idade. Podemos entender que o efeito de sentido que se dá é de uma maior veracidade a esses comentários, ou seja, essas adolescentes existem e têm nomes, com idades muito próximas da jovem que envia a dúvida.

Além disso, a legenda onde aparece o nome a idade da jovem é acompanhada ainda por um comentário da jornalista, uma compreensão responsiva ativa da fala da adolescente. A legenda é então um outro lugar onde a jornalista fala, além do subtítulo. Observamos que no trecho da fala da psicóloga a jornalista opta por colocar apenas a profissão da especialista, o que nos leva a entender que existe uma hierarquia nessas vozes, pois ela não comenta na legenda, assim como faz com as leitoras.

Na organização dos trechos das falas na página, a revista coloca a opinião/conselho/vivência da leitora ao lado da opinião da especialista, dando assim um caráter de discurso de autoridade para a fala da adolescente, já que é um espaço onde ela e a especialista falam lado a lado. Dessa forma, a revista presume um leitor que considera o adolescente como autoridade no assunto abordado. Ele só é autoridade porque os leitores o aceitam dessa forma. Assim, o leitor define quem é o argumento de autoridade nesse gênero. Entretanto, a jornalista, ao utilizar nos títulos verbos no imperativo, "evite", "faça", "diga",

revela uma hierarquia nas vozes presentes, já que faz uso de um tom professoral, que procura indicar uma conduta à adolescente.

Analisando as vozes que transpassam o texto, podemos notar os dizeres sobre as responsabilidades femininas, por meio da voz das adolescentes, notamos que alguns valores sociais são enaltecidos, como a realização das tarefas domésticas como responsabilidade feminina, de que é dever da jovem ajudar nessas tarefas. Esses valores também são encontrados na fala da psicóloga, "[...] ajudar nos deveres não é um problema, que tal perguntar a sua mãe como ela gostaria que você fizesse essas tarefas".

Essa questão é ainda mais evidenciada no segundo trecho, em que a leitora deixa claro que concorda com a crítica da mãe da adolescente que escreve: "Vou trair o movimento: estou do lado da sua mãe." Assim, mostrando uma discordância em relação à fala da leitora, que entende que a mãe seja exagerada.

Dessa maneira, esses valores sobre a responsabilidade acerca dos trabalhos domésticos são valorizados tanto pelas adolescentes quanto pela revista, por meio da escolha dessas vozes de adolescentes que aparecem nos trechos, e por meio da fala do adulto, ou seja, a fala da psicóloga e os comentários expostos pela jornalista nas legendas.

Além disso, podemos notar a presença do discurso do amor, tanto nas vozes que compõem a coluna quanto no que tange à verbo-visualidade. "Mudei meu jeito de ser e nossa relação está linda. Vale a pena"; "Estar brigada com a mãe significa problemas, muitos problemas".

Nas falas acima, o discurso do amor, do bem-estar com a mãe está presente nos conselhos das adolescentes. Além disso, encontramos esse discurso na fala do adulto. "Diga que você a ama e que se sente mal quando ela a acusa. Ouça o lado dela e descubra o que poderia mudar para melhorar." (Mara Pusch, consultora de imagem e psicóloga da Unifesp).

A partir da teoria bakhtiniana, entendemos o verbal e o não-verbal constituindo o enunciado como um todo. Desse modo, notamos como as imagens construídas nesse enunciado também vêm a corroborar esse discurso do amor, reforçando o conselho da psicóloga. Na imagem que ilustra a coluna, dois doces rosa aparecem um ao lado do outro, alguns elementos nos remetem à ideia do doce, como o formato arredondado e açucarado, comum em doces como brigadeiro e beijinho, e a embalagem em que o doce está, característica desses tipos de doces. Além disso, dos doces aparecem com desenhos de olhos, boca e braços. Nesse sentido, a imagem suscita a ideia de mãe e filha, já que um dos doces é menor do que o outro, em um momento de discussão, pois os braços do doce maior estão levantados, e os braços do doce menor estão na cintura, o que indica uma demonstração de

irritação, assim como sua expressão facial. A fala atribuída ao doce menor também confirma essa situação de discussão entre mãe e filha: "Para com isso, mãe!"

Entretanto, mesmo trazendo uma situação de discussão, temática da coluna, o fato das duas pessoas serem representadas por doces açucarados e em tons de rosa, confirma a fala da psicóloga e das vozes dos adolescentes, representando essa relação como uma relação de amor. O verbo visual e os valores caminham juntos. Assim, o verbal produz sentido junto com o visual, as imagens e desenhos.

A fim de refletirmos sobre a voz do leitor na constituição do gênero coluna de aconselhamento, selecionamos uma segunda coluna, *Ela disse, ele disse*.

De acordo com Scalzo (2004), revistas para adolescentes, naturalmente mais ávidos por novidades, tendem a necessitar de reformulação de sua linguagem visual com mais frequência. A revista *Capricho*, tendo seu destinatário os adolescentes, passa por frequentes mudanças na composição do seu conteúdo e no *designer* das páginas. No nosso *corpus*, podemos notar que a partir da edição de dezembro, a revista tem uma mudança no seu projeto gráfico e algumas colunas sofrem mudanças no seu *designer* e novas colunas aparecem. A fim de refletirmos sobre a voz do leitor presente nas colunas de aconselhamento, escolhemos para a análise uma nova coluna que aparece na revista nas duas edições de dezembro. A coluna, chamada *Ela disse, ele disse*, presente na seção *Você*, procura oferecer ao leitor, por meio do depoimento de um casal, situações comuns aos casais jovens, como a primeira viagem juntos e a descoberta do momento certo para terminar um relacionamento, e, assim, mostrar ao leitor como lidar com situações parecidas no cotidiano do casal.

A partir da perspectiva bakhtiniana, a coluna é tomada aqui como enunciado e, dessa forma, pensamos sua constituição no interior de um gênero do discurso e na relação com vozes sociais. Destacamos o uso de citações da fala de adolescentes.

Na coluna da edição de 29 de dezembro, *É hora de dar um tempo* (Figura 14), o assunto abordado é a descoberta da necessidade de se terminar um relacionamento amoroso por um período de tempo, a fim de repensar a relação.

Podemos notar na Figura 14 como a coluna é organizada estruturalmente na página. O título indica o assunto que será abordado na coluna, fazendo uso de uma expressão típica da esfera amorosa, "dar um tempo", muito utilizada por casais que necessitam de um período de distanciamento. Logo abaixo, escrito em rosa, o nome da garota aparece do lado esquerdo, o mesmo lado onde aparecerão seus depoimentos, assim como o nome do garoto do lado

direito. Entre os nomes um coração aparece, indicando que eles representam um casal. Vejamos:

Figura 14 – Coluna de aconselhamento 2



ELA DISSE, ELE DISSE

É hora de dar um tempo

MARINA  **LUCAS**

O COMEÇO DO FIM?

"Andávamos brigando muito, mas achei que era uma fase. Em julho do ano passado, voltávamos do cinema quando ele pegou minha mão, me abraçou e disse que queria terminar, pois se sentia preso. Foi um soco no estômago! Em casa, desabei na cama de tanto chorar e liguei para a Geovanna, minha melhor amiga. Nesta noite, até dormi com a minha mãe."

"Estava inseguro. Achava que era muito novo para ter uma relação tão séria. Nunca havia vivido algo com tanta intensidade! Fomos ao cinema e, quando voltamos para a minha casa, falei que queria dar um tempo. Ela ficou bastante abalada, mas eu realmente achava que estava fazendo a coisa certa. Depois de seis meses, me convenci totalmente do contrário."

PASSOU DA HORA!

"As três primeiras semanas foram as piores. Ai, em fevereiro, o Lu veio em casa e pedimos comida chinesa. Quando abri meu biscoito da sorte, estava escrito algo sobre não perder uma oportunidade. A minha estava lá, na minha frente! Perguntei por que continuávamos separados e sofrendo. Ele respondeu: 'Quer voltar comigo, amor?' O beijo foi o meu sim."

"Percebi que ela era essencial na minha vida e sentia falta de não ter mais alguém em quem confiar totalmente por perto. Era horrível ficar sem ela, mesmo que, de vez em quando, ainda ficassemos. Não era a mesma coisa. No final, essas ficadas foram importantes, pois me fizeram enxergar que eu queria mesmo ela de volta e por completo."

APRENDIZADO

"Toda aquela angústia de amar alguém que não era mais meu por inteiro foi embora. Nada de ouvir *My Heart*, do Paramore, e sentir a falta dele. Dar um tempo me ensinou que, por mais difícil que as coisas sejam, sempre há uma luz no fim do túnel. E a minha era o Lucas! Voltamos mais seguros como casal. Teria muito medo de dar um novo tempo..."

"Dar um tempo não nos prejudicou. No meu caso, me ensinou que devemos curtir o agora. Não adianta se perguntar se o amor que sente hoje durará para sempre. Se for verdadeiro, acontecerá naturalmente. É como na música dos Jonas Brothers, *Inseparável* (lembro da Mã quando escuto): 'eu sei, nós somos inseparáveis'. Agora eu tenho certeza."

PODE SER UMA BOA!

- ✦ Quando você está indecisa e não sabe se quer terminar ainda, dar um tempo pode ser a solução.
- ✦ O outro sempre fica esperando uma resposta definitiva para esse período separados, que varia para cada casal.
- ✦ A distância mostra o quão importante a pessoa é. Você decide se volta ou termina!

QUEM É O CASAL?

Lucas Scalabrini, 18 anos, estava há um ano com Marina Ferreira, 16 anos, quando pediu um tempo. Depois de seis meses, os bffs decidiram voltar.



Foto: Melina Souza (melinasouza.com) / Arquivo Pessoal (Gmail)

Comumente as colunas de aconselhamento são baseadas em indagações de leitores sobre questões pessoais e são respondidas pelo colunista, aconselhando quem enviou a pergunta. Destacamos que esta coluna não parte de uma pergunta enviada por uma leitora, como na coluna anterior, mas sim de uma pressuposição, por parte da revista, de que pode haver um problema, esses sempre relacionados ao cotidiano de um casal. Dessa maneira, a coluna se apresenta no limite do gênero, já que são as leitoras que são aconselhadas. O assunto a ser tratado na revista é apresentado no título: *É hora de dar um tempo*.

Vale notar que de início aparecem apenas os primeiros nomes da garota e do garoto, Marina e Lucas, criando um efeito de sentido de intimidade com a leitora, e apenas no canto direito inferior em um *box* rosa, *Quem é o casal?*, aparecem seus nomes completos e a idade, juntamente com um foto do casal. "Lucas Scalabrini, 18 anos, estava há um ano com Marina Ferreira, 16 anos, quando pediu um tempo. Depois de seis meses, os *bffs* decidiram voltar". Vale destacar que a idade dos adolescentes coincide com idade do público alvo da revista, adolescentes entre 13 e 18 anos. Além disso, a revista faz uso de uma gíria típica do universo do adolescente, *bffs* (best friend forever), fazendo uma referência a melhores amigos. Assim, pode ocorrer uma identificação entre narrador e leitor, já que se aproxima da fala da adolescente. Destacamos que essa possível identificação por meio da linguagem ocorreu em todas as nossas análises, reforçando a ideia de proximidade entre o narrador e a leitora.

A coluna é dividida em três partes, seguindo a ordem de acontecimentos, ou seja, primeiro os relatos de quando decidiram se separar, depois os relatos contanto o período de distanciamento e a volta, e, por fim, o que o casal aprendeu com a situação. As três partes apresentam subtítulos colocados pela revista indicando a ordem dos acontecimentos. Assim, os subtítulos *O começo do fim?*; *Passou da hora!*; e *Aprendizado*, dialogam com a voz dos adolescentes presentes nos depoimentos.

Vejamos: na primeira parte a revista traz o depoimento da menina e do menino, por meio do discurso direto entre aspas, relatando como aconteceu a separação, cada um apresentando seu ponto de vista sobre a mesma situação. A garota diz: "Andávamos brigando muito, mas achei que era uma fase. Em julho do ano passado, voltávamos do cinema quando ele pegou na minha mão, me abraçou e disse que queria terminar, pois se sentia preso. Foi um soco no estômago!".

Lucas também relata a mesma situação: "Estava inseguro. Achava que era muito novo para ter uma relação tão séria. Nunca havia vivido algo com tanta intensidade! Fomos ao cinema e, quando voltamos para a minha casa, falei que queria dar um tempo. Ela ficou bastante abalada". O subtítulo colocado pela revista, *O começo do fim?*, dialoga com a

angústia sofrida pelos adolescentes, a dúvida sobre a situação vivenciada, se levaria de fato a uma separação. Destacamos que o subtítulo é onde a revista se posiciona, tendo uma atitude responsiva ativa. A voz da revista aparece na organização dos enunciados, tanto no título quanto no subtítulo.

Na segunda parte, *Passou da hora!*, os dois adolescentes contam como resolveram retomar o relacionamento. Assim como a decisão do fim do relacionamento coube ao garoto, a atitude sobre a volta também - "Perguntei por que continuávamos separados e sofrendo. Ele respondeu: 'Quer voltar comigo, amor?' O beijo foi meu sim" (Marina). O subtítulo colocado pela revista dialoga novamente com a voz dos adolescentes, é onde a revista comenta a fala do casal, ou seja, a revista tem uma atitude responsiva com relação à fala dos adolescentes, concordando que havia chegado a hora para a volta do relacionamento.

Na terceira parte da coluna, por meio da fala do casal, é destacado o discurso de motivação, de aprendizado com a situação: "Dar um tempo me ensinou que, por mais difícil que as coisas sejam, sempre há uma luz no fim do túnel. E a minha era o Lucas! Voltamos mais seguros como casal." (Marina); "Dar um tempo não nos prejudicou. No meu caso, me ensinou que devemos curtir o agora. [...] Se for verdadeiro, acontecerá naturalmente". (Lucas)

Os relatos, colocados entre aspas, funcionam como argumento de autoridade, já que eles têm experiência no assunto e, portanto, podem dividir com as leitoras como resolveram o problema, podendo aconselhá-las.

A partir da teoria bakhtiniana, entendemos o verbal e o não-verbal constituindo o enunciado como um todo, dessa maneira, notamos que a imagem que ilustra a coluna dialoga com o discurso de sofrimento da garota, porém, dialoga também com o discurso de motivação. Na imagem presente logo no início da reportagem, podemos observar que há em cima de uma cama um cachorro deitado, cabisbaixo, aparentando estar desanimado. Há também em cima da cama um *Ipod* rosa (aparelho que toca música) com seus fones de ouvido e um caderno com a capa vermelha com os dizeres "KEEP CALM and CARRY ON".

Podemos entender que a imagem dialoga com o sofrimento da garota já que alguns elementos nos remetem ao universo feminino, como o *Ipod* rosa, um cachorro de porte pequeno e o caderno rosa, nos remetendo à ideia de uma caderneta de anotações, ou até mesmo um diário. Até mesmo a cama está ligada à ideia de sofrimento da garota, já que dialoga com o própria voz da garota no texto: "Foi um soco no estômago! Em casa, desabei na cama de tanto chorar [...]".

A ideia de sofrimento feminino também pode ser notada na relação entre o *Ipod* rosa em cima da cama e a fala da garota sobre o aprendizado que a separação trouxe a ela - "Nada

de ouvir My Heart, do Paramore, e sentir a falta dele". Ou seja, a garota associa a música romântica ao sofrimento da separação, ideia corroborada pela imagem do aparelho de tocar música em cima da cama.

Vale destacar que a inscrição em inglês escrita na capa do caderno vermelho é comumente encontrada na Internet, principalmente nas redes sociais. A expressão surgiu pela primeira vez em 1939 na Grã Bretanha, com o objetivo de encorajar os cidadãos durante a Segunda Guerra Mundial. Entretanto, foi recentemente na Internet que a expressão ganhou fama, sendo criada várias versões. A expressão significa "Fique Calmo e Continue em Frente", e na imagem, além de dialogar com o universo do adolescente, já que é um usuário frequente das redes sociais, dialoga com o discurso de motivação trazido tanto pela voz dos adolescentes na coluna - "Dar um tempo me ensinou que, por mais difícil que as coisas sejam, sempre há uma luz no fim do túnel." (Marina); "Dar um tempo não nos prejudicou. No meu caso, me ensinou que devemos curtir o agora." (Lucas) -, quanto pela própria revista - "A distância mostra o quão importante a pessoa é. Você decide se volta ou termina". Assim, com relação ao tema/significação (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV), podemos observar, como aponta o Círculo, que na construção do tema participam tanto elementos estáveis da significação quanto os elementos ligados ao contexto de uso, pertencentes à situação de produção, recepção e de circulação, e o contexto verbal em que se dá o acontecimento do enunciado.

Destacamos também que a voz da revista aparece no quadro rosa claro ao lado dos comentários, dando dicas com relação ao assunto abordado - "Quando você está indecisa e não sabe se quer terminar ainda, dar um tempo pode ser a solução"; "A distância mostra o quão importante a pessoa é. Você decide se volta ou termina!". Destacamos que o discurso é direcionado à menina, dialogando com a garota tanto ao aconselhar por meio do box rosa, quanto pelas cores da coluna, o rosa predomina os subtítulos colocados antes dos trechos das falas, o subtítulo do box, a cor rosa e rosa claro dos boxes, além disso, tanto o nome da menina quanto do menino estão escritos em rosa. A imagem escolhida para ilustrar a coluna e o desenho de coração também dialogam com a leitora, com esse universo feminino. Também é reforçado o estereótipo de que o romantismo é uma característica típica feminina, tanto na própria fala da garota, que se mostra a que mais sofreu com a separação e a importância do namorado em sua vida - "[...] sempre há uma luz no fim do túnel. E a minha era o Lucas." -, quanto na escolha das cores e da imagem.

Aqui a revista dialoga com os comentários do casal, já que amplia a questão abordada, e dialoga também com o seu destinatário, pois ao usar o pronome de tratamento *você*, se refere também ao leitor, que possivelmente pode estar vivendo uma situação parecida com a

do casal, e, por meio de uma possível identificação, a leitora possa tomar essas falas como conselhos. Dessa maneira, a coluna de aconselhamento dita conselhos e sugestões, motiva o leitor a mudar de atitude tanto por meio da citação direta da fala dos adolescentes quando por meio da própria voz da revista. A revista se posiciona novamente como uma amiga, uma conselheira.

Destacamos que a voz do leitor pertence à menina, já que a revista se direciona a ela, porém, a voz de autoridade é tanto da menina quanto do menino, já que a leitora quer tanto ouvir a opinião de garotas e garotos adolescentes, o argumento de autoridade passa por quem as leitoras querem ouvir.

Por meio da voz do leitor e da própria revista, a coluna procura ditar conselhos, causar a reflexão sobre o assunto. Assim, a coluna se configura como um espaço de circulação de discursos relacionados à intimidade do casal, trazidos por meio da citação direta da fala do leitor. A esfera de atividade jornalística é atravessada pela esfera íntima. Há a predominância da narração no relato, a exposição da intimidade dos adolescentes, o que pressupõe uma certa confiança na revista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi investigar enunciados verbais e não-verbais a fim de refletirmos sobre a maneira como se concretiza a presença da voz do leitor adolescente em diferentes gêneros do discurso presentes na revista impressa *Capricho*. Após percorrermos um caminho em busca de quais gêneros ocorria uma forte presença da voz do leitor, cotejando os textos em busca das singularidades que a voz do leitor produziria nos gêneros jornalísticos, realizamos uma análise discursiva de dois gêneros do discurso jornalístico, *reportagem* e *coluna de aconselhamento*, presentes na seção *Você* da revista, a fim de observarmos a presença da voz do leitor adolescente como voz de “autoridade” dentro desses gêneros e procurando refletir sobre a possibilidade de eles se constituírem como um espaço de compartilhamento de opinião.

Dialogando com o pressuposto bakhtiniano acerca da estabilidade/instabilidade dos gêneros, a nossa hipótese era que as diferentes formas de aparecimento da voz do leitor produziria alterações importantes nos gêneros jornalísticos na revista. Por meio das análises dos enunciados verbo-visuais, a partir da perspectiva bakhtiniana, podemos destacar algumas considerações acerca da presença da voz do leitor nos dois gêneros escolhidos.

As reportagens e as colunas de aconselhamento analisadas são compostas prioritariamente com trechos de opiniões e relatos de experiência selecionados e editados pela revista. Os relatos, colocados entre aspas, funcionam como argumento de autoridade, já que eles têm experiência, vivência nos assuntos e, portanto, podem dividir com as leitoras como resolveram os problemas abordados, podendo aconselhá-las. São vozes de leitoras adolescentes que falam, expõem valores referentes à adolescência para outros leitores adolescentes. Além disso, ao colocar os relatos ao lado da voz de especialistas, a revista coloca a voz da leitora como autoridade.

Entretanto, destacamos que a presença da voz de autoridade do leitor é atravessada pela autoridade da revista, que por meio da voz das jornalistas, aconselha, faz uso do texto prescritivo, sugerindo maneiras de agir. Assim, podemos notar essa hierarquia na composição do gênero, na reportagem, por meio das introduções, dos boxes e legendas, e na coluna de aconselhamento, por meio dos subtítulos, legendas e boxes. Apesar de a voz do leitor ser uma voz de autoridade, a revista não dispensa a hierarquia entre elas. Assim, a principal voz de autoridade ainda é da revista. Pensando na relação entre enunciador e o destinatário, apesar da voz da revista muitas vezes estabelecer uma relação de proximidade com a leitora, a vozes das

jornalistas e dos especialistas apresentam uma voz social moralizante, indicando um tom didático, professoral, ao dialogar com o leitor.

Nos dois gêneros analisados, os relatos são organizados em blocos, o que nos remete à ideia de um mural, podendo também ser relacionados com a linguagem da internet, pois muitas vezes a leitura por meio de computadores, *tablets* e celulares é feita em "blocos", de maneira fragmentada. Essa disposição na página permite ao leitor mais liberdade no "movimento da leitura" do texto. Esses relatos são colocados por meio de discurso direto, fazendo uso das aspas. Ao introduzir a palavra do outro por meio do discurso direto, a revista dá a palavra à leitora, entretanto, ela faz uso do discurso direto a fim de reforçar o seu posicionamento ideológico.

Destacamos que esses gêneros são atravessados por conflitos, estabilizações de valores, sendo um espaço de luta. Observamos, por exemplo, em uma das reportagens analisadas, que apesar da revista trazer um assunto novo como a amizade entre meninas e gays, ao mesmo tempo ela reforça valores estabilizados, reforçando o estereótipo da amizade entre meninas, se mostrando ora conservadora, ora não.

Destacamos que as vozes dos especialistas que aparecem em discurso direto, entre aspas, como uma voz de uma autoridade no assunto, sendo acompanhada, inclusive, pela sua instituição de trabalho, é importante na construção da argumentação, já que essas vozes aconselham, indicam comportamentos a serem seguidos, nas reportagens e nas colunas, além de representarem o posicionamento ideológico da revista. Nas reportagens analisadas, pensando na relação com o leitor, a revista imagina uma leitora adolescente que necessita de orientação com relação ao tema tratado. Assim, a jornalista, ao trazer informações dadas por uma especialista, em boxes, explora o aconselhamento, pois as vozes são pautadas em dicas, conselhos e instruções para a leitora, assumindo uma estrutura estilisticamente próxima a estrutura da coluna de aconselhamento.

Reforçando esses estereótipos ligados ao universo do feminino, destacamos que as cores e as imagens construídas nesses enunciados reforçam estereótipos e posicionamentos ideológicos da revista, por exemplo a ideia de uma adolescente romântica, que necessita de conselhos, por meio de cores como rosa, lilás e símbolos como corações, e a presença do discurso do amor e das relações conflituosas entre filhas e mães. Dessa maneira, verbal e o não-verbal constituem o enunciado como um todo, reforçando os discursos das vozes dos especialistas e das vozes dos adolescentes.

Com relação à linguagem utilizada pela revista, ela se aproxima da linguagem típica das adolescentes, com gírias e expressões típicas da oralidade, sofrendo influência da internet,

já que é um suporte muito utilizado por jovens. Assim, pode ocorrer um efeito de identificação com a leitora, já que o informal atravessa as vozes presentes nesses gêneros analisados, tanto das jornalistas quanto das leitoras que falam.

O uso do pronome de tratamento "você" pela revista também reforça essa relação de proximidade entre o narrador e o destinatário. Além disso, ao fazer uso de uma linguagem próxima à utilizada na internet, a revista cria uma proximidade com a leitora, já que é um suporte muito utilizado pelas leitoras.

Ao pensarmos a respeito da presença da voz do leitor como voz de "autoridade" dentro dos gêneros reportagem e coluna de aconselhamento presentes na seção *Você* da revista impressa *Capricho* e pensarmos em como essas vozes influenciaram na constituição desses gêneros, procuramos contribuir com a discussão sobre gêneros discursivos, principalmente com relação à estabilidade/instabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Tradução de P. Bezerra. 6ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. A pessoa que fala no romance. *Questões de literatura e de estética*. A teoria do romance. Trad. Aurora Forno Bernardini et al. 3. ed. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1993. (Original russo, 1934-1935).

BAKHTIN, M.M./VOLOSHINOV, V. N.. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 16ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, M.M/VOLOSHINOV, V. N. *Discurso na vida e discurso na arte* : sobre poética sociológica. Tradução de C. A. Faraco; C. Tezza. Circulação restrita. [1926].

BAHIA, J. *Jornal, história e técnica*. 4. ed. São Paulo: Ática. 2v. v2: As técnicas do jornalismo, 1990.

BARZOTTO, Valdir H. *Leitura de revistas periódicas: forma texto e discurso - um estudo sobre a revista realidade (1966-1976)*. Campinas, 1998. (Tese de Doutorado) Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. 1998.

_____. Um projeto de formação de leitores nas páginas de revistas periódicas. In: *Revista da ANPOLL*, n. 18, 2005, p. 217-239.

BIAJOTI, M. T. S. *Cartas do Leitor em Nova Escola e Veja: uma análise dialógica*. 2012. 151f. (Trabalho de Conclusão de Curso) Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.

BOURDIEU, P. *Science de la science et réflexité*. Paris: Raisons d'Agir, 2001

BRAIT, B.; MELO, R. de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In.: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2013. p.61-78.

BRAIT, B. Estilo. In.: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2013b. p.79-102.

_____. Análise e teoria do discurso. In.: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p.79-102.

_____. Linguagem e identidade: um constante trabalho de estilo. *Trab. educ. saúde* [online]. 2004, vol.2, n.1, pp.15-32.

_____. *O conceito de estilo em Bakhtin: dimensão teórica e prática*; 2003; Comunicação; 13o. In: *PLA: Metodologias de Pesquisa em Linguística Aplicada*; LAELPUC-SP; Português; PUC-SP; São Paulo; BRASIL.

CAPRICHIO. São Paulo, n. 1166, 13 jan. 2013

_____. São Paulo, n. 1168, 10 fev. 2013

_____. São Paulo, n. 1172, 07 abr. 2013.

_____. São Paulo, n. 1173, 21 abr. 2013.

_____. São Paulo, n. 1174, 05 maio. 2013.

_____. São Paulo, n. 1178, 30 jun. 2013.

_____. São Paulo, n. 1184, 19 set. 2013.

_____. São Paulo, n. 1185, 06 out. 2013.

_____. São Paulo, n. 1186, 20 out. 2013.

_____. São Paulo, n. 1188, 14 nov. 2013.

_____. São Paulo, n. 1190, 12 dez. 2013.

_____. São Paulo, n. 1191, 29 dez. 2013.

CEREJA, W. Significação e tema. In: BRAIT, Beth (org). *Bakhtin: Outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p.201-220.

CHARTIER, ROGER. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII*. Trad. de Mary Del Priori. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

CHARTIER, ROGER. *Práticas da leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, ROGER. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. de Reginaldo Carmello Correa de Moraes. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.

_____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII*. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.

_____. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 77-106.

COIMBRA, Oswaldo. *O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura*. São Paulo: Editora Ática. 2004.

CURCINO, L, F. *Práticas de leituras: os limites e as possibilidades instauradas pela materialidade do suporte de textos revista*. 2003. 148f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa), Faculdade de ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2003.

_____. *Práticas de leitura contemporâneas: representações discursivas do leitor inscritas na revista VEJA*. 2006. 337f. Tese (doutorado em Linguística e Língua Portuguesa), Faculdade de ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

_____. *História(s) da(s) Leitura(s) e a análise do suporte d textos*. Linguagem. Estudos e Pesquisas, Catalão, v. 6-7, n.1, 2005.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. *A conversação na entrevista de perfil na mídia escrita: uma questão para o ensino*. Filol. Linguíst. Port., São Paulo, v. 17, n. 1, p. 157-177, jan./jun. 2015.

FIORIN, J.L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo, Editora Ática, 2006.

FREIRE FILHO, João. *Em cartaz, as meninas superpoderosas: a construção discursiva da adolescência feminina na revista capricho*. Revista Fronteiras - estudos midiáticos, São Leopoldo, v.3 n.2, p.102-111, maio/agosto 2006.

GAYDECZKA, Beatriz. A multimodalidade da reportagem impressa. *Estudos Lingüísticos XXXVI(3)*. Setembro-dezembro, 2007. p. 108 / 115.

GERALDI, W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In:GRUPO DE ESTUDOS DE GÊNEROS DO DISCURSO (GEGE). *Palavras e contra palavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

GRILLO, S. C. Esfera e campo. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin – outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. A oralidade no jornalismo impresso: estilo e regras de representação para o discurso relatado. *Linha D'Água*. São Paulo: Humanitas, v.17, p.77 - 86, 2005.

_____. *Divulgação científica: linguagens, esferas e gêneros*. Tese. 325f. Faculdade de Filosofia, ciências e Letras-USP. São Paulo, 2013.

HOHLING DA SILVA, N. *O gênero pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. 2. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2002.

_____. *Ideologia e técnica da notícia*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 2003. Série Princípios.

MANUAL GERAL DA REDAÇÃO. 2. ed. São Paulo: Folha de São Paulo, 1987.

MAROCCO, Beatriz. A palavras dos intelectuais na mídia. In:TAVARES, Frederico de Melo B; SCHWAAB, Reges. (orgs). *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre: Penso, 2013.

MARTINS FILHO, E. *Manual de redação e estilo*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 2a ed.1992.

MELO, José Marques (org.) *et ali. Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal. Folha de São Paulo...* São Paulo : Universidade Metodista. 1998. Trabalho apresentado no 21º Intercom, Recife, 1998. Não publicado.

MELO, José Marques de. *A opinião no Jornalismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. *Gêneros Jornalísticos na Folha de São Paulo*. São Paulo : FDT, 1992.

NOVO MANUAL DA REDAÇÃO: *Folha de São Paulo*. 6a. ed. Folha de São Paulo, 1996.

PEREIRA, R. C. M; LEITÃO; P.D.V. Apreensão do discurso de outrem e autoria em gêneros acadêmico-científicos. *Veredas temáticas*. Juiz de Fora - MG, v.19, n 2, p.195-208, 2015.

PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. O argumento de autoridade. In_____: *Tratado da argumentação: A nova retórica*. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. Martins Fontes, São Paulo, 2005.

POSSENTI, S. Ensinar estilo?. *Calidoscópio*. Vol. 5, n. 1, p. 19-23, jan/abr 2007.

SCALZO, M. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto. 4ed. 2014.

SEIXAS, Lia. *Redefinindo os gêneros jornalísticos – Novos Critérios de classificação*. Disponível em www.livroslabcom.ubi.pt. LabCom Books, 2009

SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero*. Campinas, Mercado de Letras, 2009.

SODRÉ, M.; FERRARI, M. H. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. Coleção Novas Buscas em Comunicação, vol. 14. São Paulo: Summus, 1986.

SOUZA, Jorge Pedro. *Elementos de jornalismo impresso*. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2005.

SCHIBUOLA, T, Oi da editora. In: *CAPRICHOS*. São Paulo, n. 1185, 06 out. 2013.

VILA BOAS, S. *Estilo magazine: o texto em revista*. São Paulo: Summus. 1996.

ANEXOS

ANEXO A - Coluna de aconselhamento da seção *Moda e Beleza*

Capricho - 05 de maio, edição 1174

meu corpo

Colaboração Camila Saipo (texto)

Garota enxaqueca

Não é fácil, mas é possível conviver com esse tipo supercomum (e chato) de dor de cabeça.



ROLA COMIGO

"Minha cabeça costuma doer quando estou na escola ou na frente da TV. É enxaqueca?"

Rafaela Giacchini, 16 anos

CH: se a sua dor começa nas situações que citou, provavelmente você apresenta algum problema de visão, o que não tem nada a ver com enxaqueca. Lembra das outras quase 200 possibilidades? De qualquer forma, procure um médico para resolver a questão. Ficar sofrendo não dá!

"Tenho enxaqueca quando estou no período pré-menstrual. Isso é normal?"

Pâmela Letícia, 17 anos

CH: bastante, por causa das variações hormonais. Para evitar as crises, não há receita pronta, mas é bom redobrar o cuidado com a alimentação nesta época (mais uma vez o diário ajuda) e não deixar de praticar exercícios físicos. Vale o esforço mensal para não sofrer com o problema, né?

"Ela pode ser sinal de outro tipo de problema?"

Luciene Dias, 16 anos

CH: existem dois tipos de enxaqueca: a pura, que não é indicio de problema, e a com aura, mais rara e capaz de elevar as chances de um AVC [acidente vascular cerebral]. Pessoas desse segundo grupo costumam ver pontinhos pretos ou brilhantes quando a dor está chegando - mas só um especialista pode identificar uma ou outra.

🕒 Será que eu tenho?

Vai parecer exagero, mas existem 200 tipos de dor de cabeça. E a enxaqueca é apenas um deles: uma dorzinha latejante e concentrada num ponto específico. Enjoo e vômito também são comuns e tudo piora com barulho, claridade e cheiros fortes. A enxaqueca é genética e nós somos mais afetadas do que os garotos (#Injustiça). Ah, é bem normal ela aparecer na adolescência. Mudanças hormonais, sabe como é...

🕒 Ela tem cura?

Não, porém é controlável. Analgésicos receitados pelos médicos amenizam a dorzinha que dá de vez em quando (mas abusar deles deixa o corpo dependente, o que pode aumentar a frequência das dores). Quando elas vêm sempre, há tratamentos preventivos, que diminuem a sensibilidade do cérebro aos fatores que causam enxaqueca.

🕒 Monitore sua dor

Faça um diário com o que você come, que horas dorme, que horas acorda, quanto tempo fica em frente ao computador, da televisão e dos cadernos. Anote também as dores de cabeça. Depois de dois meses, tente detectar hábitos comuns nos dias em que o problema apareceu. Assim dá para descobrir o que desencadeia sua enxaqueca. Pode ser a ingestão de certos alimentos, como chocolate e frituras, ou situações específicas, tipo estresse e noites maldormidas.

🕒 Prevenir é o melhor remédio

Para começar, o diário aí de cima vai dizer com que alimentos você deve pegar leve. Se seu problema é o nervosismo com as provas, arranje tempo para relaxar. Que tal um passeio no shopping? Atividades físicas também são bem importantes, já que estimulam o corpo a liberar endorfina, um analgésico natural. Caso a dor persista, procure um neurologista.

Quem deu as informações Paulo Porto de Melo (CRM 54048), neurocirurgião e colaborador do Departamento de Neurocirurgia da Universidade de Saint Louis (Missouri/USA), e Fabíola Daffi (CRM 118410), neurologista.

Encanou com o seu corpo? Mande suas dúvidas para nós! Acesse capricho.com.br/revista

ANEXO B - Coluna de aconselhamento da seção *Você: Ela disse/ele disse*

Capricho - 12 de dezembro, edição 1190

ELA DISSE, ELE DISSE



A primeira viagem juntos

STHEFANY



GABRIEL

MANHÊ, POSSO IR?

"Falei primeiro com a minha mãe, pois achava que ela seria mais tranquila. Quando senti que estava de bom humor, soltei a bomba. Recebi um 'não' bem grandão. Ai insisti, insisti e venci pelo cansaço. Estava superansiosa! Comecei a rezar para meu pai deixar também, senão já era. No fim, eles deixaram, mas quiseram falar com os pais do Gabriel antes."

"No Carnaval deste ano, a Sthe foi comigo para a praia. Meus tios têm casa no Guarujá e fomos passar o feriado lá. Senti que era a hora. Afinal, já estávamos juntos havia um ano, vivendo quase como casados. RSR5 Conteí para os meus pais o que estava planejando e eles logo me apoiaram. Minha mãe até ligou para a mãe dela para tranquilizá-la."

A PARTE MAIS TENSA

"Dormimos juntos, mas separados. Não estou doida! Explico: nós dormimos na sala, um do lado do outro, mas cada qual em seu colchão. Os pais dele sempre acordavam antes. Então já pensou se eles levantam, descem e dão de cara com a gente agarradinho? Ia morrer de vergonha! Usar roupas curtas na frente dos sogros também me deixou um pouco sem graça."

"Foi mais tranquilo para mim. Eu estava em casa, sabe? Minha família já a conhecia, mas eu sentia que ela estava tensa, com vergonha. Principalmente na hora de tomar banho. Isto foi o mais difícil: perceber que ela não estava 100% à vontade. Queria que ela aproveitasse cada segundo. Fiz o impossível para isso... Acho que acabei conseguindo no fim."

EU DESCOBRI QUE...

"Andar de mãos dadas na praia com ele foi melhor do que imaginava. Ai, eu sempre tive o sonho de ter esse momento fofo com o meu namorado! E, bom, eu nem ia tocar nesse assunto, mas... Príncipe, descobri que você come, hein?! Como consegue ser tão magrinho? Hahaha! Te amo muito mesmo e espero passar o Réveillon deste ano com você."

"Sei tudo sobre ela e ela tudo sobre mim. Confesso que até fiquei com medo que fôssemos enjoar um do outro na viagem, mas isso passou longe de acontecer. Para não dizer que não descobri nada de novo... Bom, a Vi (de vida) é uma dorminhoca. Fiquei impressionado com o quanto ela dorme! E quer saber? Ficava ainda mais apaixonado enquanto a observava dormindo. Linda."

SEM TRIP ERRADA

- ✦ Ajudar a mãe dele a colocar e tirar a mesa é uma forma de demonstrar que você quer colaborar.
- ✦ É chato ficar trancada no quarto ou não fazer os programas com a galera da viagem.
- ✦ Segure a onda para não brigar com o namô justamente na viagem. Já pensou o climão que vai ficar depois? #holdon

QUEM É O CASAL?

Acredita em alma gêmea? Há dois anos Gabriel Berça e Sthefany Nunes, de 16 anos, fazem tudo juntinhos. Dúvida? Pois até na mesma sala eles estudam!



Foto: Arquivo Pessoal (casal); Melina Souza (câmera)

ANEXO C - Reportagem presente na seção *Você*

Capricho - 29 de dezembro, edição 1191



COMPORTAMENTO

Summer LOVE

Amor de praia pode durar mais de uma estação ou é melhor deixar o mar levar? Seis meninas dividiram suas experiências e inspiraram as dicas que você vai ler agora

Texto **Alexandre Machado** Edição **Thiago Theodoro** Fotos **Tamara Lichtenstein** Design **Tamy Rente**

Durante as férias, você foi viajar e conheceu AQUELE garoto. Ele era lindo, corpo incrível, bom papo, mas o clima entre vocês tinha hora para acabar. Parece familiar? Toda boa história de amor no verão começa assim. O que a gente não sabe (ou melhor, na maioria das vezes, até sabe...) é como acaba. E é aí que surge uma porção de encanções. Afinal, você vive ouvindo que tem que curtir a vida. Isso quer dizer que não pode se envolver? E se acontecer? Pode dar certo nas outras estações? Como se despedir? A Carol, a Camila, a Anna, a Michelle, a Jéssica e a Sabrina dividem as histórias delas com você.

O verão acabou, o rolo, não

CAROLINA SILVEIRA, 21 anos, São Paulo (SP)

Minha história de verão aconteceu no meu prédio mesmo. Tenho um vizinho que sempre achei bonitinho e com quem vivia encontrando no elevador e na academia. Tinha vontade de puxar assunto, mas ficava na minha. Achava que ele devia dar o primeiro passo, né? Quando chegou o verão, comecei a encontrá-lo também na piscina. Um dia, não tinha outra cadeira e acabei sentando ao lado dele, mas ele estava de fone e óculos de sol - parecia não me dar muita bola. Depois de um tempo, saiu e voltou com algumas bebidas, me ofereceu uma e ficamos conversando. Nessa hora, fiquei animada porque percebi que o interesse era mútuo. Trocamos telefones e, à noite, fomos para um barzinho juntos. Lá acabamos

ficando. A gente estava um de frente para o outro, mas mal conseguia se ouvir por causa da música. Ai, ele puxou meu rosto e me deu um beijinho na trave. Quando virei, nos beijamos. No dia seguinte, ele não ligou, mas mandou um Whatsapp me chamando para a piscina de novo. O que não falta entre a gente é fogo, e a gente se vê quase todo dia. O verão passou, mas a pegação continuou ótima. O mais gostoso é o tanto de assunto que a gente tem: é raro ficarmos mais de uma hora sem uma mensagem. Ele sempre corre atrás, vem me dar "bom dia" e até já combinamos de fazer um projeto fitness juntos neste verão. Temos liberdade um com o outro e espaço para fazer coisas separados - o que não existia nos nossos namoros passados. Um rótulo pode nos prejudicar."

PEGOU! (e continua...)

★ Ô, Carol, ainda rola um medinho de se envolver, né? Mas está certa: vá sentindo o terreno antes de investir em namoro. Até porque o amor deste verão na piscina pode ser o climão do próximo inverno no elevador.

★ Quando o pecado mora ao lado, o drama da separação é menor. Mas a chance de vocês se sufocarem ou entediarem é maior. Com a Carol, isso não aconteceu porque eles se dão o tal espaço para programas sem o outro. Anotou?

★ Sabe o que fez o peguete da Carol continuar rolando depois que as férias acabaram? Eles encontraram assuntos e projetos em comum! Repare se rola essa sintonia com você e o seu.

Ih, a pegação esfriou...

CAMILA TARRAFA, 18 anos, Mogi das Cruzes (SP)

Tudo aconteceu em dezembro de 2010. Estava com 16 anos e tinha acabado de mudar de apartamento na Riviera (de São Lourenço, litoral norte de SP). Conheci um menino que morava no prédio novo e foi amor à primeira vista! Nesse dia, ele estava na piscina com alguns amigos. Durante as férias, minhas amigas acabaram ficando com eles, mas o nosso primeiro beijo demorou uns dois meses para rolar! Só foi acontecer no luau, que é uma festinha badalada do condomínio de Riviera. Eu já estava na expectativa de beijá-lo, mas sou muito tímida, então tenho certeza de que teria ficado só na conversa se ele não tivesse tomado a iniciativa. Depois disso, a gente

trocou telefones e começou a se falar por mensagem. Sempre que a gente se encontrava, acabava rolando um beijo! Isso durou o verão todo, ficamos amigos, mas, quando voltei para Mogi, a minha cidade, acabamos perdendo contato porque ele foi viajar com a família no fim das férias. Foi aí que conheci e comecei a ficar com meu ex-namorado. Com esse outro menino, a relação durou dois anos e seis meses. Durante esse tempo, não falei mais com o meu ficante da Riviera. Nunca tivemos nada sério. Foi só uma paixão de praia mesmo. Mas, sei lá... Agora estou solteira de novo e o verão está chegando. Ele já me mandou algumas mensagens para nos vermos nessas férias por lá. Quem sabe?"

É amizade!

ANNA ROCHA, 17 anos, São Paulo (SP)

Nas férias do ano passado, acabei conhecendo um amigo do meu vizinho lá do Guarujá. Nunca tinha me sentido atraída assim por ninguém! Uma semana depois, combinei uma balada e, conversando, descobri que os dois iam também. Foi um dia de pura ansiedade porque sabia que o Gustavo estaria lá e queria que ele reparasse em mim. Fiz escova e gastei um tempão com o look, mas valeu a pena. Foi ótimo por uma semana, mas nunca fomos de muita fofura: a gente ficava e depois voltava para os amigos. Só o assunto é que não acabava, pelo Whatsapp, Snapchat etc. Temos muita vontade de compartilhar as coisas. Acho que nascemos um para o outro mesmo, mas para ser BFFs."

PEGOU, DESAPEGOU (e vai pegar ainda?)

★ Aprenda com a Cami: se ligue nas oportunidades à sua frente. Se o fofo é ótimo, mas mora em outra cidade e você tem a oportunidade de conhecer outros meninos, por que não?

★ Clima bom é tudo. Como ficou a lembrança de um verão legal, os dois conseguiram manter o contato. Desde

que você não alimente esperanças, a ideia é boa. Tanto é que agora, solteira, ela pode até curtir um remember...

★ Tome cuidado: não queira fazer a desencanada se você não estiver realmente. Senão você pode acabar magoando vários caras ao mesmo tempo. E a si a mesma, é claro!

VIROU HISTÓRIA

★ Acabou a química? Calma, não o delete ainda do seu Whatsapp. Vale a pena investir um tempo no papo, afinal, vocês se divertiram juntos. Ele pode ser uma ótima companhia.

★ Se ele insistir em ficar -às vezes- ou não encarar bem o fim, essa é a dica de que você precisava, amiga. Caia fora! Não vai rolar a broderagem.

Apaixonou e não viu mais

MICHELE KALOISSIEH, 19 anos, São Paulo (SP)



Vivi um amor de verão com um português, na virada de 2011 para 2012. Estávamos hospedados no mesmo hotel em Natal (RN) e, um dia, no bar, ele veio puxar papo comigo. Assim, direto ao ponto! Fiquei um pouco envergonhada na hora, mas logo passou porque o papo dele era muito bom. Marcamos de continuar a conversa depois, à noite. Sentados na mesma espreguiçadeira à beira da piscina, rolou o nosso primeiro beijo. Foi tudo muito rápido: a gente via o pôr do sol na praia, ficava na piscina e em apenas uma semana ele já tinha conhecido minha família toda. A noite de Ano-Novo foi o máximo: pulamos as ondas juntos, tudo muito romântico! Nos apaixonamos. Acho que o ambiente influenciou muito para que a gente vivesse isso. Imagina

estar em um lugar paradisíaco com um cara superlegal? Óbvio que eu sabia que aquilo não tinha futuro, mas... Quando a viagem acabou, trocamos e-mail, telefone, Facebook e ele até fez uma cartinha para mim com o perfume dele. Foi a única carta que recebi na vida e isso tem um valor muito grande para mim. O perfume está lá até hoje! A despedida foi bem difícil. Rolou aquele famoso "a gente se fala", sabe? Até chorei e fiquei um pouco deprê na primeira semana separados. Mas, aos poucos, foi passando... A gente se fala pelo Face e eu adoro, mas nunca quisemos levar um relacionamento a distância. Apesar de tudo isso, não me arrependo nem um pouco. Foi muito bom ter vivido essa paixão, mesmo sabendo que tinha data de validade. Quem sabe, se ele voltar para o Brasil, a gente não consiga se ver?"

DESAPEGOU, mas precisa superar

★ Na história da Mi, só falta o Ryan Gosling, né? Dá para ver que ela estava apaixonadíssima (talvez ainda esteja) e que o cara era incrível. O único perigo é idealizar: o tempo de convivência de um casal de férias é pequeno e talvez ele não combine tanto assim com ela...

★ Quando acabar, não vale embarcar na deprê como ela, hein! Passe um tempo com as amigas e volte à rotina. Assim é mais fácil desenganar.

★ Manter contato pode não ser uma boa se você ainda tem esperanças. Claro, a gente não conhece o futuro, mas lide com os fatos à sua frente: vocês não estão juntos. Assim, se rolar um dia, será uma incrível surpresa.

ELE É O CARA

Aquelas figurinhas que se repetem (não só) no verão



O APAIXONADO

Igual ao Noah de *Diário de uma Paixão*. Ele quer ficar com você na praia, no campo, em qualquer estação. E faz questão que você saiba: ele demonstra!



O PLATÔNICO

Como o Duncan de *O Verão da Minha Vida*, esse garoto adora estar com você, mas provavelmente não fará nada a respeito.

O COMPANHEIRO

Tipo o Charlie de *Cartas para Julietta*. Esse cara está do seu lado as férias todas, não desgruda (e até implica um pouco). Pode render uma amizade ou namoro!



Totalmente platônico

JÉSSICA DIAS, 16 anos, São Leopoldo (RS)



Conheci minha paixão no verão de 2011, quando fui passar umas semanas na casa de praia com meus tios. Ele é irmão de uma amiga da nossa vizinha e, logo na primeira vez em que o vi, senti aquele friozinho na barriga. Bonito, alto, olhos azuis, cabelo bem pretinho, mais velho que eu... Ele era o tipo de que as gurias gostam. Trocamos MSN e começamos a conversar, mas até então nem tinha comentado nada com ele, era uma coisa platônica. Até que um dia ele se declarou, disse que tinha ficado a fim de mim, me achado bonita e tudo mais. Claro que me derreti, né? Mas foi um choque porque nunca tinha cogitado a possibilidade de ser verdade. Acho que nem reagi, só concordei com ele e tratei de mudar de assunto porque sou meio envergonhada. Haha. Depois disso, infelizmente passamos

a nos falar menos. Não que tenha ficado um clima estranho entre a gente, mas ele precisou se mudar para uma cidade mais longe e acabamos perdendo totalmente o contato. Ele não entrava na internet mais com tanta frequência. No ano seguinte, fui para praia de novo e lá estava ele. Nós sempre dávamos voltas na praia juntos, conversávamos bastante e rolava uma química, mas não chegamos a ficar porque tínhamos medo de alguém ver e proibir. Ele já era maior de idade e eu não. No início deste ano, nos vimos novamente durante uma semana na praia e fizemos vários programas juntos: assistíamos tevê na casa dele, íamos para a praia, jogávamos cartas etc. Mas nada aconteceu de novo. Foi meio pesado vê-lo duas semanas, sentir tudo aquilo e ir embora. Somos muito amigos, mas aquela chama de esperança não apagou."

NÃO PEGOU E NEM DESAPEGOU

★ PARA TUDO! Gata, por que sofrer? Ele estava a fim de você. Não faça como a Jé. Fique esperta quanto aos sinais que o cara dá. Do tipo: passar o tempo todo com você no Whatsapp.

★ Se arrependa apenas do que não fez. É, esse é um caso em que você perde

apenas por não fazer nada! Aproveite as experiências no seu caminho. Rende, no mínimo, uma boa história.

★ Evitar ficar costuma surgir do medo de viver aquela fantasia linda da sua cabeça e se frustrar. Olha, saber a verdade ajuda a partir para outra! ;)



PLAYLIST DO AMOR

Para ouvir enquanto curte o boy deste verão :)

Better Together
Jack Johnson

Morena
Scracho

Let'em Shine Below
Holger

Forever
Haim

Jump in the Pool
Friendly Fires

Chloe
Emblem3

California Gurls
Katy Perry

Summertime Sadness
Lana Del Rey

Summer Jam
Underdog Project

Virou o cara da vida dela

SABRINA LARANJEIRA, 20 anos, São Paulo (SP)

ee Meu amor de verão virou uma história de seis anos. Nos conhecemos pequenos, em Salvador (BA). Ele era de Vitória (ES), mas sempre passava férias lá. Achava o Maurício lindo, mas era meio inocente. Alguns anos depois (em 2007), pedi o perfil dele no Orkut para uma amiga. Queria perguntar se ele se lembrava de mim. Ele respondeu. Ficava horas falando com ele, me apaixonei! Até que, na metade de 2008, ele pediu para a gente parar. Eu tinha 14 anos. Foi um drama! Fiquei três dias sem comer, chorando. Aí, em janeiro de 2009, o vi por acaso, jogando bola na areia. Meu coração foi até a boca! Ele veio me abraçar e conversamos à beira-mar. Mas ele estava namorando. Um ano depois, nos vimos de novo. Ele estava solteiro e, um dia, voltando da praia, parei

embaixo de uma árvore. Ele percebeu que aquele era o momento certo e demos o primeiro beijo. Foi tão íntimo. A árvore ainda está lá, para a gente lembrar. Passamos o mês inteiro juntos! A gente não quis se prender para não se magoar. Estávamos naquela fase de vestibular, ele distante... Só nas férias, em 2011, é que me ligou para contar que estava namorando. Desabei. E prometi que não tomaria mais a iniciativa. Em 2012, recebi uma carta dele, pedindo para me ligar no meu aniversário porque havia meses queria falar comigo, mas não se sentia no direito pelo que tinha feito. Respondi 'sim' por inbox. Foram 4h30 no telefone! No Ano-Novo, ele foi me ver e ficamos. A partir daí, a coisa ficou séria. Ainda não o avisei que contei nossa história na CAPRICHÔ, mas pretendo mostrar, né? Rs.

Quem deu as informações Francisco Toro, professor de psicologia da PUC-SP, e Denise Fávoro, psicóloga especializada em adolescentes.

PEGOU e não larga!

★ Vale a pena namorar o cara da praia? Sim, se ele também correr atrás quando o verão acabar. A Sabrina estava certa quando resolveu não procurar mais o Maurício. Ela já tinha feito a parte dela. Era a hora dele de demonstrar interesse na relação.

★ Agenda cheia: não adianta fazer a louca e perseguir o cara se vocês não tiverem *timing*. A Sã e o Maurício tiveram que driblar namoros e vestibular para se acertar.

★ A distância: é, gata, você vai precisar de uma dose extra de confiança, envolvimento e esforço para funcionar. Estar num relacionamento é como andar de mãos dadas. Elas precisam balançar juntas, no mesmo ritmo. Não vale um ter que puxar o outro.

ANEXO D - Coluna de aconselhamento da seção *Você: Terapia de grupo*

Capricho - 11 de Agosto, edição 1181

terapia de grupo

Texto Karolína Pinheiro e Giselle Hirata Foto Raoni Maddalena Ilustração Baby C.

Viciada em junk food

Salgadinho, refrigerante, chocolate... Como resistir a todas essas tentações?

“Juro que tento me controlar, mas é mais forte do que eu! Sou viciada em hambúrguer e batata frita. Já fiz de tudo para parar, mas não fico feliz se não passar na lanchonete depois da escola. É como se, após um dia ruim, eu merecesse isso, sabe? Sei que vou engordar e acabar sem mesada todos os meses, mas não consigo parar. Socorro!”

G.D., 15 anos

Ai, como eu me livro dessas gordices?



OCUPE A MENTE

“E o corpo também. É a melhor maneira de esquecer a vontade de comer bobearas. Procure uma atividade legal, que possa distraí-la e fazer você parar de pensar em comida o tempo todo. Funcionou comigo! Me matriculei em uma academia de muay thai e estou amando. Me sinto mais disposta e agora tenho uma boa alimentação porque quero melhorar meu rendimento no esporte. Quando você tem foco, tudo fica mais simples. Isso não significa que você precisa deixar de comer hambúrguer. É só aprender a equilibrar e não exagerar, né?”

Heloísa Campos, 16 anos, agora aposta em uma dieta saudável.

FAÇA TROCAS

“Eu também era dessas. Sempre fui louca por doces: fazia brigadeiro de panela todos os dias e comia sozinha! Com isso, engordei muito rápido e algumas estrias apareceram. Fiquei desesperada e resolvi que tinha que parar. Pedi ajuda para minha mãe (sim, é mais fácil quando você conta com o apoio de alguém!) e comecei a mudar alguns hábitos. Sempre que sentia vontade de comer doce, comia uma fruta – que também é doce, só que mais saudável, né? Você pode trocar o refri por suco, por exemplo. É bem complicado no começo, mas depois você se acostuma.”

Karia Franco, 15 anos, não come chocolate há três semanas.

FORÇA DE VONTADE

“G., junk food é muito gostoso mesmo. Mas vale lembrar que não é nada saudável, né? Para começar, tente evitar o combo hambúrguer, batata frita e refrigerante todos os dias. Você pode ir domando o vício aos poucos: um dia come só o hambúrguer e, no outro, só a batata. Depois dessa etapa, que tal ficar um dia sem esse cardápio? Comer só nos fins de semana também é uma ótima opção. Nessas horas, é importante que você seja mais forte do que a compulsão. Aos poucos, fica mais fácil controlar a vontade. #boratentar #voceconsegue.”

Mara Pusch, psicóloga e consultora de imagem da Unifesp

Não sabe como resolver o dilema? Escreva pra gente em abr.io/terapia

ANEXO E - Subseção *Micos* presente na seção *Diversão*

Capricho - 10 de Maio, edição 1170

micos Edição Jerri Dias Ilustração Victor Beuren

A espanta-gatos

“Morro de medo de borboletas. Um dia, estava conversando com um menino lindo e uma delas apareceu. Fingi que prestava atenção nele, mas, quando ela chegou perto, gritei: ‘Sai pra lá bicho feio!’ O garoto achou que era para ele.”

Mico enviado por J.G.

ANALISA JERRI: esse ficou traumatizado pelo resto da vida!



Que nome lindo!
“Eu estava na casa de uma colega e começamos a falar sobre nomes diferentes. Eu disse que não gostava de Betânia. Depois, descobri que esse era o nome da mãe dela!”
Mico enviado por B.S.

EXPLICA JERRI: e o que você acha de Jerri? Fala logo, hein? Hein? Hein?

Prato do dia: carvão
“Meu namorado voltou de viagem e decidi fazer um jantar. Quando voltamos do aeroporto, estava tudo PRETO! Eu esqueci o forno aceso e a comida queimou!”
Mico enviado por M.B.

ASSA JERRI: quer dizer que ele não curte uma carne beeem passada?

Bateu, levou
“Estava procurando meu irmãozinho no mercado. Vi um menino de costas e dei o maior tapa, achando que era ele. Mas não era! A mãe dele viu e ficou muito brava.”
Mico enviado por C.P.

ALERTA JERRI: dá cadeia bater nos filhos. Imagina bater nos dos outros?

Sorriso charmoso
“Fiquei de recuperação e almocei na escola. Depois percebi que todos olhavam para mim. Quando fui ao banheiro, entendi: tinha um feijão preso no meu dente da frente.”
Mico enviado por L.Z.

EXPLICA JERRI: é por isso que se deve escovar os dentes após as refeições.

COLUNA DO JERRI

MANDAMOS NOSSO COLUNISTA FAZER UM...

Intercâmbio exótico!

OS PREPARATIVOS

Juro, eu não queria viajar, mas a editora disse que não me aguentava mais e, como não podia me mandar para o inferno, decidi que eu passaria seis meses na Mongólia. Pesquisei muito sobre o país e fiquei sabendo que viveria com uma tribo nômade que habita um terreno vegetativo. O custo total de minha estadia seria de R\$ 150. Mas a editora achou caro e, para ganhar desconto, falou para minha nova família que eles poderiam cortar meu jantar.

A VIAGEM

Meus novos pais me esperavam no aeroporto, em cima de seus cavalos. Ao chegar ao acampamento, três dias depois, eu só queria um bom banho, mas eles só tomavam banho em época de chuva para racionar a água. Após uma noite maldormida, fui acordado às 5 horas para ajudar nas tarefas. Cometi a burrada de pronunciar errado o nome de um deles, o que é considerado pecado, e fui expulso a pedradas e fezes de ovelha. Fiquei vagando pelas regiões mongóis por mais de cinco meses, comendo raízes, ratos e insetos. Pior: sem acesso ao Facebook até voltar para casa.

O ESPERADO RETORNO

Dá para imaginar como eu cheguei ao Brasil? Emagreci 10 kg, virei vegetariano e ainda não consegui tomar banho! Depois dessa, jurei que nunca mais ia botar os pés fora do nosso lindo país, mas a editora disse que, ainda este ano, vai me mandar para o Iraque. Oremos!

MICÔMETRO:

HÁ

HAHA

HAHAHA

Mande seu maior mico em abr.io/micos

86 CAPRICHIO